



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOSÉ ROBERTO MORAIS DOS SANTOS

**O COLÉGIO SERÁFICO DE SANTO ANTÔNIO E SUAS PRÁTICAS ESCOLARES
(1941- 1971)**



JOÃO PESSOA
2017

JOSÉ ROBERTO MORAIS DOS SANTOS

**O COLÉGIO SERÁFICO DE SANTO ANTÔNIO E SUAS PRÁTICAS ESCOLARES
(1941- 1971)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa em História da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wojciech Andrzej Kulesza.

Linha de pesquisa: História da Educação

JOÃO PESSOA
2017

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237c Santos, José Roberto Morais dos.
O Colégio Seráfico de Santo Antônio e suas práticas escolares (1941- 1971)
/ José Roberto Morais dos Santos. - João Pessoa, 2017.
135 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Wojciech Andrzej Kulesza.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE/PPGE

1. Educação. 2. Práticas escolares - CCSA. 3. Cotidiano escolar -
Memórias. I. Título.

UFPB/BC

CDU - 37(043)

JOSÉ ROBERTO MORAIS DOS SANTOS

**O COLÉGIO SERÁFICO DE SANTO ANTÔNIO E SUAS PRÁTICAS ESCOLARES
(1941- 1971)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa em História da Educação.

Aprovado em: 02 / 10 /2017.

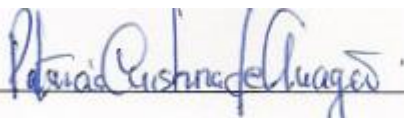
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wojciech Andrzej Kulesza– PPGE-UFPB
(Orientador)



Profª. Drª. Maria Lúcia da Silva Nunes – PPGE-UFPB
(Examinadora Interna)



Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – PPGSS-UEPB
(Examinadora Externa)

A minha família: Beatriz Vitória Almeida dos Santos (filha) e Ingrid Mayara Almeida da Silva (esposa), e a todos que contribuíram com as práticas escolares do Colégio Seráfico de Santo Antonio, em Lagoa Seca-PB. Dedico!

AGRADECIMENTOS

É com satisfação que é chegado o momento de agradecer a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para mais essa conquista. Lembro-me da minha infância humilde, onde meu pai, um analfabeto, trabalhava duro para trazer o sustento para casa; muitas vezes, faltava-nos alimento, e olhando as lágrimas escorrendo pela face do meu pai, ouvia em suas palavras a seguinte frase: “Não se preocupem, amanhã vai ser melhor”. Fui crescendo, e, com a simplicidade do meu pai, aprendi grandes valores.

Hoje, sei que o senhor meu pai está comemorando conosco essa conquista. A minha trajetória como estudante foi de muitas dificuldades, mas também de muitas alegrias. Através dessas palavras e, principalmente, da oração e da minha amizade, passo a agradecer a cada uma dessas pessoas. Assim, agradeço:

Ao **eterno Deus**, por ser força presente e constante em minha vida; por me dá a sabedoria necessária para enfrentar as adversidades que surgiram nesse transcurso, fortalecendo minha fé e mostrando-me que é possível dar mais um passo nessa caminhada.

A minha filha, **Beatriz Vitória Almeida dos Santos**, pelas vezes que estive ausente no seu crescimento, longe de casa; muitas vezes, cansado e com fome, quando ouvia sua voz ao telefone, as lágrimas escorriam em minha face, isso só me dava a certeza de que todo esse sacrifício seria por você.

A minha esposa, **Ingrid Mayara Almeida da Silva**, que sempre foi a base da nossa família, fazendo, muitas vezes, o papel de pai na minha ausência, educando nossa filha. Sei que, muitas vezes, você não entendia a minha ausência, mas a respeitava. Você teve um papel fundamental para essa conquista.

A minha mãe, **Maria Suely Morais Santos**, por sempre ter me proporcionado uma boa educação, e, principalmente, por me incentivar a estudar.

Ao meu pai, **José Roberto dos Santos**, (*In memoriam*), por despertar em mim a perseverança e me mostrar que, com garra e fé, é possível vencer.

À amiga, **Wanderléia Farias Santos**, por inúmeras vezes ter paciência e dedicação ao discutir comigo alguns textos, analisando algumas produções minhas, e, assim, pôde contribuir, com seus conhecimentos, para a construção dessa dissertação.

Aos compadres, **Eugênio de Saraiva Gonzaga** e **Nathalia Costa Gonzaga Saraiva**, pelo carinho, incentivo e apoio ao longo desse percurso.

Ao meu orientador, **Dr. Wojciech Andrzej Kulesza, (Tek)**, pela paciência, dedicação empenho, e, principalmente, pela humildade que desempenhou para comigo. Quero lhe

agradecer pela ética e compromisso para a construção dessa dissertação. Serei eternamente grato ao senhor!

Aos professores de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB), de modo particular aos professores: **Mauricéia Ananias, Maria Lúcia da Silva Nunes, Claudia Engler Cury, Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, Maria Elizete G. Carvalho e Fabiana Sena** pelos ricos momentos de construção de conhecimento.

À turma 36 do Mestrado e Doutorado em Educação, que me proporcionou significativas interações.

Ao **frei Francisco Alexandre de Lima**, pela simpatia com que me recebeu nas visitas feitas ao Convento Ipuarana.

Agradeço aos funcionários, à direção, aos irmãos leigos, ex-alunos e ex-professores do Antigo Colégio Seráfico de Santo Antonio, hoje, Convento Ipuarana, pelas relevantes contribuições para esta pesquisa. De modo especial, quero agradecer a **Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário), Rafael Gomes da Silva (frei Anésio Gomes da Silva) e José Cardoso (frei Petrônio)**.

Por fim, agradeço a **todos** que, de alguma forma, incentivaram, participaram e, principalmente, acreditaram na realização desta etapa. Meu sincero AGRADECIMENTO!

RESUMO

A presente dissertação pretende analisar as práticas escolares ocorridas no Colégio Seráfico de Santo Antônio, em Lagoa Seca-PB, no período de 1941 a 1971. Nessa perspectiva, a contribuição da Nova História Cultural possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa, com um novo olhar investigativo acerca de sujeitos que antes eram renegados pela História Tradicional. A metodologia deste estudo utiliza a história oral e memória como fontes historiográficas aliadas às fontes imagéticas. A contribuição desses sujeitos se fez através de suas memórias, tendo em vista que esses sujeitos não guardaram consigo cartas, diários, cadernos, entre outros. Desse modo, compreende-se que não há como estudar as práticas escolares sem traçar a trajetória em que essas relações se produzem. Ao analisar essas práticas escolares, percebe-se um pouco mais sobre a história da educação no referido município e as contribuições que essas práticas trouxeram. O recorte temporal utilizado possibilita entender e conhecer um pouco mais da história do CSSA. No que se refere aos conceitos que fundamentaram essa dissertação, destaca-se: discussões a cerca do que é a história cultural de Burke (2005); o papel da igreja na educação escolar masculina na década de 1950 de Chaves (2012); cultura e práticas escolares na perspectiva de Vidal (2006); e as novas abordagens do campo da história da educação brasileira de Ricouer (2007). Quanto à discussão temática sobre a instituição escolar as abordagens de Faria Filho (1995) e Halbwachs (2004) foram pertinentes. Dentre as várias reflexões desenvolvidas nesse estudo, pudemos concluir que o CSSA constituiu-se, com uma educação de cunho religioso, preparando alunos para a formação eclesiástica, porém nem todos os alunos se tornaram frades, tendo outras formações como advogadas, professores universitários, e várias outras profissões exercidas no norte - nordeste brasileiro, mediante um currículo e práticas escolares que enfatizaram uma formação religiosa.

Palavras-chave: Práticas Escolares. CSSA. Memórias.

ABSTRACT

The present dissertation intends to analyze the school practices that took place in the Seraphic College of Santo Antônio, in Lagoa Seca-PB, from 1941 to 1971. In this perspective, the contribution of the New Cultural History made possible the development of this research, with a new investigative look about subjects who were once reneged on by Traditional History. The methodology of this study uses oral history and memory as historiographic sources allied to imagery sources. The contribution of these subjects was made through their memories, considering that these subjects did not keep letters, diaries, notebooks, among others. In this way, it is understood that there is no way to study school practices without tracing the trajectory in which these relations take place. In analyzing these school practices, we notice a little more about the history of education in that municipality and the contributions that these practices have brought. The temporal cut used allows to understand and to know a little more of the history of the CSSA. With regard to the concepts that underpinned this dissertation, we highlight: discussions about the cultural history of Burke (2005); the role of the church in men's school education in the 1950s by Chaves (2012); culture and school practices from Vidal's perspective (2006); and the new approaches of the field of the history of the Brazilian education of Ricouer (2007). As for the thematic discussion about the school institution, the approaches of Faria Filho (1995) and Halbwachs (2004) were pertinent. Among the various reflections developed in this study, we could conclude that the CSSA was a religious education, preparing students for ecclesiastical formation, but not all the students became friars, and other formations as lawyers, university professors, and several other professions practiced in the north - northeast of Brazil, through a curriculum and school practices that emphasized a religious formation.

Keywords: School Practices. CSSA. Memoirs.

LISTA DE SIGLAS

NHC – Nova História Cultural

CSSA – Colégio Seráfico de Santo Antônio

HE – História da Educação

OFM – Ordem dos Franciscanos Menores

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário)	29
Figura 2 – José Cardoso (frei Petrônio Cardoso)	29
Figura 3 – Rafael Gomes da Silva (frei Anésio Gomes)	29
Figura 4 – Histórico escolar.....	37
Figura 5 – Mapa da cidade de Lagoa Seca	41
Figura 6 – Igreja Ns ^a Senhora do Perpétuo Socorro	43
Figura 7 – Brasão da cidade de Lagoa Seca	45
Figura 8 – frei José Mojica cantando	47
Figura 9 – frei José Mojica no Seminário Franciscano de Cusco, no Peru, em 1942	48
Figura 10 – Aula de matemática.....	73
Figura 11 – Ensaio do Coral do Colégio Seráfico de Santo Antônio	75
Figura 12 – Apresentação do Coral do Colégio Seráfico de Santo Antônio	77
Figura 13 – Exibição de Ginástica dos alunos do Colégio Seráfico de Santo Antônio	79
Figura 14 – Um dos times de futebol da década de 1950.....	80
Figura 15– Sala de aula do Colégio Seráfico de Santo Antônio	81
Figura 16 – Passeio à praia dos alunos do Colégio Seráfico de Santo Antônio	86
Figura 17 – Livro de caixa.....	93
Figura 18 – Disciplinas do CSSA no ano de 1962	95
Figura 19 – Carga horária do CSSA no ano de 1962	96
Figura 20 – Exame de Madureza.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de alunos que estudaram em Ipuarana.....	104
Gráfico 2 – Número de alunos que regressaram a Ipuarana.....	105
Gráfico 3 – Porcentagem de alunos que regressaram a Ipuarana nos anos seguintes.....	106
Gráfico 4 – Total de alunos que estudaram em Ipuarana	107
Gráfico 5 – Número de alunos que concluíram os estudos em Ipuarana	108

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO	14
1.1 A Nova História Cultural: uma história escrita a contrapelo.....	18
1.2 A história oral e memória como fontes historiográficas	23
1.3 A Legislação/ fonte documental	31
CAPÍTULO 2 - LAGOA SECA: O DESPERTAR PARA O MUNDO CIVILIZADO.....	40
2.1 Lagoa Seca: a cidade e suas memórias	40
2.2 A vinda dos franciscanos para Lagoa Seca-PB	48
2.3 Fundação e ampliação do Colégio Seráfico de Santo Antônio	64
CAPÍTULO 3 - CULTURA E PRÁTICAS ESCOLARES: O COTIDIANO DO CSSA	
COMO OBJETO DE PESQUISA	70
3.1 A cultura escolar como suporte teórico para o entendimento das práticas escolares do CSSA	70
3.2 Memórias: breves considerações sobre o cotidiano escolar	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	121
APÊNCICE	129

1. A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO

Nos últimos anos, as produções historiográficas em Educação no Brasil têm dado espaço a uma variedade de temas e abordagens. No estudo em questão, pretende-se trabalhar com as práticas escolares ocorridas no Colégio Seráfico Santo Antônio. Esse e outros estudos têm sido tematizados devido à influência da Nova História Cultural, que permitiu, entre outras coisas, uma visão não linear dos fatos e a ampliação de novos objetos, novas abordagens e fontes.

Assim, esta dissertação dá prosseguimento a um interesse acadêmico, surgido ainda na graduação em Pedagogia, que pôde ser aprofundado no mestrado em Educação, na linha de História da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. O interesse acadêmico a que me refiro diz respeito às práticas escolares, que ocorreram no Colégio Seráfico de Santo Antônio – CSSA; hoje, Convento Ipuarana, na cidade de Lagoa Seca, Paraíba.

Cabe aqui mencionar, mesmo que sucintamente, que esse interesse pelo qual me tornei um pesquisador histórico-educacional começou a se delinear no momento em que fui monitor da disciplina de História da Educação I, quando cursava Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba. Na ocasião, tive a oportunidade de participar de várias discussões relacionadas à História da Educação no Brasil, sob a orientação do professor Sebastián Sánchez Martín. Dentre tais discussões, uma despertou a minha atenção, a saber: a forte relação que a educação teve/tem com a religião desde a colonização. Este foi o momento em que pude ter o primeiro contato com o campo da História da Educação.

Desse breve exposto, surgiram várias reflexões, que somente foram aprofundadas e ampliadas, através das contribuições teóricas de Chartier (1994); Faria Filho (1998); Julia (2001); Zotti (2001); Pinheiro (2011); Saviani (2013), com a intenção de se fazer pesquisa nessa área.

Parecia-me, muitas vezes, inviável e, até mesmo, impossível produzir textos acadêmicos com abordagens em torno das práticas escolares no Ensino Confessional, tendo em vista a minha pouca experiência acadêmica, bem como meu despreparo teórico e metodológico; além do desconhecimento de produções na linha da História da Educação.

Ao ter contato com o aporte teórico para a seleção do mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, comecei a repensar certos preceitos que dizem respeito à instituição católica, pois passei a tratar de temas relacionados a esta instituição com uma visão mais científica e menos religiosa, mas sempre conservando a minha fé.

Ao me apropriar, ainda que de forma breve, de autores, como: Rosa de Fátima de Souza, Vera Valdemarin, Jane Soares de Almeida, fui entendendo um pouco acerca da constituição e estruturação dos grupos escolares. Sobre o debate em torno de questões metodológicas e conhecendo sobre a condição da mulher a partir da perspectiva de gênero. Em nível local, fui me apropriando de produções historiográficas, mais especificamente no livro *Pesquisa e Historiografia da Educação Brasileira* (2006), que conta com produções de Wojciech Andrzej Kulesza, Cláudia Engler Cury, Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, Charlinton José dos Santos Machado, Maria Lúcia da Silva Nunes.

Com o ingresso no mestrado em 2016, fez-se necessário o contato com fontes que possibilitassem a sistematização do estudo proposto, além de novas abordagens, técnicas e métodos. Foi a partir desta nova apropriação que comecei a perceber que as pesquisas desenvolvidas em História da Educação da Paraíba não podiam perder o vínculo com a história nacional, com a temporalidade e totalidade, mesmo começando a entender que é um campo muito aberto para teorizações e análises.

A pesquisa em questão focaliza as práticas escolares ocorridas no Colégio Seráfico de Santo Antônio, no período de 1941 a 1971, a partir de entrevistas com ex-alunos, ex-professor e irmão leigo, além da leitura de alguns livros produzidos por ex-alunos da instituição, disponíveis em acervos particulares. De acordo com a Revista de Santo Antonio, que trata dos 30 anos do Colégio Seráfico em Ipuarana, escrita por Pereira (1972), o Colégio, durante o seu funcionamento, formou mais de 1.400 alunos, das mais diferentes regiões, com um currículo diversificado, abrangendo disciplinas de Português, Matemática, História, Religião, Civilidade, Francês, Inglês, Alemão, Grego, além de Educação Física, com ênfase em atividades esportivas.

Do ponto de vista da cultura escolar, esta dissertação contempla o conceito proposto por Viñao Frago, o qual entende a cultura escolar como uma das “caixas-pretas” da historiografia educacional. Para esse autor, a “cultura escolar vê os modos de pensar e atuar estratégias para se desenvolver tanto na escola quanto fora dela” (VIÑAO FRAGO, 2000a, p. 100). Já do ponto de vista das práticas escolares, destaca-se a direção proposta por Castro (2004, p.274), que compreende como práticas “a racionalidade ou a regularidade que organizam o que os homens fazem, têm um caráter sistemático e geral e que, por isso, constituem uma experiência ou um pensamento”.

A nível local, são poucos os trabalhos acadêmicos encontrados que tratam de práticas escolares de cunho confessional. Aqui optamos por destacar os trabalhos produzidos por Ramsés Nunes e Silva (2012) e de Maria Cleide Soares de Sousa (2012). O primeiro, fruto da tese de doutorado intitulado de: O internato que se tece: as culturas instrucionais de

confinamento e as Damas da instrução cristã (1891-1937), traz à tona a discussão sobre as representações elaboradas para os internatos confessionais a partir do combate à secularização da instrução na transição entre os dois séculos, enfatizando principalmente a que se abateu entre os estados de Pernambuco e Paraíba. O segundo trabalho é fruto da dissertação de mestrado, tendo como título: Colégio Normal Francisca Mendes: caminhos da escola normal em Catolé do Rocha/PB – (1939 a 1959), que trouxe como lócus seu funcionamento e desdobramentos da sua cultura escolar como instituição formadora de futuras professoras.

O trabalho com as práticas escolares dessa instituição se mostrava como um desafio, pois, ao se fazer uma revisão da literatura, não foram encontrados trabalhos que abordassem as práticas escolares no CSSA; os poucos trabalhos encontrados fazem uma breve referência a tal temática, mas não de forma aprofundada, a saber: O trabalho de Elisângela Santos (2007) aborda os aspectos históricos e culturais da cidade de Lagoa Seca (1929- 1969). O trabalho de Kelyana Lustosa (2014) fala do Convento e da influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio na cidade de Lagoa Seca – PB (1942-1972) e, em última instância, o trabalho de Guilherme Arruda e Kelyana Lustosa (2015), abordando a história da primeira instituição pública do município de Lagoa Seca.

Desse modo, esse estudo tem uma abordagem pautada no seguinte objetivo: apreender as práticas escolares, ocorridas no Colégio Seráfico de Santo Antônio, com um olhar voltado para o período de 1941-1971. Acentuando contornos a essa pesquisa, temos como objetivos específicos: apresentar a história dessa instituição, bem como conhecer sua proposta educacional e identificar os traços da cultura escolar existentes no período na instituição, através das memórias de ex-alunos, ex-professor e irmão leigo, fontes imagéticas e escritas.

Cabe aqui um breve destaque a respeito do funcionamento do Colégio Seráfico: já nos últimos anos de seu funcionamento, o Brasil vivia na conjuntura da ditadura civil-militar e a Igreja Católica assumiu um papel de destaque na luta contra a repressão e a tortura, atuando pela defesa dos direitos humanos, sendo uma das mais importantes instituições de oposição a essa ditadura.

O Convento Ipuarana e, conseqüentemente, o CSSA não sentiram tanto essa repressão, pelo fato de que a instituição funcionava em forma de internato. Conforme o ex-aluno e ex-professor da instituição, o senhor Cícero Agostinho Vieira, em entrevista para esta pesquisa, no dia 07 de julho de 2017, mencionou que: *“apenas alguns frades que trabalhavam nas capelas foram hostilizados por agricultores, mas isso não interferiu diretamente a visão do Colégio”*. Merece destaque aqui o sequestro de Dom Adriano Hipólito, ex-professor do CSSA, na época, bispo da Diocese de Nova Iguaçu- RJ. Dom Adriano foi sequestrado em 22 de setembro de

1976, por denunciar, veementemente, o desprezo e as injustiças contra a população de Nova Iguaçu – RJ. O sequestro repercutiu fortemente na Igreja, principalmente no episcopado, pelo fato de explodirem o carro de dom Adriano em frente à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. O bispo foi deixado horas mais tarde, despido, com as mãos amarradas e pintado de vermelho.

O recorte temporal, definido nessa pesquisa, foi proposto, porque o ano de 1941 foi o primeiro ano de funcionamento do Colégio Seráfico. Além disso, o ano de 1971 foi escolhido, pois foi o momento em que este estabelecimento de ensino deixou de funcionar como instituição escolar e passou a ser, exclusivamente, Convento.

Nesse sentido, as perguntas que se seguem expressam, de certa forma, o direcionamento desta pesquisa e a discussão empreendida nesta dissertação: como eram as práticas escolares no Colégio em questão? Como era a rotina dos alunos? Quais disciplinas eram estudadas por série? Qual o perfil dos alunos e dos professores? Quais os elementos do cotidiano escolar desse Colégio (tempo escolar, avaliações, disciplinas escolares, material didático)? É importante destacar que a confecção dos livros e sua encadernação era realizada na própria instituição pelo frei Fidelis (jubilado) e sua equipe.

Mediante o objeto de pesquisa, o aporte teórico deste estudo contempla a Nova História Cultural, pois, nesse campo, nas palavras de Burke (2005, p.61), “as experiências concretas, individuais ou locais, reingressam na história”. Vale lembrar que esta pesquisa contou com o auxílio da história oral como abordagem metodológica, tendo como fonte as narrativas orais, que, cada vez mais, vêm contribuindo com o campo da História da Educação, trazendo à tona novos debates de indivíduos, que antes eram renegados pela História Tradicional.

Atualmente, são várias as pesquisas, em História da Educação, que utilizam a memória como fonte historiográfica. Essas pesquisas não procuram apenas a “preservação” da memória, mas também priorizam uma leitura da história quando rompem com metodologias tradicionais, como a coleta e a organização de documentos escritos, artefatos, considerando uma nova possibilidade historiográfica quando oferece, também, através da memória, um rico conjunto documental.

Após o encaminhamento do projeto de pesquisa à Plataforma Brasil, além do processo de transcrição e de devolução aos entrevistados para leitura e autorização, e do cumprimento de todas as etapas, tal projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade Federal da Paraíba, recebendo o parecer favorável para este estudo.

A história oral se caracteriza como metodologia imprescindível para esta pesquisa, através das entrevistas com ex-alunos, ex-professor e irmão leigo do CSSA. Assim, este estudo

foi tendo acesso a outras fontes, como fotografias da época, documentos da instituição, diários e livros.

Dessa forma, este estudo tem o intuito de, através do registro das histórias e memórias do CSSA, contribuir com a História da Educação, visto que não há nenhum trabalho dessa instituição que aborde as práticas escolares. Nesse sentido, os ex-alunos, ex-professores e irmãos leigos contribuem com a História da Educação local, quando possibilitam, através de suas memórias, novos diálogos com esta pesquisa, como nos alerta Pinsky (2011, p.07), “historiadores trabalham com fontes”. Por isso, resta ao pesquisador a tarefa de tentar reconstruir essas existências do passado e reinterpretá-las no presente.

Nesse momento, vale dizer que essa dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, há a construção do percurso do campo teórico utilizado e as fontes que dão subsídios para o desenvolvimento desta pesquisa. O segundo capítulo traz uma breve discussão acerca do despertar da cidade de Lagoa Seca para o mundo civilizado, indagando se seria essa cidade o local apropriado para a construção do CSSA. E, em última instância, o terceiro capítulo aborda o conceito de cultura escolar e de práticas escolares. Para o entendimento do cotidiano do Colégio Seráfico como objeto de pesquisa, aliado a esses conceitos, destaca-se a memória dos ex-alunos, ex-professor e irmão leigo.

A discussão acerca do Colégio Seráfico de Santo Antonio se faz necessária em razão de um material raro para quem deseja estudar a relação dessa instituição com as práticas escolares, além de saber que não há nenhuma produção que fale sobre tais práticas.

Essa instituição pertence à Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil e foi construída por frades alemães. Há de saber que este trabalho contempla as palavras: Convento – no sentido de moradia religiosa; Seminário – como instituição na qual um futuro sacerdote receberá sua formação intelectual e espiritual, e Colégio – como um estabelecimento particular de ensino.

A seguir, essa pesquisa aborda, ainda que de forma breve, a Nova História Cultural, responsável pelo surgimento de novas abordagens e objetos de estudo, permitindo, assim, a construção, também, das histórias e memórias dos ex-alunos e irmãos leigos do CSSA.

1.1 A Nova História Cultural: uma história escrita a contrapelo

A discussão proposta sobre o CSSA foi possível devido ao campo da Nova História Cultural-NHC, visto que este indicou subsídios para a observação de uma nova forma de se fazer ciência. A ciência predominante, durante todo o século XIX, era o positivismo, dando

ênfase apenas às histórias dos grandes heróis; sendo contadas a partir de documentos oficiais, seguindo uma ordem cronológica e linear dos fatos e acontecimentos.

Em contrapartida, esse modelo de pesquisas científica já não estava mais atendendo as demandas exigidas pela sociedade, sendo necessário encontrar novos caminhos que pudessem dar respostas aos problemas sociais, políticos e econômicos que o contexto histórico estava atravessando naquela época. Assim, durante o século XIX, começaram a surgir vozes contrárias àquela conjuntura.

Com isso, algumas correntes começaram a emergir, formulando e reformulando novos pensamentos. Como exemplo desse movimento, pode ser citada a *Escola dos Annales*, que se apresentou, de forma hegemônica, no Ocidente, a partir da reunião de um grupo de historiadores, que se uniram em torno da publicação da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*, no ano de 1929, juntamente com a visão de um projeto que combateria a história que prevalecia naquele momento. Essa supremacia francesa sobre a produção historiográfica ocidental foi profunda e duradoura.

Dessa maneira, a historiografia dos *Annales* se consolidou como dominante em sua época, pois fez a crítica à história dita tradicional, realizada em seu tempo, num movimento assim descrito por um historiador brasileiro. Assim, Barros (2010) lembra o que era necessário para este movimento se firmar:

Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos *Annales* precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que epitetaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo. Os *Annales*, em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. É contra o pano de fundo deste duplo desafio que o movimento inicia a sua aventura historiográfica (BARROS, 2010, p.5).

Dessa forma, a geração dos *Annales* passou por três gerações. A primeira, de 1920 a 1945, liderada por Febvre e Bloch, pretendia ser a difusora de uma abordagem nova e interdisciplinar no campo da história econômica e social, superando os princípios que surgiam no positivismo de uma história tradicional e política, baseada nos grandes eventos e grandes heróis. A Segunda foi de 1946 a 1968, tendo como principal representante Braudel, o qual afirmava que a contribuição especial do historiador às Ciências Sociais é a consciência de que

todas as “estruturas” estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas. Assim, sua proposta aborda o fazer historiográfico, a partir de espaços, inovação no conceito de tempo (curta e longa duração), além de outros conceitos. E a terceira e última geração teve início em 1968, tendo como protagonistas Ladurie, Ferro, Le Goff, Revel, Nora, entre outros, e foi marcada por mudanças intelectuais. Tal geração revolucionou a historiografia, criando a Nova História Cultural.

Nessa Terceira Geração dos *Annales*, que, posteriormente, ficou conhecida como *Nouvelle Historie*, durante o século XX, começou a ganhar mais força, passando a valorizar a pesquisa qualitativa em detrimento da quantitativa. Essa periodização pode variar, de acordo com a visão de outros autores. Assim, a pesquisa em questão opta pela periodização de Burke (1992), que exerceu grande influência na historiografia, o qual afirma que:

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores (BURKE, 1992, p.13-14).

Sendo assim, fica bastante claro que a contribuição da *Escola dos Annales*, para a nova geração de historiadores, possibilitou, através de pesquisas em nível local, uma nova reinterpretação dos fatos, que antes eram versados somente por um discurso hegemônico, sendo hoje possível atribuir a estes novos valores, além da desconstrução dos estereótipos herdados pela história dita tradicional. Assim, a historiografia aparece nesse limiar, rompendo com os moldes da História Tradicional, de modo a resolver determinadas tarefas:

A historiografia tem sido chamada para responder questões específicas das sociedades humanas que, por muito tempo, permaneceram submersas sob o ícone da História Universal e outras categorias generalizantes e reducionistas que pretendiam sintetizar a aventura humana na terra (ROCHA, 2008, p. 01).

A Nova História Cultural trouxe consigo novas indagações e tratamentos que antes não se cogitavam em fazer. Com efeito, uma história que o presente exige, é uma “[...] história

escrita por homens livres para homens livres ou em busca da liberdade, a serviço dos homens em sociedade” (LE GOFF *apud* REIS, 2000, p.120). Com isso, durante as décadas de 50/60, a busca por pesquisas que abrangiam as minorias foram alvo da historiografia. Nesta medida, Hunt (2001) mostra que:

Na história, o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos Annales, de outro. [...] Com essa inspiração, os historiadores da década de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (HUNT, 2001, p. 02).

A partir da década de 1970, novos estudos contribuíram para o desempenho da Nova História Cultural, propondo a inclusão de uma política, na verdade, de uma Nova História Política que envolvesse o ser humano, sendo voltada, especificamente, para as classes marginalizadas, as renegadas pela pesquisa científica histórica.

Observa-se, por exemplo, o próprio posicionamento que assumem Stephanou e Bastos (2005) no texto intitulado *História, memória e História da Educação*, quando mencionam que foi através de:

uma história política, de relatos e fixação nos personagens/eventos políticos para uma história social, de inspiração marxista, a História também muda a partir da escola dos Annales, quando a valorização do cotidiano, da história vinda de baixo, dos operários, das mulheres, das crianças, etc., amplia as fronteiras do conhecimento histórico, abre espaços, multiplica objetos e problemas de pesquisa [...] Em tempos mais recentes, a crescente produção de uma história cultural, o interesse pela linguagem vem mostrando que as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, pois são campos de prática e produção cultural. Com efeito, intensificaram-se as relações da História não apenas e sobretudo com a Sociologia, mas com a Antropologia, a Teoria Literária, a Psicanálise, a Filosofia, dentre outros âmbitos do conhecimento (STEPHANOU & BASTOS, 2005, p. 418).

A abordagem metodológica da NHC passou a ser utilizada no final da década de 1980, sendo um movimento contrário à história tradicional, que enfatizava apenas a escrita linear e cronológica dos sujeitos considerados como protagonistas históricos. A partir de então, uma nova série de abordagens e temas começou a ser propagada, apresentando novos sujeitos e objetos que antes eram renegados pela história.

A Nova História se preocupou com a história vista de baixo, dando destaque aqueles sujeitos que eram excluídos da história tradicional. Para Pinheiro (2011, p.250), “agora é

possível escrever história disso ou daquilo, ou seja, o desejo de estudar qualquer coisa não é menos relevante que a história dos grandes homens e dos grandes acontecimentos”.

Assim, autores como Burke (2008, p. 68) passaram a ver a NHC como “uma forma dominante de história cultural”, pois, para ele, há um fio condutor que, ao ser desvelado pela primeira geração dos *Annales*, esse fio se desenrola até o presente momento. Esse conceito de cultura, tratado aqui, deve ser entendido como uma construção de práticas construídas socialmente. Nesta perspectiva,

Cultura não é apenas um conceito, mas também, uma dimensão do processo social, uma construção histórica, a cultura são culturas, produto coletivo da história vivida e dos grupos sociais, portanto, plurais e todos os grupos sociais têm legitimidade para reivindicá-las, histórica e historiograficamente (SILVEIRA, 2010, p.32)

Frente a essa citação, fica evidente que a Nova História Cultural teceu duras críticas à História Tradicional ou História Cultural Clássica. Portanto, fez-se necessário uma reflexão sobre a prática historiográfica, buscando-se averiguar o não dito, o lugar oculto de onde se fala, sendo necessário saber o que a história diz de determinada sociedade, analisar como ela funciona, passando a história a ser construída sobre acontecimentos. Desta forma,

A nouvelle histoire não quer elaborar visões globais, sínteses totais da história, mais ampliar o campo da história e multiplicar seus objetos. Objetos que jamais foram considerados tematizáveis pelo historiador entram em seu campo de pesquisa. A história se interessa pela sua própria trajetória e amplia o espaço da “história da história”. O historiador novo se interroga sobre sua profissão, sobre seus antecessores, sobre as obras clássicas e transitórias, sobre as condições teóricas, técnicas, sociais e institucionais dentro das quais ele produz o conhecimento das sociedades passadas. A orientação principal, que domina todas as outras, é “fazer a história que o presente exige” (REIS, 2000, p.119)

Com isso, a NHC possibilitou a ampliação do campo de pesquisa com novos subsídios para esta em questão, no sentido de adentrar nas práticas escolares ocorridas no CSSA, na cidade de Lagoa Seca-PB. Realizando as análises preliminares sobre como se deram essas práticas escolares nesta instituição escolar, levou-se em consideração todo o contexto escolar, ou seja, a cultura escolar.

Nesse contexto, é sabido que o campo da História da Educação-HE é um campo aberto a teorizações e novas análises, com novos métodos de investigação. Assim sendo, esta pesquisa buscou utilizar como um método, a entrevista, para que auxiliasse na análise das práticas escolares, ocorridas no CSSA.

A História Oral foi outra metodologia escolhida, auxiliando na discussão dos resultados, pois os sujeitos envolvidos nesta discussão contribuíram, através de suas memórias, para a construção da escrita deste trabalho, que, com o auxílio de outras fontes, como fotografias, Revistas da Ordem, foram suportes necessários para a elucidação de como ocorriam as práticas escolares no CSSA.

Diante disso, concernente à Nova História Cultural, foi possível perceber uma concordância referente às análises preliminares sobre como se deram essas práticas escolares, que, a grosso modo, propiciaram o desenvolvimento do contexto escolar.

O tópico a seguir apresenta uma discussão acerca da história oral e memória como fontes historiográficas que se fizeram necessárias para a escrita da história das práticas escolares, ocorridas no CSSA.

1.2 A história oral e memória como fontes historiográficas

Antes de destacar as contribuições que as fontes historiográficas tiveram sobre as práticas escolares, ocorridas no CSSA, faz-se necessário elencar os métodos e as fontes utilizadas neste estudo. O campo da Nova História Cultural permitiu a utilização da memória como fonte, sendo uma nova alternativa de construção do conhecimento histórico.

Vale dizer que são vários os autores que mencionam a contribuição das fontes orais para historiografia. Assim, Galvão (2011, p.307) compreende que a “fonte oral torna-se mais rica quando confrontada com outras fontes”. Corroborando com essa afirmação, Carlos Sebe Bom Meihy (1996, p.10) menciona que a fonte oral é “[...] uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”.

Com isso, a história oral garante o sentido social à vida de quem relata esses fatos e a quem possa ler, pois tais pessoas passam a entender essa sequência histórica, fazendo parte do contexto em que vivem. Assim, esse estudo contempla a memória como um fonte historiográfica, que, aliada a outras fontes, como as fotografias da época, os documentos da instituição, os diários e livros auxilia na compreensão do passado. Neste sentido, Halbwachs (2004) afirma que a memória é:

Propriedade de conservar certas informações, a memória remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (p. 423).

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...] (HALBAWACHS, 2004, p. 455).

Na citação de Halbwachs (2004), nota-se a importância que assume a memória, constituindo a narrativa que penetra nas práticas escolares. Aliada a esse pressuposto e a outras fontes historiográficas, é que esta pesquisa pretende desvelar as práticas escolares ocorridas no CSSA. Autores como Ecléa Bosi (1994) e Pollak (1992) mencionam que as memórias que são lembradas vêm carregadas tanto da marca da história pessoal de cada sujeito, como também trazem marcas dos contextos em que eles vivenciaram.

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da memória coletiva, que foi uma das bases metodológicas adotadas neste estudo, através das conversas com irmão leigo, ex-professor e ex-alunos do CSSA. O campo da memória é marcado por vários conceitos e teorias, por exemplo, para Le Goff (2012, p.426), “no estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita como também às fases de transição da oralidade à escrita”.

Entende-se, aqui, que, ao se trabalhar com a memória, o passado está sendo revisitado, trazendo para o presente lembranças que marcaram a vida dessas pessoas. A memória é tida neste trabalho como uma ressignificação dessas lembranças: ora individual, ora coletiva, e a partir da narrativa dos sujeitos, a saber: ex-alunos, ex-professor e irmão leigo, é que se pretende trazer à tona a memória do CSSA. Para Bosi (1994, p. 408), a memória coletiva:

Se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e dependente de sua interação.

Essa autora acredita que o que entrelaça essa memória são as relações vivenciadas no seu campo de trabalho, e que isso contribui para a construção da trajetória de vida, que é coletiva, evidenciada a partir dos sujeitos que contribuíram para essa relação social, através de suas práticas num dado momento.

Corroborando com Bosi (1994), Halbwachs (2004) menciona que a narrativa de qualquer indivíduo somente tem sentido se constituir relação com seu grupo social. Ao tratar ainda sobre essa temática, Halbwachs (2004, p.55) “menciona voluntariamente que cada

memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Observa-se que para esse autor, quando há mais de uma pessoa, as memórias são mais fáceis de serem lembradas, pois, quando uma das partes esquece, a outra lembra, e assim se constroem suas histórias. Ainda para esse autor:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal [...] Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros (HALBAWACHS, 2004, p.58).

No processo de entrevista com os sujeitos que contribuíram com a história do CSSA, percebe-se, em alguns momentos, o semblante de saudade, com sorrisos e lágrimas no rosto. É a memória destes sujeitos que, ora individual, ora coletiva, contribui com o preenchimento das lacunas deixadas pela história sobre as práticas escolares ocorridas nessa instituição, pois, segundo Ricoeur (2007, p.26), “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formamos sua lembrança”.

Le Goff (1999, p.26), menciona que “o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo”. E é neste desenvolvimento, em meio a essas condições necessárias, que se estabelece a participação do indivíduo na sociedade, recriando em tal espaço social sua história.

Como dito anteriormente, a memória individual faz parte da memória em grupo, sendo fruto das práticas de cada indivíduo, realizadas em cada grupo, resultando nas lembranças do passado, tendo, assim, significado para ele, ou seja, como o cada sujeito lê a escola e o tempo escolar.

A reconstrução de outros tempos, através da memória, aponta para reflexões como a de Halbwachs (1968), pois este autor aponta diferentes pontos de referência, onde se estrutura a memória individual, que se insere na memória coletiva a que o sujeito pertence. Para ele, a memória individual “[...] é uma condição necessária e não suficiente do ato de lembrar”. Ainda o mesmo autor diz que são os grupos sociais que determinam aquilo que é memorável, e de qual maneira será rememorado. Isso, porque se a:

[...] primeira lembrança foi suprimida, se não nos é possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava. Para que nossa memória se auxilie com a dos

outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum [...]. É necessário que esta recordação se opere a partir de dados ou noções comuns que se encontrem tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 2004, p.34)

Trabalhar com a memória não é tão simples como se pensa, pois cada memória está inclusa em práticas sociais que o sujeito realizou em dado momento, podendo ou não ter significado para ele. Em alguns momentos, percebe-se a falta de interesse de lembrar determinados acontecimentos. Para Meihy (2005), através de relatos, o pesquisador pode se aproximar da verdade. Assim sendo:

A memória é sempre dinâmica e mutável, sujeita às vicissitudes das circunstâncias. Sempre mudamos nossa forma de recordar e montamos esquemas narrativos dependentes de fatores externos a nós mesmos. Assim, por exemplo, de acordo com o público ouvinte, com o tempo disponível, com o ambiente físico, ou com nosso estado de saúde, variamos as soluções, que vão desde a escolha das palavras até o peso dos fatos (MEIHY, 2005, p.77).

Vale ressaltar que algumas vezes a memória não traz a imagem fiel do acontecimento passado, podendo sofrer influências constantes. Para Nunes (2003, p.132), “as memórias que temos têm uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente”. Corroborando com Nunes (2003), Chartier (1988, p.63) menciona que “o real assume novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade riscada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria (ou representa), na historicidade da sua produção e na intencionalidade de sua escrita”.

Cada sujeito tem o seu modo de registrar suas memórias, que podem sofrer ou não influências de acordo com o lugar que ocupam na sociedade, na família, bem como no seu modo de rememoração, levando sempre em consideração sua valorização social. Assim,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. Suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes,

particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. (NORA, 1993, p.9).

Percebe-se, assim, que os fatos que são rememorados por uma temporalidade linear são libertos pela memória, proporcionando uma reconstrução da própria história, podendo desvelar múltiplas temporalidades vivenciadas. O que será selecionado e lembrando no presente é sempre uma necessidade do presente. (HALBWACHS, 1968)

No entanto, é oportuno que o pesquisador tenha cautela ao reinterpretar e reconstruir a memória já vivida, para que, desta forma, não se faça juízo de valor dos acontecimentos relatados. Ao se fazer a análise destas memórias para esta pesquisa, foi-se mais além do que a coleta de informações com os sujeitos envolvidos nesse discurso: foi necessária uma visão mais ampla desse estudo:

Todo conhecimento será sempre parcial; a realidade é uma construção [...] Desta forma, a utilização de depoimentos ou relatos de alguém sobre si mesmo tem como objetivo menos a busca da verdade e muito mais a identificação das condições de possibilidade para que determinada narrativa possa emergir enquanto discurso (WEIDUSCHADT & FISCHER, 2009, p.71).

Por isso, ao se trabalhar com a memória, faz-se necessário o uso da história oral para a construção da fonte historiográfica, pois foi principalmente pela fonte oral que essas memórias foram registradas e depois transcritas, para que, desse modo, estas se tornassem história:

A História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente [...] legitima a história do presente [...] indica a oportunidade de uma revisão das posturas historiográficas que têm, até hoje, olhado com grande desconfiança o testemunho pessoal (FREITAS, 2006, p. 26).

Através da história oral, muitos trabalhos vêm sendo realizados no campo das ciências humanas, principalmente depois da criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994, destacando-se trabalhos que permitem a utilização da oralidade como documento histórico, aliado a outros tipos de documentos escritos. A história oral possibilita a investigação do passado, reconstruindo, assim, a história, principalmente de indivíduos esquecidos pela historiografia tradicional. Com efeito,

Atualmente, a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Por isso, a historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Como pressuposto, a história

oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como “história viva” (MEIHY, 2005, p.19).

Nesse sentido, a partir da História Oral, é possível reconstruir o passado, criando novas alternativas para se fazer história, pois, anteriormente, somente era possível através das fontes escritas. Além disso, a História Oral permite compreender como os indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Apesar de ainda ser muito criticada, a História Oral ainda se destaca por possibilitar a investigação do passado e a construção/reconstrução da história, principalmente de indivíduos que eram invisíveis para a historiografia tradicional.

O trabalho com a metodologia de história oral compreende todo um conjunto de atividades que exigem, primeiramente, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Assim,

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias. Logicamente as elites também podem ser objeto de atenção, como, aliás, vêm sendo, mas de um modo geral a história oral tem dado espaços, preferencialmente, a aspectos ocultos das percepções gerais (MEIHY, 2005, p. 44).

Ao se trabalhar com a metodologia da história oral, foi desafiador, pois houve o cuidado para não se envolver, afetivamente, com o objeto estudado, devido a uma identificação com as instituições religiosas católicas e por fazer parte, diretamente, de assuntos ligados à Igreja Católica.

Pensando assim, o desenvolvimento da escrita dessa dissertação foi bastante cauteloso. Para que os sujeitos entrevistados não fossem tratados como heróis, foi preciso relacionar seus discursos ao contexto social da época, sempre mantendo a imparcialidade, como menciona Voldman (1996, p.250) quando diz que “é preciso remontar no tempo e estudar o documento oral não somente como fonte, mas também do ponto de vista da construção pelo historiador que, ao solicitar uma testemunha, procede a uma “invenção de fontes”.

Dessa forma, as entrevistas com os sujeitos se transformaram em documentos, possibilitando repensar um passado recente. Com isso, Freitas (2006, p.26) diz que “a História Oral fornece documentação para reconstruir o passado recente [...] legitima a história do presente [...] a crescente revalorização da oralidade”.

Essa discussão se configura no campo da NHC, pois, ao trabalhar com a História Oral Temática, levou-se em conta não só o cotidiano dos sujeitos entrevistados, que fizeram parte do CSSA, mas também, a trajetória de vida dentro da instituição. E trabalhando com a memória, também como fonte, compreendeu-se, através dos discursos, um contexto histórico com ressignificações e intencionalidades.

Nessa medida, faz-se necessário apresentar, ainda que de forma breve, os sujeitos que fizeram parte do Colégio Seráfico de Santo Antônio, a saber:



Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário): foi ex-aluno e ex-professor, estudou no CSSA de 1949 até 1953; já havia estudado dois anos do curso ginásial na escola de Canindé-CE. No ano de 1962, retornou ao CSSA, agora na condição de professor, permanecendo nessa instituição até o ano de 1970, quando pediu dispensa da Ordem para constituir família.



José Cardoso (frei Petrônio Cardoso): nasceu em 16 de fevereiro de 1925, em Porto da Folha, no estado de Sergipe. Filho de Francisco de Sá Cardoso e Maria Josefa Cardoso. Estudou no CSSA, onde fez o curso secundário do 1º (1942) até o 6º ano (1947).



Rafael Gomes da Silva (frei Anésio Gomes): natural de Surubim-PE, nasceu no dia 21 de janeiro de 1933. Chegou ao CSSA no ano de 1950, onde atuou como Seminarista. No ano de 1960, foi transferido para o Estado do Ceará, retornando ao CSSA em 1966. O irmão leigo era o responsável pelas instalações elétricas e hidráulicas do Convento; também era motorista e cuidava do sítio e da criação de galinhas. O frei Anésio reside há 67 anos no Convento Ipuarana, antigo CSSA.

Exposto, ainda que de forma breve, o perfil dos sujeitos que fizeram parte da história do CSSA, vale salientar que a escolha desses sujeitos se deu pelo seguinte fato: Cícero, por ser um ex-professor e ex-aluno do CSSA; frei Petrônio, por ser o ex-aluno mais antigo que estudou na instituição, e o frei Anésio, que há 67 anos contribui com o Convento, como irmão leigo. Nesse sentido, é oportuno entender as práticas escolares, através dessas esferas.

Vale dizer que foi realizada apenas uma entrevista com o frei Anésio e com o frei Petrônio, por entender que, além dos afazeres diários dos sujeitos, seria cansativo realizar outras entrevistas, em razão da saúde frágil dos entrevistados. Assim, a entrevista com o frei Petrônio Cardoso ocorreu no dia 02 de março de 2017, no Convento São Francisco de Assis, em Campina Grande, onde reside o frei, com a duração de 51 minutos. Já a entrevista com frei Anésio Gomes ocorreu no dia 03 de março de 2017, no Convento Ipuarana, em Lagoa Seca, onde reside, atualmente, o frei, tendo a duração de 35 minutos.

O questionário de entrevista foi entregue a Cícero Agostinho Vieira no dia 16 de junho de 2017; ele optou entregar por escrito. Mesmo assim, ele me recebeu três vezes em sua residência, na cidade de Campina Grande, em conversas que duraram 1h30min. Foram momentos em que ele esclarecia algumas dúvidas sobre o CSSA.

Após a entrega do roteiro de entrevistas a cada sujeito e da autorização para a gravação, houve a realização de cada entrevista, e, após o processo de transcrição e de devolução aos entrevistados, para a leitura e autorização, foi lido o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento – TCLE, o qual foi assinado pelos sujeitos e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade Federal da Paraíba, recebendo o parecer favorável para tal estudo.

Merece destaque o fato de não haver nenhum paraibano entre os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. São poucos os paraibanos vivos que estudaram no CSSA, mas não foi possível contatá-los. Outro fato que merece atenção, é que havia três colégios preparatórios: um em Canindé, o Colégio Seráfico de São Francisco do Canindé, outro em Tianguá, o Colégio São José do Tianguá, que ficava na Serra Grande, e o Colégio de Triunfo, que é pernambucano, mas abrange toda a serra do Ceará. Esses Colégios tinham apenas o primário, com exceção do Colégio de Canindé, que tinha o primário e o ginásio, por isso, o grande número de alunos não paraibanos no CSSA.

O próximo subitem contempla uma reflexão sobre a legislação como fonte documental daquela instituição, tentando compreender que as práticas escolares do colégio em questão também eram baseadas em práticas sociais.

1.3 A Legislação/ fonte documental

Os documentos encontrados na instituição, a saber: o regimento interno, o plano de Diretrizes e Bases de 1962, indicando a carga horária e as disciplinas ministradas, e as diretrizes para o Exame de Madureza, significaram a própria lei em sua dinâmica de realização e, portanto, de ordem das relações socioculturais. Esses documentos foram utilizados como indicadores significativos, para que os ocupantes de posições de comando na instituição pudessem aferir o quanto a lei estava ou não sendo cumprida, ou seja, realizada. Os documentos pelos quais dariam suporte para o início desta pesquisa não estavam mais no acervo do Convento, mas, sim, em alguns acervos particulares de ex-alunos. Nesse sentido, foi necessário, durante o processo de investigação, buscar outras fontes, a exemplo das orais.

Havia uma grande expectativa de trabalhar com as práticas escolares dessa instituição, por serem significativas para esta pesquisa, além da imensa interrogação sobre a origem desses documentos para este estudo. Com o tempo restrito, tendo em vista que cada investida para a busca de novas fontes escritas havia sempre muitos desencontros de informações, e não conseguíamos avançar em novas informações, foi necessário trabalhar, com mais atenção, às fontes orais.

Antes de adentrar nas particularidades da legislação como um dos tipos de fonte documental, faz-se necessário esclarecer que o termo fonte vem do Latim - *fons-tis*, tendo como significado fonte ou nascente. Assim, desta palavra emergiu o conceito de fonte histórica. Neste sentido, Silva (2005, p.158) define fonte histórica como tudo que “é produzido pela humanidade no tempo e no espaço; a herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico”.

Assim, ao articular esta pesquisa, levando em consideração a legislação como um tipo de fonte para responder a alguns questionamentos que foram surgindo no decorrer deste estudo, é oportuno lembrar que Aróstegui (2006, p.468-470) argumenta que a “prática da pesquisa histórica tem de ajustar-se à definição clara de problemas, à formulação de hipóteses, à construção de mecanismos para ‘provar’ comparativamente a adequação de suas explicações”. Com isso, este autor reflete que a pesquisa surge de ‘achados’, e se desenvolve com a utilização de novas releituras, que serão provocadas com o aparecimento de novas formas de se trabalhar com a documentação.

Para Nunes (1992, p.14), “mapear fontes é, portanto, preparar o terreno para uma crítica empírica vigorosa que constitua novos problemas, novos objetos e novas abordagens”. Por isto, essa fase inicial de busca da legislação diz respeito a um trabalho de busca, que pode responder

a indagações já postas, como gerar outras inquietações. A conexão do pesquisador com as fontes, como afirma Faria Filho (1998, p.96) “afeta, no conjunto, nossas pesquisas”.

Como já mencionado em outro momento, as interpretações de fontes históricas, apenas se deram, basicamente, através de documentos escritos, que eram vinculados ao Estado. A historiografia mostrou que o movimento da *Escola dos Annales* contribuiu para uma renovação, possibilitando uma ampliação no uso das fontes históricas. Desta forma, a historiografia teve um duplo sentido, como afirma Vieira (1995, p.15), “a intenção do agente histórico presente no documento e a intenção do pesquisador ao se acercar desse documento”. Com efeito, as perguntas que são feitas pelo pesquisador aos documentos, são o que lhe garante determinadas respostas. Assim, Saviani (2004) diz que:

As fontes estão na origem, constituem o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, e nelas que se apóia o conhecimento que produzimos a respeito da história (SAVIANI, 2004, p. 5-6).

Lombardi (2004, p. 155) corrobora com a citação de Saviani, quando afirma que:

As fontes resultam da ação histórica do homem e, mesmo que não tenham sido produzidas com a intencionalidade de registrar a sua vida e o seu mundo, acabam testemunhando o mundo dos homens em suas relações com outros homens e com o mundo circundante, a natureza, de forma que produza e reproduza as condições de existência e de vida.

Cabe ao pesquisador a função de localizar as fontes e interrogá-las, ficando ao seu critério os questionamentos feitos a estas fontes, sendo requisitos fundamentais para a sistematização e produção do conhecimento histórico. Assim, Ragazzini (2001) diz que:

A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados sobre o passado (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

Alguns historiadores da educação têm se proposto, recentemente a análise da legislação educacional; destaca-se, entre estes autores, Luciano Mendes Faria Filho. Tal autor conceitua “a legislação escolar como um ordenamento jurídico específico e, ao mesmo tempo, relacionado

a outros ordenamentos” (FARIA FILHO, 1998, p.101). Assim, considera-se a legislação educacional como o conjunto de leis que são referentes a questões específicas.

Ultimamente, a legislação educacional tem privilegiado alguns estudos que objetivaram investigar a educação numa perspectiva histórica. Com isso, as contribuições que esse tipo de legislação tem proporcionado ao campo da História da Educação tem sido de grande valia, como destaca Blanck Miguel (2006), quando menciona que:

A legislação educacional pode ser considerada uma das fontes que estimula reflexões e auxilia a compreensão de tendências, continuidade e rupturas do sistema educacional brasileiro; auxilia ainda a perceber os cotejamentos da história regional e história nacional enquanto formadoras de uma unidade [...] (BLANCK MIGUEL, 2006, p. 11)

É indispensável, que o historiador da educação leve em consideração o caráter social da fonte, procurando caracterizá-la com seus aspectos centrais, para que assim possa interpretá-la de forma coerente. Como menciona Castanha (2011), é importante a análise do contexto macro, com os diversos fatores, sejam eles: políticos, econômicos, sociais e culturais. Além do contexto micro, como o movimento de hierarquia administrativa dos colegiados ou de instituições de ensino.

São diversas as alternativas teórico-metodológicas para o uso e a interpretação de fontes, como também da legislação educacional no campo da história da educação, tornando-se cada vez mais importante a compreensão do aspecto social; esta análise da história é essencial para a discussão aqui proposta.

A discussão dessa pesquisa parte da ideia de que as práticas escolares não devem ser baseadas apenas nas legislações vigentes ou em outros documentos pertinentes, a exemplo de decretos, pareceres, resoluções, entre outros, podendo ser também baseadas em práticas sociais, as quais podem acompanhar os acontecimentos da sociedade, como se pode observar na citação a seguir:

A década de 1960 passava por uma revolução ideológica, cultural e tecnológica, com investimentos em pesquisas e conquistas espaciais. Nessas circunstâncias históricas, a Igreja Católica realizou o Concílio Vaticano II, sob o comando do papa João XXIII. Foi ele o agente de uma nova visão da conjuntura daquela época. Foi inspirado para efetuar urgentes mudanças para a renovação da Igreja, de modo a poder acompanhar os emergentes acontecimentos mundiais. João XXIII fez grandes inovações litúrgicas. Escreveu encíclicas voltadas para um compromisso social, nas circunstâncias em que se vivia, ao longo do seu papado. (CARVALHO, MARTINS e OLIVEIRA, 2015, p. 191-192)

Essa década demarca mais um momento da correlação do projeto nacional de modernização e de progresso. Durante esse período, o Brasil não somente passava por grandes transformações, mas o mundo também, a saber: o surgimento de movimentos civis em favor dos negros e homossexuais. Outro fato importante dessa década é a difusão mundial de televisão em cores. Essa é a era do uso da informática para fins comerciais, com o lançamento do primeiro computador eletrônico, e ainda permanece a disputa tecnológica entre os Estados Unidos e a União da República Socialista Soviética. No Brasil, é inaugurada Brasília, a nova capital, em 1960. Junto a essas mudanças, a economia nos anos 1960 se caracterizou pela desaceleração mundial e pelo fim dos anos dourados do capitalismo.

Em meio a essas mudanças, a interpretação e a produção da legislação como *corpus* documental, significa enfocá-la em suas várias dimensões. Faria Filho (1998) apresenta a legislação escolar como fonte para a História da Educação, e, de forma simples, apresenta algumas dimensões da lei, que podem ser utilizadas, não apenas em estudos de História da Educação, mas em outros campos. O autor traz a lei como ordenamento jurídico (sendo capaz de abranger uma tradição e suas relações com outras tradições e costumes), linguagem (da tradição e dos costumes, do ordenamento jurídico e da prática social), prática social (momento de produção e de realização da lei), prática ordenadora das relações sociais (o caráter histórico e político da legislação e dos sujeitos responsáveis por essa intervenção social), e a lei como campo de expressão e construção das relações e lutas sociais (como tais lutas são produzidas e expressas, objetivando a própria dinâmica das relações sociais em uma de suas manifestações).

Vale dizer que esse estudo se detém à dimensão da lei como prática ordenadora das relações sociais. Para Faria Filho (1998),

A produção da legislação escolar é, já, realização de outras leis, suponho que ela se faz necessária, por remeter o pesquisador a sujeitos, instituições e, até mesmo, como se verá a práticas sociais diferenciadas [...] quanto ao fato de ser a legislação, em seus diversos momentos e movimentos, lugar de expressão e construção de conflitos e lutas sociais (FARIA FILHO, 1998, pp.105-106).

Atualmente, diversos pesquisadores concordam que a utilização de documentos pertinentes ou fontes como leis são relevantes para a sistematização do conhecimento histórico produzido. Nesse sentido, Nunes (1994, p.7) diz que “[...] devemos pensar a lei no âmbito das suas contradições e o direito como processo, construído nos conflitos da vida social e que exigem à mediação dos agentes e instrumentos fiéis a fonte de que emergem”. A utilização de tais fontes traz informações até então limitadas.

Os documentos encontrados para subsidiar as análises desta pesquisa são datados de 21 de outubro de 1953. Encontra-se, nessa legislação, que o Colégio foi um estabelecimento particular, tendo seus estudos reconhecidos e também oficializados pelo Governo Federal.

A *priori*, os estudos iniciados no CSSA não eram reconhecidos pelo Ministério da Educação, passando por esse reconhecimento somente a partir do decreto-lei de 1953, quando o ensino do Seminário passa a ser equiparado ao curso oficial dos Ginásios brasileiros. Conforme o Definitório de junho de 1952 houve a intenção de equiparar esse curso ginásial do Seminário Seráfico de Santo Antônio aos cursos oficiais. Assim, Lustosa (2014, p.64) menciona que foi “pensando em oferecer mais vantagens, tanto aos alunos que perseveraram como àqueles que, depois de alguns anos, voltam para casa”. Corroborando com a afirmação de Lustosa (2014), o ex-aluno e ex-professor da instituição, Cícero Agostinho Vieira, respondendo a uma dúvida sobre o início do funcionamento do Colégio, se tal instituição era regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), menciona que:

quando o colégio começou a funcionar não tinha a LDB, a LDB foi lá em 1947 pro congresso, e, no congresso, no tempo de Dutra, ela passou quatorze anos pra ser aprovada em 1961, e era baseada em leis comuns que estavam; é tanto que nosso estudo lá não tinha validade, você deve saber disso? Validade nenhuma, a pessoa terminava o sétimo ano e ia pra o exame de admissão, os que saíam. Depois, foi aos poucos, no ano de 1953, 1954 ou 1955 que Dom Adriano conseguiu que nós do Ginásio fôssemos legalizados e depois o científico, tanto que os alunos quando saíam do sexto ano, Dom Adriano, que era o diretor dos estudos, mandava o documento que ele havia concluído os estudos de lá. Ele fez isso, o estudo de lá era um estudo muito forte de conhecimento, mas faltava validade. (Entrevista concedida a Cícero Agostinho Vieira, em 16/06/2017)

Em março de 1953, sob a Lei nº. 1821, houve o regime de equivalência em diversos cursos de grau médio, para efeito de matrícula, no ciclo colegial e nos cursos superiores, sendo posteriormente regulamentada sob o Decreto nº. 34.330, em 21 de outubro de 1953. Sendo assim, não era mais necessária a equiparação, pois o CSSA conseguiria alcançar as vantagens que tanto desejava, para que os alunos que não estudassem mais nessa instituição, pudessem ser matriculados em outras instituições, desde que se submetessem ao exame vestibular, conforme a Lei 1.821/90.

Dessa forma, adaptou-se o programa do CSSA, com o intuito de seguir as normas da Santa Sé e de manter as características de um Seminário, sob a lei nº 1821, conforme o Registro Escolar do Seminário de Ipuarana. As principais modificações foram:

a) o Alemão passa do 2º para o 4º ano; b) o Francês começa no 2º ano em vez de no 5º; c) o Grego passa do 4º para o 5º ano; d) introduz-se o estudo do Inglês a partir do 3º ano; e) ensina-se Música em todas as classes; f) a Química passa do 4º para o 5º ano; g) Francês e Inglês são muito reduzidos nas classes superiores, a fim de contemplar melhor o Grego e o Alemão. (Registro Escolar do Seminário de IPUARANA, 1952-1963, p.19, apud, LUSTOSA, 2014, p.65)

O Colégio Seráfico de Santo Antônio tinha um currículo diversificado, abrangendo disciplinas, como: Religião, Português, Latim, Grego, Alemão, Francês, Inglês (a partir de 1953), Matemática, História do Brasil, História Geral, Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, Geografia do Brasil, Geografia Geral, Ciências, Física, Química, Biologia, Música, Canto, Desenho e Educação Física.

Durante o período em que funcionou como Colégio Seráfico, a instituição recebeu 1.476 alunos, porém, nem todos optaram pela vida religiosa, foram poucos os que chegaram ao sacerdócio. Pereira (1972, pp. 16-18) menciona que “durante os 30 anos de funcionamento do CSSA, 184 alunos concluíram os estudos, desses concluintes, há apenas 39 padres atuando na Província, isto representa 2,6% dos alunos matriculados”. A julgar por este pequeno número de alunos que chegaram ao sacerdócio, não se pode dizer aqui que o Colégio Seráfico seria a solução para o problema das vocações.

A disciplina de Inglês somente foi introduzida no Colégio Seráfico, no ano de 1953, pois o curso Ginásial havia sido equiparado ao dos ginásios brasileiros. Antes não havia o interesse de inserir tal língua na grade curricular por ser uma das principais línguas exigidas no mercado de trabalho, e o intuito do CSSA, era a preparação dos seus alunos para a vida religiosa.

Em 1953, quando foi criado o Colégio Estadual de Campina Grande (Estadual da Prata), existia um único estabelecimento público, que ofertava o ensino secundário na Paraíba, era o antigo Lyceu Paraibano, até então eram as congregações religiosas que ofereciam o ensino secundário na segunda metade do século XX. Anterior a isto, segundo Silva (2013), somente havia a opção em três instituições escolares, além do CSSA, a saber: Instituto Pedagógico Campinense, que hoje é o Colégio Alfredo Dantas - CAD (1919); Colégio Pio XI, extinto Colégio Marista (1931) e Colégio Imaculada Conceição - CIC (1931). Assim, o CSSA surgiu como uma referência em ensino. Muitas famílias enviavam seus filhos, querendo lhes assegurar uma boa educação, e devido à falta de colégios públicos na época. Nesse sentido, destaca-se a seguir o histórico escolar de um ex-aluno do CSSA:

Figura 4 – Histórico Escolar

COLÉGIO SERÁFICO DE STO. ANTONIO
IPUARKNA DAGOA SECAS - PARAISSA

Para efeito do Lei Federal nº. 1381, de 12 de março de 1958, e do Decreto nº. 11700, de 10 de outubro de 1963, do Ministério da Educação e Cultura, que dispõem sobre o regime de equivalência entre os diversos cursos de grau médio, de classes que, JOSÉ CARDOSO
filho de Províncias de São Cardoso e de Maria Joaze Carlos
nasceu a 15 de Novembro de 1925, em Porto da Folha
Estado de Sergipe (atual Seminário o curso secundário do 1º (1942) até o 8º ano (1947), como consta da seguinte quadro:

	(1942)	(1943)	(1944)	(1945)	(1946)	(1947)	Média
Religião	9,0	10,0	9,0	10,0	10,0	9,0	9,5
Português	9,0	9,0	9,0	8,0	8,0	8,0	7,5
Latim	9,0	9,0	8,0	8,0	8,0	9,5	-
Grego	-	-	-	7,0	8,0	7,0	-
Arábico	-	-	9,0	9,0	9,0	9,5	-
Francês	-	9,0	10,0	-	-	-	-
Inglês	-	-	-	-	-	-	-
Matemática	9,0	9,0	9,0	8,0	9,0	8,5	9,0
Hist. do Brasil	-	-	7,0	-	9,0	-	9,0
Hist. Geral	9,0	9,0	8,0	8,0	7,0	7,0	-
Geogr. e Cartas	-	-	-	-	-	-	-
Geogr. do Brasil	-	-	-	-	-	-	-
Geogr. Geral	-	-	-	-	-	7,0	7,5
Geogr. Geral	9,0	8,0	9,0	-	8,0	-	-
Geografia	9,0	8,0	8,0	-	-	8,0	-
Física	-	-	-	-	-	8,0	-
Química	-	-	-	-	-	-	-
Biologia	-	-	-	7,0	8,0	-	-
História	-	10,0	10,0	10,0	10,0	-	-
Geografia	-	10,0	10,0	10,0	10,0	-	-
Geografia	7,0	8,0	-	-	-	-	-
Educação Física	-	-	10,0	10,0	-	9,0	-

Além do aproveitamento regular nos estudos, destacamos que foi boa a compreensão do aluno.

Observações: a) O aluno não o curso concluiu. b) Não são incluídas as notas da Escola de Administração. c) Não são incluídas as notas da Escola de Administração.

Paraiçaba (Sergipe) - 1948 - 1º de Abril de 1972

Fonte: Acervo pessoal do ex-aluno José Cardoso

O ensino ofertado no CSSA era referente ao do Seminário Menor¹, equivalente a sete anos, os quais eram divididos em curso ginásial, com duração de 4 anos, e colegial clássico, com duração de 3 anos. Compreende-se, aqui, o curso ginásial, atualmente conhecido como o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e o curso colegial clássico, como o atual Ensino Médio, com ênfase na área de humanidades. O ensino promovido era semelhante ao das escolas oficiais,

¹ Seminário Menor é o lugar onde os alunos, que vão seguir a vida religiosa, estudam os primeiros anos. Concluído os estudos no Seminário Menor, o aluno ingressa no Seminário Maior, para a Conclusão dos seus estudos em Filosofia e Teologia.

diferenciava-se pela ênfase dada aos estudos de línguas variadas, entre as quais: Latim, Grego e Alemão.

O estudo da disciplina de Alemão, do 3º e 4º, justificava-se pelo fato de a grande maioria dos professores serem alemães. Já disciplinas como as de Latim, do 1º ao 4º ano, e de Grego, do 4º ao 7º, estavam na grade curricular por serem Línguas Clássicas. Havia dentro do currículo um lugar especial, dedicado ao Canto e à Música, sendo disciplinas obrigatórias a partir do 2º ano.

As notas eram estabelecidas, de acordo com o ano cursado pelo aluno, mostrando, por parte da instituição, quais disciplinas eram prioritárias, conforme cada ano cursado, priorizando atingir a excelência do ensino que era proposto. A média mínima era de 7,0 pontos em cada disciplina cursada.

Analisando o histórico escolar do ex-aluno José Cardoso, percebe-se que no ano de 1948 o aluno foi submetido ao exame de admissão, para o Colegial Clássico na disciplina de Religião. Os exames de admissão compreendiam provas escritas e orais. É possível perceber também, nas observações feitas no seu histórico, que o aluno fez o curso completo no Seminário, estando incluídas as notas do exame de admissão. Destacando, também, que, além do aproveitamento regular nos estudos, o aluno teve um bom comportamento.

Moraes e Albuquerque (2009, p.41) “mencionam que o Colégio Seráfico teve grande contribuição na formação moral e educacional de centenas de crianças e jovens, geralmente escolhidas nas paróquias entre os mais pobres das regiões menos favorecidas do Norte e Nordeste do Brasil”. O ingresso dos alunos no CSSA era de uma grande exigência, como menciona Lustosa (2014, p. 60):

Além de ter concluído o primário e passado no exame de admissão para o ginásio, o candidato a seminarista precisava atender a determinadas condições para ser admitido em Ipuarana entre elas: - ser filhos de pais que levam uma vida dentro dos princípios cristãos; - gozar de saúde física e mental. Defeitos físicos acentuados, doenças orgânicas, hereditárias ou contagiosas, como também qualquer anormalidade (*como os tipos neuróticos, efeminados, cleptomaníacos etc.*) são impedimentos ao ingresso no Colégio, segundo os Estatutos do Colégio Seráfico de Santo Antônio- Ipuarana- C.P. 88 datado de 15 de novembro de 1967. Para atestar isso, era preciso apresentar também atestado médico reconhecido em cartório. Esse ponto dos Estatutos revela que muitos jovens eram “excluídos” do acesso à Escola Seráfica por não se enquadrarem nas exigências do que era considerado “normal” (grifos do autor)

As práticas escolares, ocorridas no CSSA, estavam pautadas na formação de um modelo de homem voltado para servir a ordem religiosa. Porém, poucos alunos se tornavam frades,

quebrando com os princípios norteadores da instituição. Oliveira (2008, p.9) diz o que aprendeu em tal instituição: “Em Ipuarana aprendi a ter horário, a ter disciplina, a estudar, a praticar esportes [...] Uma carga horária intensa”. Como se pode observar nessa citação, no Colégio Seráfico havia uma formação humanística, assim como afirma Pereira (1993, p. 147), que diz:

Tantos maiores foram as oportunidades para uma sólida formação moral e intelectual. Era o estudo que nos plenificava a vida. Um estudo, no conjunto, orientado para o humanístico e o clássico, com grande ênfase sobre as línguas antigas (latim e grego) e modernas (no caso, francês e alemão), mas onde também havia lugar para as ciências exatas. Pessoalmente, além de dar conta com certa folga das tarefas no campo humanístico, manifestei no seminário menor, uma inclinação especial para o terreno das ciências exatas: a Matemática, a Física, a Química, e particularmente, como um hobby que me empolgava e plenificava os anseios de um retraído e aplicado adolescente, a Astronomia.

Corroborando com a citação de Pereira (1993), faz-se necessário compreender a citação de Moraes e Albuquerque (2009), quando mencionam um ex-aluno do Colégio Seráfico de Santo Antônio, discorrendo sobre as finalidades que ele menciona do Seminário de Ipuarana:

Recentemente o colega Luiz Maurício Araújo nos forneceu por email “as finalidades do seminário de Ipuarana” que ele teve a felicidade de coletar na residência de José Simplício de Miranda, estudante de Ipuarana no Período de 1963 a 1965, e falecido em 2007, o qual anotou o que fora escrito na lousa por ocasião de um encontro para pais e ex-alunos de Ipuarana, de 04 a 11 de julho de 1965, em Fortaleza e que transcrevo para tecer posteriormente considerações: 01- Formar homens fisicamente sadios; 02- Emocionalmente amadurecidos; 03- De vontade; 04- Intelectualmente aptos; 05- Sociáveis; 06- Socializáveis; 07- De iniciativa; 08- Católicos conscientes; 09- De ação; 10- Sacerdotes franciscanos. Dos dez objetivos apenas o último não vinha sendo atendido na sua plenitude. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p. 45-46)

Dessa forma, nota-se, na citação acima, que as atividades físicas, aliadas aos estudos propostos, promovidos na instituição, contribuíam para tal formação. Porém, o principal objetivo, que era a formação para a vida religiosa, estava deixando a desejar. Assim, a legislação educacional, proposta no Colégio Seráfico, tinha força de lei, pois condicionava as ações dos sujeitos, e esta estava provocando a evasão escolar. Essa situação nos faz lembrar o texto de Thompson (1987), pois esclarece que a legislação cumpre sua função

Se a lei é manifestamente parcial e injusta, não vai mascarar nada, legitimar nada, contribuir em nada para a hegemonia de classe alguma. A condição prévia essencial para a eficácia da lei, em sua função ideológica, é a de que mostre uma independência frente a manipulações flagrantes e pareça ser justa.

[...] O direito pode ser retórico, mas não necessariamente uma retórica vazia. (THOMPSON, 1987, p. 354)

Assim, a utilização das fontes orais, aliada à Revista de Circulação Interna e alguns documentos encontrados da instituição foram fontes de investigação, sendo requisito fundamental para a construção desta dissertação.

Encerrando as reflexões sobre a legislação escolar, percebe-se a necessidade de se fazer uma breve discussão acerca do despertar da cidade de Lagoa Seca para o mundo civilizado, indagando se esta cidade seria o local apropriado para a construção do Colégio. Em seguida, este estudo contempla uma reflexão sobre a fundação e a ampliação do CSSA.

2 LAGOA SECA: O DESPERTAR PARA O MUNDO CIVILIZADO

2.1 Lagoa Seca: a cidade e suas memórias

Neste capítulo, a cidade de Lagoa Seca é apresentada. Tal cidade fica a 7 quilômetros da cidade de Campina Grande - PB, onde está situado o Convento Ipuarana – antigo CSSA – *locus* da pesquisa em questão. Para este estudo, formulou-se a seguinte indagação sobre esta cidade: seria Lagoa Seca o local propício para a construção do Colégio Seráfico?

Uns querem que não seja ... é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; O Urucua vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... (ROSA, 1994, p.3-4)

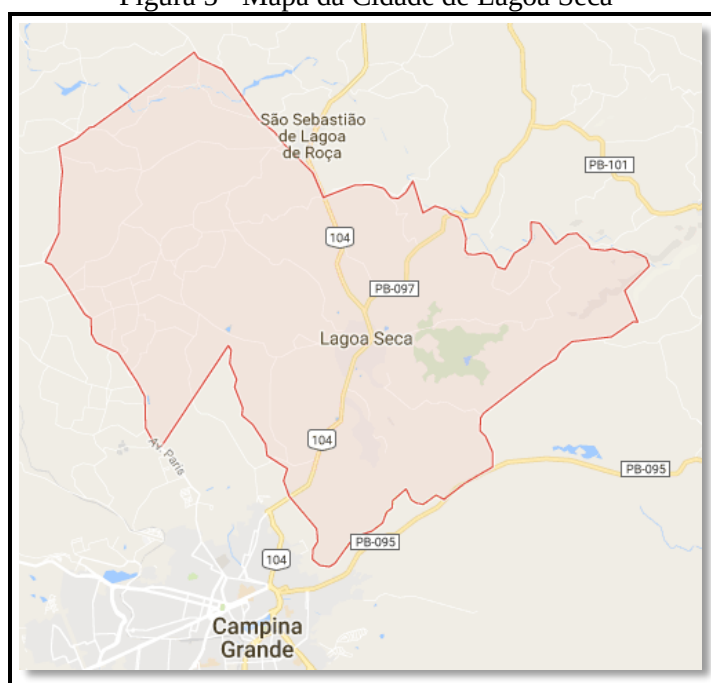
O trecho de Guimarães Rosa, extraído do livro *Grande Sertão: Veredas*, o qual foi escolhido para a introdução desse item, é bastante oportuno para iniciar a reflexão aqui proposta, tendo em vista que a cidade de Lagoa Seca desde que foi habitada pelos primeiros moradores, os índios Bultrins contempla suas maravilhas naturais.

Nesse contexto, são poucas as produções acadêmicas, poéticas ou memorialistas que têm procurado retratar a cidade de Lagoa Seca², a partir de ângulos culturais, econômicos,

² O nome da cidade de Lagoa Seca surgiu de algumas versões: a primeira indica que naquela região, durante o século XIX, existia um engenho, cuja propriedade pertencia ao Coronel José Antônio Alves Pequeno, conhecido como Coronel Vila Seca, por contribuir com a economia local; resolveram, então, homenagear o coronel com o nome da cidade. A segunda é de uma versão popular entre os moradores de Lagoa Seca, relacionado a um fato ocorrido na Rua João Lourenço Porto: existia nessa rua uma lagoa que sempre se encontrava seca. Certo dia, uma

sociais, dentre outros, a saber: O trabalho de Elisângela Santos (2007), intitulado Tarimba: aborda os aspectos históricos e culturais da cidade de Lagoa Seca (1929- 1969). O trabalho de Kelyana Lustosa (2014) fala do Convento e a influência do CSSA na cidade de Lagoa Seca - PB (1942-1972) e o artigo de Carla Ramona Vieira Sales, Valmir Bruno de Souza Aguiar e Mateus Araújo de Medeiros, sobre a urbanização e especulação imobiliária, trazendo uma reflexão sobre tais processos em Lagoa Seca-PB, apresentado no *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos* no ano de 2016. Pretende-se, a partir destes estudos, conhecer tal cidade, historicamente, ainda que de forma sucinta, numa relação direta com o objeto de estudo em destaque, o CSSA.

Figura 5 - Mapa da Cidade de Lagoa Seca



Fonte: Google

A cidade de Lagoa Seca tem uma área de 109,342 Km² e possui uma estimativa populacional de 27.398 habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo realizado no ano de 2016, e, ainda de acordo com esse instituto, está situada na mesorregião do Agreste paraibano e microrregião de Campina Grande, faz limite com as cidades de Montadas a 34,1 quilômetros, São Sebastião de Lagoa de Roça a 11,3 quilômetros, Campina Grande a 7 quilômetros, Massaranduba a 16,1 quilômetros, Matinhas a

senhora escorregou nesta lagoa e falou: como eu pude escorregar numa lagoa seca? Logo, os boatos se espalharam pela localidade, e os moradores batizaram a cidade de Lagoa Seca. O município também chegou a ser chamado de Tarimba, Lama da Gata e Ipuarana.

16,7 quilômetros, Puxinanã a 15,2 quilômetros e Esperança a 15,82 quilômetros, e está a 129 quilômetros da capital João Pessoa.

Lagoa Seca tem um clima considerado como tropical chuvoso, com verão intenso e inverno com baixas temperaturas, contendo algumas fontes de água doce, solos férteis, fatores que contribuíram para sua ocupação pelos indígenas conhecidos como Bultrins³, que chegaram à cidade de Campina Grande, trazidos pelos jesuítas, e logo se instalaram nas localidades de Lagoa Seca (SALES; AGUIAR e MEDEIROS, 2016).

Após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1759, os Bultrins retornaram para outras missões, e as terras que hoje fazem parte do município de Lagoa Seca foram ocupadas por algumas famílias. Algumas destas terras foram doadas, outras compradas. Com isso, surgiram as primeiras atividades econômicas, baseadas, principalmente, na agricultura.

De acordo com a pesquisadora Elizângela Jerônimo dos Santos, autora do livro *Tarimba: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)*, um dos primeiros habitantes dessa localidade foi Cícero Faustino da Silva, que comprou quatro hectares de terra às margens da estrada e construiu a primeira casa, no sítio Mineiro, e, ao observar o grande movimento dos tropeiros entre a cidade de Campina Grande e o Brejo, construiu uma Tarimba⁴, onde passou a vender carne aos tropeiros que viajavam. Assim, sua casa se tornou um dos pontos de parada dos tropeiros. Com o grande fluxo de pessoas, outras famílias começaram a povoar a localidade, que, pouco tempo depois, foi considerada distrito de Campina Grande; conseqüentemente, elevada à categoria de vila. Desta forma,

Cinco anos após a construção da Tarimba, em 31 de julho de 1934 pelo interventor Gratuliano de Brito, Lagoa Seca recebeu o título de Distrito de Paz pelo decreto nº 531 [...] Em 15 de Novembro pelo também interventor Argemiro de Figueirêdo, segundo o histórico da prefeitura de Lagoa Seca, esta foi elevada à categoria de vila, tendo seu nome alterado para Vila de Ipuarana. (SANTOS, 2007, p.36)

Vale ressaltar que este trabalho tratará a seguir de alguns pontos significativos da cidade de Lagoa Seca, que, para esta pesquisa, assumem caráter de relevância, por se tratarem de aspectos que desencadearam posteriormente na escolha desta cidade para receber o Colégio Seráfico.

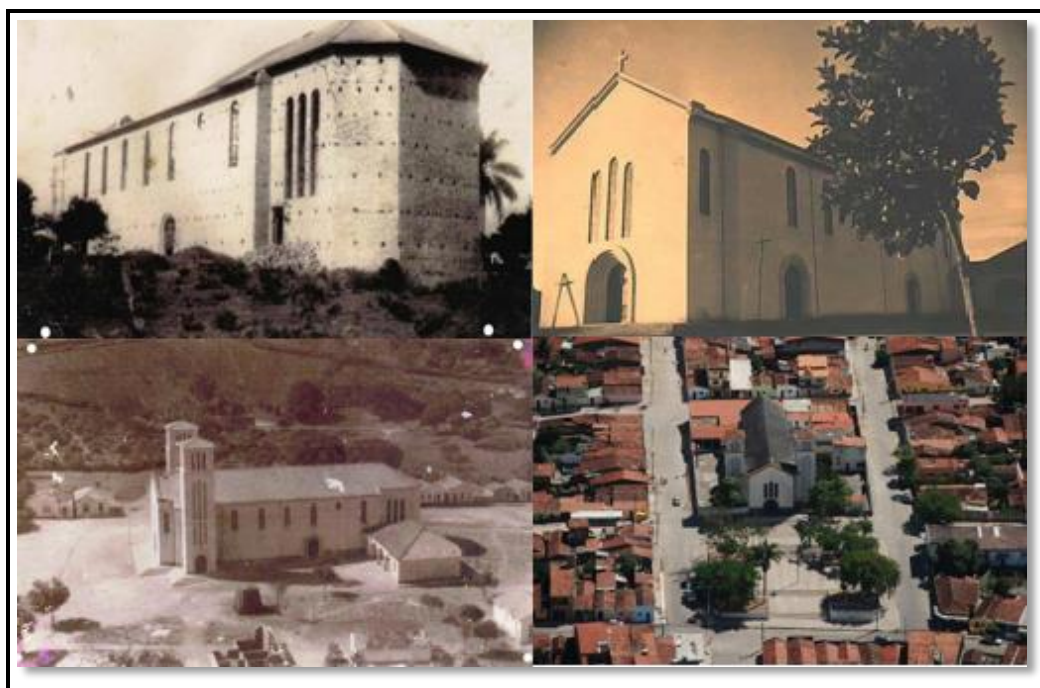
³O motivo para tal nome foi em razão de um francês, chamado Jean Boltrin, que sempre fora muito interessado pelos índios, além de ter ajudado os portugueses na guerra contra os holandeses.

⁴Como era chamado o local para vender carne.

A **religiosidade** sempre foi um fator marcante da cidade de Lagoa Seca. Desde o início de sua povoação, no ano de 1929, Lagoa Seca sempre manteve uma religiosidade predominantemente católica. Tal era a preocupação com as práticas religiosas que, em 1935, Cícero Faustino da Silva construiu, ao lado do seu comércio, uma pequena capela, que tinha como padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Com o crescimento populacional, a capela foi se tornando pequena para a quantidade de fiéis, transferindo-se para outra localidade, cuja doação do terreno foi feita pelo mesmo senhor; local que, atualmente abriga a matriz da cidade. Santos (2007) informa que por Lagoa Seca pertencer à Paróquia de Campina Grande, o responsável era o padre Delgado, que realizava as missas no distrito, até a chegada dos frades franciscanos, que assumiram o trabalho pastoral na localidade. Seguem algumas imagens da Igreja Matriz:

Figura 6 – Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Google

Observa-se, na imagem acima, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em diferentes momentos históricos, até o momento atual, onde está cercada de casas; nota-se, dessa forma, o processo de urbanização. O que era um município, tipicamente rural, com uma população na zona urbana pequena, vem ganhando novos aspectos de urbanização, através da abertura de novas ruas e, principalmente, de novos loteamentos; aliado a isso, soma-se também a precarização de algumas atividades agrícolas. A Matriz, que está situada na Rua da Conceição, s/n, no Centro de Lagoa Seca, completou, no ano de 2016, 63 anos de sua inauguração. O

lançamento da pedra fundamental foi em agosto de 1953. A Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pertence, atualmente, à Diocese de Campina Grande.

A construção dessa igreja foi feita em duas partes: a primeira, no ano de 1953, com a própria construção da igreja, e a segunda parte, no ano de 1954, com a edificação das duas torres laterais, tendo sua conclusão no ano de 1956. Atualmente, a Matriz tem como pároco o frei Francisco Gonçalves de Souza e os vigários paroquiais, frei Sérgio Moura Rodrigues e o frei João José da Silva, todos pertencentes à Ordem dos Frades Menores - OFM⁵.

A **emancipação política** apenas aconteceu no ano de 1964, quando Lagoa Seca foi desmembrada de Campina Grande, através do decreto da lei estadual nº3133, de 04/01/1964, instituída pelo então governador Pedro Gondim, através de um projeto do Deputado Estadual Manuel Barbosa da Silva. Assim, Lagoa Seca foi elevada à categoria de município. No entanto, parte da população não concordou com tal iniciativa, como foi o caso do presidente da Câmara de vereadores, o senhor João Jerônimo, que se opôs ao pagamento da dívida com as professoras, pois o município de Lagoa Seca enfrentava, em razão da transição política, grandes problemas econômicos e administrativos. Segundo o vereador João Jerônimo, esses problemas se deram em virtude do município não dispor de verbas para quitar sua folha de pagamento. Nesse sentido, Santos (2007) menciona que

O Sr. João Jerônimo, citado na entrevista, tratava-se do presidente da Câmara de vereadores de Campina Grande à época, que foi morador de Lagoa Seca e se opôs ao projeto de Manuel Barbosa para emancipação de Lagoa Seca, junto com parcela da população. Dessa forma, o novo município enfrentou dificuldades financeiras e administrativas, durante o período de transição política, pois Lagoa Seca não apresentava uma economia independente que pudesse manter a cidade, sem a ajuda de Campina Grande, e as querelas políticas se intensificavam na região: Por Lagoa Seca não ter verbas para pagar a folha de pagamento das professoras, foi colocado um projeto de lei em Campina Grande para que a prefeitura quitasse a dívida de pagamento das professoras. (SANTOS, 2007, p.132)

Mesmo com a emancipação política, a cidade de Lagoa Seca ainda permanece condicionada, economicamente, em grande parte, à cidade de Campina Grande. Durante a década de 60, Campina Grande vivia seu processo de industrialização, com o apoio da elite local. Nessa época, o seu parque fabril conquistou grande influência na região nordestina. Com

⁵ A Ordem dos Frades Menores (em latim *Ordo Fratrum Minorum*, O.F.M.), também conhecida por Ordem de São Francisco, por Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana, é a ordem religiosa fundada por São Francisco de Assis.

o declínio do mercado algodoeiro, a economia campinense se voltou, principalmente, para o setor industrial em decorrência de uma posição geográfica que favoreceu o comércio com outras regiões. Campina Grande conseguiu o status de entreposto comercial durante o século XX, fazendo com que a cidade também se desenvolvesse em outros setores.

Figura 7 – Brasão da cidade de Lagoa Seca



Fonte: Google

O Brasão da cidade é cheio de significados. No formato da letra U tem, na sua parte superior, a forma de uma torre medieval, e na parte inferior, uma faixa com a seguinte inscrição: “04 de janeiro de 1964”, que se refere ao dia da emancipação política do município. No centro do brasão, há uma tarja verde na posição diagonal que o divide em duas partes, contendo, na parte inferior, uma cruz branca, que representa a religiosidade do seu povo. Já no centro, encontra-se uma estrela, também de cor branca, que representa o município no estado paraibano, e na parte superior, a representação de uma boneca, que faz referência ao artesanato daquela região.

Na parte superior das divisões do Brasão contém as letras iniciais do município, “L” e “S”. Na parte inferior das divisões do Brasão contém, também de cor amarela e contorno azul, a representação de um animal bovino e um pé de alface, que representam as atividades econômicas do município.

As **atividades econômicas** do município estão atreladas à agricultura, demonstrando ainda uma dependência do município de Campina Grande, pois Lagoa Seca nunca conseguiu manter uma feira livre, tendo sempre como referência a feira Central de Campina Grande, visto que a maioria da população local plantava seus próprios gêneros alimentícios, a exemplos de frutas e verduras, os quais eram para o próprio consumo. Aliando-se a isso, a feira livre de Campina Grande mantinha, e ainda mantém, uma grande tradição por toda a região. Houve iniciativas durante certo tempo, de criação de feiras agroecológicas na cidade de Lagoa Seca, devido à produção de produtos orgânicos, oriundos da agricultura familiar, mas, sem grandes êxitos.

Na **política**, a cidade teve como primeiro prefeito, ainda que interinamente, o senhor Manoel Pereira do Nascimento, agricultor daquela localidade, que havia sido indicado por Severino Cabral, político de grande influência. Manoel passou pouco tempo no cargo, renunciou, sendo substituído por Pedro Sabino de Farias. Em outubro de 1964, houve eleições diretas para o cargo de prefeito, tendo como candidato eleito Francisco Camilo, conhecido na região como Chico Alfaiate; a obra estruturante do governo de Francisco Camilo foi a estruturação da energia elétrica no município de Lagoa Seca, em 29 de maio de 1966, passando a funcionar através de cabos elétricos.

Quando se trata da cidade de Lagoa Seca, há dois fatos curiosos e de pouco conhecimento público: o primeiro diz respeito ao CSSA, por se tratar de uma instituição altamente moderna para o seu tempo, pois tal instituição contemplava um serviço de luz elétrica, já no ano de 1941, ano de sua inauguração, enquanto a cidade de Lagoa Seca apenas começou a ter este serviço em 1958, pois:

a rede elétrica foi instalada em Lagoa Seca em 24 de agosto de 1958, e era gerada por um motor a diesel que funcionava na Rua José Caetano de Andrade, que ficou, por esse motivo, conhecida como Rua do Beco do Motor. O fornecimento de energia elétrica tinha hora para começar a funcionar e para terminar: de 5 horas da tarde até as 10 horas da noite. Mas vez por outra, os moradores davam um “jeitinho” para ter a luz elétrica por mais tempo, como por exemplo, pagar uma “gorjeta” ao funcionário responsável pelo motor para que ficasse ligado até o fim de uma festa. (SANTOS, 2007, p.127)

O segundo fato que chama atenção faz referência ao dia 18 de setembro de 1950, quando foi inaugurado o primeiro canal de televisão do país e da América do Sul, a TV Tupi- PRF3, com as bênçãos de Dom Paulo Rolim Loureiro, bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo; trazida pelo jornalista paraibano Assis Chateaubriand, no bairro de Sumaré-SP. Este fato foi

marcante para cidade de Lagoa Seca-PB. Certamente, de pouco conhecimento para muitos, mas de relevância histórica para o Brasil.

O frei José Mojica, religioso franciscano, foi o personagem principal da pré-estreia da emissora, sendo o primeiro rosto a aparecer na TV nacional, mesmo sendo em canal fechado. Foi um fato de muita divulgação, de modo que o frei Mojica conseguiu angariar fundos para suas construções religiosas. Quando visitou o convento Ipuarana, em Lagoa Seca-PB, o frei enfatizou a qualidade do ensino na formação de jovens para a Ordem Franciscana na região do nordeste. A visita do frei aconteceu num clima de muita alegria e festa entre os religiosos, irmãos leigos e estudantes do CSSA.

Figura 8 – Frei José Mojica cantando músicas românticas em setembro de 1950.



Fonte: <http://www.lagoasecaemfoco.com.br/>

Mas, quem era José Mojica, que contagiou os alunos do CSSA? José Mojica era um verdadeiro galã mexicano, astro de Hollywood, que trocou a vida artística pela vida franciscana, pois resolveu se consagrar à religião em razão da doença de sua mãe. Antes de fazer parte da vida religiosa, não pretendia continuar com a vida artística, mas foi incentivado e autorizado a permanecer, pois, com sua bela voz, se fazia necessária a arrecadação de fundos para as obras que a igreja necessitava, não se podia perder a oportunidade de angariar fundos, pois, além de todo o sucesso que Mojica tinha, era o artista mais bem pago de Hollywood.

Figura 9 – Ingresso no Seminário franciscano de Cusco, no Peru, em 1942.



Fonte: <http://www.lagoasecaemfoco.com.br/>

Com a morte de sua mãe, Mojica entrou em depressão profunda, de modo que se desfez de suas propriedades e se dedicou à vida religiosa. No ano de 1942, ingressou no Seminário franciscano de Cusco, no Peru passando a ser chamado de frei Mojica. Assim, esperamos que esta produção acadêmica aliada às produções de Elisângela Santos (2007), Kelyana Lustosa (2014) e de Carla Ramona Vieira Sales, Valmir Bruno de Souza Aguiar e Mateus Araújo de Medeiros, (2016), possa contribuir cada vez mais para que se conheça historicamente a cidade de Lagoa Seca.

A seguir, o estudo em questão abará uma discussão sobre como se deu a vinda dos franciscanos para a cidade de Lagoa Seca, na Paraíba, tentando compreender os principais fatores que influenciaram para esta vinda.

2.2 A vinda dos franciscanos para Lagoa Seca-PB

Antes de discutir a respeito da vinda dos franciscanos para a cidade Lagoa Seca, faz-se necessário conhecer um pouco da trajetória desta Ordem no Brasil.

Na História da Educação no Brasil, observa-se que, por muito tempo, a educação esteve fortemente atrelada à religião. Desde o processo de colonização, os franciscanos chegaram ao Brasil e tiveram papéis fundamentais, dentre eles, a catequização dos índios. De acordo com

Saviani (2013, p.39), “a colonização do Brasil contou com a contribuição imprescindível das ordens religiosas. Pode-se considerar que os primeiros evangelizadores do Brasil foram os franciscanos”.

Ao chegarem ao Brasil, juntamente com os portugueses, os franciscanos começaram suas missões em solo brasileiro, através do frei Henrique Soares de Coimbra, primeiro celebrante de missa no Brasil. Originados da Europa, entre os séculos XIII e XVI concebiam a missão⁶ como uma ação itinerante, sempre pregando o Evangelho, principalmente nos lugares por onde passavam, sejam aldeamentos ou lugarejos, incentivando à prática dos sacramentos católicos. Esta era a principal função das Ordens, pois, de acordo com Chatellier (1995, p. 17),

As ordens mendicantes haviam sido fundadas a partir do século XIII principalmente com essa intenção. [...] Só no reino da França contava com oitocentas fundações de conventos de frades que se reclamavam da regra de S. Francisco de Assis ou de S. Domingos, realizadas entre 1250 e 1550. Mas, foi preciso esperar pelo fim da Idade Média para que tipo do grande missionário capaz de reunir multidões se impusesse na Igreja, e pelo dealbar dos tempos modernos para que um método rigoroso, destinado a este gênero de apostolado fosse posto em prática.

Sem lugares fixos para propagarem seu apostolado, a prática desse ofício religioso se dava em pequenos grupos, e em vários lugares ao mesmo tempo, com pregações e a adesão de fiéis aos símbolos cristãos, com a preparação para a vivência de sacramentos e de penitências. A escolha dos lugares para as pregações se dava a partir da conversão de uma figura importante naquele contexto, poderia ser um representante político, que, além de manter a ordem, garantia os recursos necessários.

Nesse período, o ensino em 1500 era de responsabilidade das ordens religiosas, a exemplo dos Franciscanos, Jesuítas, Beneditinos, Carmelitas, e outras; sendo assim responsáveis pelo ensino de cunho religioso, bem como a reestruturação de cada ordem e de sua intervenção no campo religioso sobre os habitantes dessa terra. Assumindo, desta forma, características cada vez mais específicas, alterando aspectos do modelo até então mendicante, e confirmando a conservação de outros, a exemplo dos conventos, com a criação de instituições que representem seu plano de ação, a exemplo dos seminários e escolas. Um dos aspectos das ordens mendicantes diz respeito ao cultivo da própria existência.

⁶ A palavra missão, segundo o Dicionário Franciscano (1993): “Em inícios do século XVII [...] adquire o sentido técnico de envio ou destinação a países infiéis tendo em vista a pregação do Evangelho. Em consequência disso, aquele que era enviado começou a ser chamado de missionário, isto é, apóstolo, e o lugar onde era enviado, terra de missão, ou simplesmente, missão”. (DICIONÁRIO FRANCISCANO, 1993, p.437)

A primeira instituição escolar brasileira surgiu na Bahia, fundada por franciscanos, em 1538. Neste contexto,

Não é demais lembrar que a Ordem franciscana nasceu no século XIII. Os frades ocuparam as principais universidades européias no período medieval, e no Brasil a primeira escola do país teve àquela matriz de formação, fundada pelos freis Bernardo de Armenta e Alonso Lebron, em Santa Catarina, no ano de 1538. (SANGENIS, 2004, p. 98)

Muitas escolas foram criadas pelos franciscanos como núcleos das comunidades para a evangelização. Vale dizer que não foram todas as escolas que permaneceram, algumas foram substituídas, outras desapareceram e outras se desenvolveram como entidades próprias.

Os livros que tratam da História da Educação brasileira, na sua grande maioria, mostram a educação jesuítica como a mais significativa desde a primeira metade do século XVI, sendo, por mais de duzentos anos, a mais influente, e acabam esquecendo a contribuição que a educação franciscana teve para o Brasil.

De fato, os jesuítas, além de empreenderem uma grandiosa obra evangelizadora e missionária, construíram uma rede de colégios e escolas elementares. Isso ofuscou o papel de outras ordens, como a dos franciscanos, por exemplo, ainda possuindo pouca visibilidade, mas não diminuindo sua importância, como o próprio Freyre (1959, p. 57) menciona:

Acontece que dos catolicismos ligados ao esforço hispânico, nas Américas, no oriente e nos trópicos, embora aquele de que mais se fale, tanto bem quanto mal, tanto justa quanto injustamente, seja o representado pelo jesuíta, com relação a uns povos, e pelo dominicano, com a relação a outros, talvez não haja exagero em dizer-se hoje, à base de investigações objetivas e de estudos profundos, que o mais influente sobre aquele esforço, desde os começos, foi o catolicismo franciscano. (FREYRE, 1959, p.57)

Muitos foram os conflitos entre as ordens religiosas nesse período, em especial entre os franciscanos e jesuítas, resultando, geralmente, na expulsão do território brasileiro de uma ou outra Ordem das Missões. De acordo com Gilberto Freyre (1959, p.57), “dois principais modelos pedagógicos – o franciscano e o jesuítico – competiram na sociedade colonial brasileira dos primeiros séculos. O primeiro, que buscava a valorização do trabalho pelo incremento das atividades manuais, defrontou-se com o jesuítico, de Ratio Studiorum, fundado no latim”. Corroborando com a fala de Gilberto Freyre, tem-se a afirmativa de Rocha Pombo (1963, p.206), descrevendo que nessa época, no extremo norte, “*quase em Regra se punham os*

frades ao lado dos colonos contra os jesuítas”. Desta forma, Jaime Cortesão também afirma que

Ninguém ignora que as duas Ordens, a de S. Francisco e a de Santo Inácio, foram e são antagônicas. Pode seguir-se através da história, ora surda ora declarada, essa oposição. E a nós acrescentamos: as lutas, tão asperamente disputadas no Brasil, entre colonos e jesuítas, refletem, em grande parte, o antagonismo de espírito e processos que opõe uma à outra, as duas Ordens. (CORTESÃO, s/d, p.243)

O papel da igreja diante desses acontecimentos, percebeu-se, através da sua atuação, a necessidade de adaptar as missões, tendo como principal foco a advertência aos pecados e a obediência ao catolicismo. Com a formação e reorientação das missões, agora sob o controle do vaticano, fez com que a intervenção da Igreja, junto aos povos, fosse mais rígida. Assim sendo, essas ordens missionárias se adaptaram gradativamente a partir do Concílio de Trento e estabeleceram suas ações nos continentes. Nas palavras de Chatellier (1995),

[...] os papas sonhavam, desde o concílio, com os meios necessários para empreender com eficácia a obra da cristianização do mundo. Após as instituições de repressão, como o Santo Ofício em 1543, vieram o Colégio Germânico em 1555, destinado à formação de um novo clero nas regiões mais tocadas pela heresia, e sobretudo, em 1622, a criação da Congregação para a Propagação da Fé. [...] Esta instituição tinha como finalidade coordenar as iniciativas até então desenvolvidas de modo disperso pelos religiosos nas regiões infiéis ou tocadas pelo protestantismo. Ela pretendia dar-lhe um renovado impulso. Visava também colocar sob o controle exclusivo da Cúria Romana aquilo que, indiferenciadamente, se encontrava à responsabilidade de um príncipe católico, ou de um prelado dinâmico, ou de uma ordem missionária. (CHATELLIER, 1995, p.39)

Esses conflitos se davam, por se tratarem de Ordens Religiosas que contavam com a presença em outros países, e essas disputas se tornavam constantes. Assim sendo, os escritos jesuítas tratavam, de forma desfavorável, a história dos franciscanos aqui no Brasil.

Dessa maneira, de acordo com alguns autores, não foi dada a devida atenção a contribuição dos franciscanos com o processo pedagógico e civilizador da colonização portuguesa. A história dos franciscanos no Brasil é dividida em momentos distintos, um dos principais é o período da Custódia⁷ (1585 – 1619), em que os franciscanos, na região nordeste (Paraíba, Alagoas e Pernambuco), assumiram missões e mantiveram escolas. Pode-se perceber

⁷ Custódia é a Circunscrição de vários conventos, que não tendo jurisdição autônoma, depende, ainda, de uma Província.

que a proposta de um projeto civilizador e cristão dos franciscanos no país já começava a se mostrar, Basílio Rower (1947, p.149), diz que:

desde que os religiosos franciscanos se estabeleceram no Brasil, um dos seus cuidados foi sempre disseminar, na medida que a índole da Ordem essencialmente missionária o permitia, a instrução da juventude. O fim principal, por certo, é a educação moral e religiosa, mas com suas escolas realizaram e realizam também uma obra cívica e social.

Santos (2005) argumenta no *1º livro de Crônicas do Convento de Penedo* (1903-1930, p. 5) que os frades franciscanos mencionam que “os religiosos prestam serviços não só a religião como a instrução da mocidade. Criaram uma cadeira de gramática latina, onde ensinaram gratuitamente a quem quer que ali quisesse estudar”. Mas, no geral, as “escolas conventuais eram frequentadas por filhos dos moradores, atendendo aos pedidos das câmaras das Vilas, pessoas principais, e devotas”.

A educação, que tinha como principal pressuposto a orientação vocacional, era de caráter moral e religioso. O frei Bernardo de Armenta teve suas experiências de catequese citadas por muitos autores franciscanos, e, até por jesuítas, o próprio Manuel da Nóbrega, menciona seu trabalho em cartas, quando atesta a existência dos franciscanos entre os índios carijós:

Dois Clérigos que têm convertido e batizado muitos”. [...]frei Bernardo de Armenta e frei Alonso Lebron; e até o presente nunca deixou essa Ordem Seráfica de catequizar os filhos da selva e de plantar a fé na Terra de Santa Cruz (LYRA, 1978, p.44)

Percebe-se na citação de Lyra (1978) como se fazia o processo civilizador dessa população indígena, o próprio Elias (1993, p. 197) diz que “para garantir o processo civilizador era necessário agir sobre paixões e sentimentos de forma mais direta e espontânea, com o controle das emoções, da autocontenção, pacificando suas condutas e habilitando-os ao convívio social harmonioso guiado por regras acordadas entre si”.

Nessa citação de Elias, destaca-se que esse processo civilizador era focado na formação de um homem civilizado, buscando analisar aspectos relacionados à educação e ao agir bem em sociedade. Este “modelo” de homem transformado atingiria certo grau de civilidade e poderia contribuir com o desenvolvimento de sua época, mas, este processo de “transformação” não seria obra de uma única pessoa ou de certo grupo de pessoas, mas, sim, de um somatório de “transformações”, que permitiria a constituição desse novo ser.

A partir dessa análise, feita por Elias, pôde-se compreender que as transformações na sociedade não ocorrem de uma hora para outra, mas, sim, ao longo do tempo, percebendo, assim, que essas condutas são construções humanas e que não devem ser naturalizadas, ou seja, faz o indivíduo repensar sobre seus próprios costumes e hábitos, permitindo-lhe um melhor condicionamento de sua postura.

Observa-se que esse padrão, citado por Elias (1993), deveria ser seguido por todos os grupos sociais, um modelo que buscava homogeneizar os costumes locais, modelo burguês das sociedades europeias, com forte influência aqui no Brasil. Conforme Veiga (2008, p. 155), “[...] com a ascensão da burguesia, a civilização é apresentada como atitude desejável de uma sociedade, entendendo esse modelo como homogeneizador de toda uma população”. Ainda, a própria Veiga (2008, p.164) vai além, quando diz que “[...] demandou a produção de uma instituição, a escola elementar, como unidade de referência civilizatória configurada por padrões homogêneos de acesso ao saber racionalizado e formas de comportamento”.

Percebe-se que essa educação era voltada para uma mudança de conduta, que se estenderia a toda população, ou seja, essa escolarização elementar era parte fundamental do processo civilizatório. Azzi (1975, p.127) menciona que os missionários franciscanos colaboraram indiretamente com o governo nesse processo civilizatório e encontraram apoio, principalmente por eles não estarem “envolvidos em disputas políticas locais”. Nesse contexto, o pesquisador sabe as dificuldades de se encontrar fontes confiáveis que possibilitem um recorte mais aprofundado dessa temática. Com isso, Tetteroo (1924, p.57) argumenta que:

Avança a questão da historiografia franciscana quando aborda o problema da escassez de fontes e aponta para a necessidade de novas pesquisas sobre os franciscanos no Brasil, questão que, a partir de então, passa a ser constante nos escritos dos autores franciscanos.

Já para autores como Sangenis (2006), as dificuldades de se encontrar fontes para esses estudos se dão por:

Imprecisões talvez se justifiquem pela falta de informação sobre a matéria tão complexa, os preconceitos e as omissões são devido às paixões que tolheram o espírito crítico de autores de crônicas, relatos, cartas e demais documentos de época, assim como dos pesquisadores contemporâneos. Não foram poucas em que se rotulou a atuação franciscana no Brasil como ineficaz, escravagista, cerceadora da liberdade dos índios, antijesuítica, pró-colonial. (SANGENIS, 2006, p. 66)

A citação acima traz uma visão cunho religiosa, onde o autor destaca algumas impreviões que cercam outros autores. Muitos dos pesquisadores brasileiros relatam as dificuldades de se encontrarem fontes escritas sobre a contribuição dos franciscanos para a educação brasileira, o que se encontra é uma grande quantidade de documentos jesuítas. O frei Basílio Röwer é um dos que questiona essa falta de documentos e do pouco material existente sobre a historiografia das contribuições educacionais dos franciscanos aqui no Brasil, afirmando que

calam-se os documentos ou limitam-se a ligeiras referências, porque não era o lado forte dos confrades que nos precederam transmitir à posteridade o muito que fizeram em honra de Deus e pela salvação das almas. Satisfaziam-se em trabalhar, esperando, não o louvor dos homens, mas a recompensa eterna (RÖWER, 1944, p. 6).

Sangenis é um pesquisador contemporâneo, que tem dado grandes contribuições à historiografia franciscana. Seus trabalhos têm sido de suma importância para os estudos da história da educação dos franciscanos no Brasil; recentemente, publicou um livro sobre os franciscanos no Brasil, editado no ano de 2006. Seu livro se dedica à historiografia educacional em confronto com a historiografia franciscana, dando ênfase à Ordem franciscana, constituindo, assim, uma importante referência aos pesquisadores dessa área, tendo como base a documentação utilizada em contraste com a historiografia produzida no exterior, a exemplo das publicadas por Jaime Cortesão, Bartolomé Bennassar e Richard Marin, e por Maria Adelina de Figueiredo Batista Amorim.

Vale dizer que Sangenis se detém mais na análise dos preconceitos, remetendo-os à parcialidade dos escritores no tratamento dessa questão, defendendo que a insuficiência de análises, nos documentos analisados pelos historiadores, é somada a ótima organização e sistematização dos jesuítas em relação a sua história, contrapondo-se aos franciscanos, que não se preocuparam em preservar suas fontes documentais, nem tampouco documentá-las. Ao se fazer a análise de documentos da época, constata-se que não é apenas por falta de fontes, mas também, porque:

apenas refletem a má vontade dos autores de aprofundar seus estudos em direção ao que ultrapasse a Companhia de Jesus, seja para falar bem quanto mal. É como se bastasse a referência aos jesuítas, tratados como representantes máximos da ação missionária e protótipos dos missionários, para dar conta do capítulo que sempre deve tematizar a catequese dos índios e dos colonos. Em geral, nos textos didáticos, o exemplo jesuítico é considerado suficiente, não havendo motivo para tratar das demais ordens religiosas, sem incorrer em

“redundâncias” de um texto que deve cobrir ainda tantas outras coisas. (SANGENIS, 2006, p.70)

São poucos os autores clássicos da historiografia brasileira que desenvolvem estudos e se dedicam a conhecer a contribuição dos franciscanos para a educação brasileira, um desses pesquisadores é Gilberto Freyre, que, juntamente com José Honório Rodrigues, e o próprio Sangenis tratam dessa temática. Apesar de poucas, estas produções lembram a presença da Ordem franciscana na constituição do Brasil, Freyre menciona de onde vieram essas influências para o desenvolvimento desses estudos, quando menciona que as

inspiradoras de indagações e de experimentos científicos e desenvolvidas, desde anos remotos, em Oxford e em Paris, por frades de São Francisco que foram também, além de homens bons, grandes mestres ou doutôres: tão grandes que a influência das suas idéias transbordou da época em que atuaram em universidades e em claustros para se prolongar por outras épocas e noutros centros de estudo e de ação, numa verdadeira sucessão de ondas renovadoras do pensamento e da cultura dos europeus e de cristãos. (FREYRE, 1959, p. 9)

A obra de Gilberto Freyre é de extrema relevância para os estudos acerca do franciscanismo no Brasil, não só por ter sido escrita e organizada por esse autor clássico da sociologia e da historiografia brasileira, mas por ter sido escrito por um autor que não era franciscano. Freyre ressalta a ação dos frades franciscanos no desenvolvimento da cultura brasileira quando menciona que:

Particularmente na parte do Brasil – a setentrional – cuja cultura tem irradiado desses dois velhos centros de estudos e de ação, hoje universitários, outrora monacais, no modo de exercerem sua atividade intelectual e sua influência educativa: o Recife e Salvador da Bahia. Tão monacais que a Faculdade de Direito do Recife – núcleo da Universidade – nasceu num Convento de Olinda; e a Faculdade de Medicina da Bahia ainda hoje tem sua sede num quase canônico Terreiro de Jesus, enobrecido pela ciência dos médicos depois de ter sido ilustrado pelo saber dos clérigos. (FREYRE, 1959, p. 11)

Vale ressaltar que esta obra de Freyre, intitulada *A propósito de Frades* (1959), trata do catolicismo franciscano como uma orientação social e científica, que influenciou o esforço do colonizador espanhol e português. Essa obra é um dos poucos exemplares entre os autores brasileiros, tendo ainda as obras estrangeiras as que mais se dedicaram a estudos dos franciscanos.

Nenhum outro autor mais recente faz menção à contribuição das outras ordens religiosas, a exemplo dos franciscanos, no âmbito educacional, com tanta ênfase que é dada

exclusivamente aos jesuítas. Por isso, esta pesquisa tenta mostrar a importância dos franciscanos, desde 1500, na área educacional, sendo os primeiros educadores até a chegada dos primeiros jesuítas, em 1549. Uma das principais diferenças entre a Ordem Jesuítica e as demais Ordens, pode-se dizer que foi a primazia, na confecção e a propagação dos seus textos. Os franciscanos não se atentaram para a importância, de modo imediato, dos seus escritos.

Nessa medida, a pesquisa em questão indica a relevância da contribuição franciscana, não apenas no campo educacional, mas também no âmbito missionário. Aos poucos, os frades foram se instalando em Campina Grande. Alguns obstáculos impediram que houvesse uma rápida adaptação dos frades à nova localidade, como, por exemplo, a questão financeira, pois, além de pagarem aluguéis, tinha a manutenção dessas residências.

Para os franciscanos, a década de 1950 foi, na cidade Campinense, um período de muitas conquistas; os frades se dedicaram, sobretudo, ao trabalho missionário. Quase todos os municípios circunvizinhos a Campina Grande recebiam evangelização dos frades; foi por essa atuação que os frades ficaram conhecidos. O próprio fato de a província de Santo Antônio do Brasil ter fundado duas casas na cidade de Campina Grande, ajudou a implantar na região as missões e, dessa forma, contribui com a identidade católica da população do distrito de Lagoa Seca. Porém, necessita-se que os pesquisadores procurem esses vestígios disponíveis, que se fazem imprescindíveis para desenvolver pesquisas na área da História da Educação, contribuindo com o acervo bibliográfico já existente.

Nesse sentido, é importante mencionar que ainda há muito a se pesquisar e avançar. Mesmo com tantas adversidades, tais pesquisas já realizadas têm sido de extrema importância para a História da Educação brasileira. Observa-se que os que tiveram a capacidade de divulgar primeiramente seus escritos, levaram vantagens, silenciando e/ou omitindo a importância educativa e missionária de outras Ordens, a exemplo dos franciscanos. Fébvre (2000, p.428) menciona que “A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando os há. Mas pode fazer-se, deve fazer-se com tudo o que o engenho humano do historiador lhe pode permitir utilizar... Portanto numa palavra, com tudo o que, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do Homem.”

Pesquisas mostram que a primeira Custódia de Santo Antônio do Brasil surgiu no ano de 1584, sob a responsabilidade do frei Melquior (que exerceu o cargo de custódio durante nove anos), dando-lhe permissão para a fundação de conventos, onde ele achasse necessário, para receber noviços da ordem, mesmo sendo extremamente dependente da província franciscana de Portugal. No ano seguinte, os mesmos fundadores dessa Custódia chegaram a Olinda-PE e

fundaram muitos conventos entre as missões indígenas, bem como ações sociais e missões populares.

Por volta do ano de 1657, a custódia de Santo Antônio foi elevada à Categoria de Província, pelo Papa Alexandre VII. Dezoito anos depois, em 1675, foi criada a Província da Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro, com a ajuda da Província de Santo Antônio. Assim, o Marquês de Pombal, em 1759, criou o Alvará Régio, como sendo um dos primeiros esforços de secularização das instituições escolares, pois deveria ser mantido e dirigido pelo poder secular.

Desse modo, em 1776 já existiam treze Cadeiras, e, com isso, as ordens religiosas, de forma geral, passaram a sofrer grande repressão por parte do poder Régio no século XVIII, mas, o que foi fundamental para essa decadência foi o decreto do imperador D. Pedro II, proibindo a admissão de noviços em 1845, fazendo com que muitos conventos fossem fechados, por falta de frades.

A religião oficial do Brasil era a de cunho católico, com as limitações impostas pela lei, através do regime do Padroado Régio Ultramarino, não permitindo oficialmente a atuação de outras crenças; os não católicos não podiam demonstrar em público qualquer manifestação. Segundo a Legislação do Império, todos nasciam católicos e eram cercados por rituais e costumes católicos. Além disso, era comum participar desse universo, não dependendo de escolha prévia. Aos não católicos, havia uma proibição acerca do sepultamento dos mortos, e os batizados e casamentos não eram reconhecidos. Os cargos públicos eram reservados aos que professassem a fé da Igreja Católica. Hoonart (1977) menciona que, a partir do ano de 1860, começou-se a discutir esta configuração, constituindo novas modificações legais em prol dos demais credos, pois:

a organização da igreja no Brasil entre 1500-1800 era em grande parte controlada pelo Padroado, uma prerrogativa da Coroa portuguesa [...]. O direito de padroado foi cedido pelo papa ao rei português [...], de sorte que foi por intermédio deste Padroado que a expansão do catolicismo no Brasil foi financiada. (HOONART, 1977, p.12)

No ano de 1886, as Províncias franciscanas abrangiam as regiões do Nordeste e do Norte. E, em 1891, essas províncias receberam os primeiros frades restaurados alemães, vindos da Saxônia. Com isso,

o Brasil não é contemplado com as novas propostas que objetivavam a modernização do ensino pela introdução da filosofia moderna e das ciências da natureza, com a finalidade de acompanhar os progressos do século. Restam

ao Brasil, na educação, as aulas régias para a formação mínima dos que iriam ser educados na Europa. (ZOTTI, 2004, p. 32)

O catolicismo foi a religião oficial e a permitida no Brasil até o ano de 1889, com a Proclamação da República, em 1889, marcando, assim, o fim do padroado, e cortando, também, os privilégios do Clero. Com a ruptura entre o Estado e a Igreja, intensificou-se a Reforma Ultramontana, propagada por Roma, centrando a sua ação religiosa em torno dos sacramentos, tornando a figura do padre como indispensável.

Nesse contexto, a Cúria Romana foi assumida pelo Clero conservador, que instituiu uma política reacionária nos períodos papais de 1800-1823 e 1858-1939. O Catolicismo Ultramontano via a salvação da sociedade como uma tarefa exclusiva da Igreja, enxergando no mundo moderno um perigo para essa salvação, pois este se desenvolve sem obedecer aos princípios da Igreja, aparecendo como uma forma de orientação política reacionária. Com isso, a Igreja tentou combater esse pensamento moderno, para que pudesse recuperar o controle sobre a produção do saber.

Com o fortalecimento das ideias republicanas e liberais no final do século XIX, foi fortalecida também a ideia de um ensino laico, iniciando-se após a Proclamação da República. A partir de então, o ensino laico, oferecido pelo Estado, seria um contraponto aos colégios confessionais, que eram oferecidos pela Igreja, pois, segundo Oliveira (1874), esta hostilizava e negava os princípios da civilização moderna, centrados nos modelos liberais e positivistas de sociedade e da educação.

A Igreja Católica tinha como dever o ensino católico e como principal projeto a formação de cidadãos católicos, regidos por princípios morais e revelados por Deus. Decretar a laicização do ensino seria colocar em risco todo um projeto religioso, que era pautado na fé. Por outro lado, os Liberais argumentavam que a população não conseguiria promover o devido progresso que a civilização merecia, enquanto não se desvincilhasse da educação religiosa. Para eles, enquanto os cidadãos católicos se mantivessem “presos” à fé, não fariam nada, além de professar sua fé e a obediência à Igreja. Assim,

Liberais e cientificistas (positivistas) estabelecem pontos comuns em seus programas de ação: abolição dos privilégios aristocráticos, separação da Igreja do Estado [...] abolição da escravidão, libertação da mulher para, através da instrução, desempenhar seu papel de esposa e mãe, e a crença na educação, chave dos problemas fundamentais do país. (RIBEIRO, 2000, p.15)

Observamos na citação acima, que Ribeiro (2000), coaduna com os argumentos propostos, deixando claro que era necessário de desvincilhar da educação religiosa.

O principal argumento que a Igreja Católica defendia era uma moral cristã, fato que o Estado, através do ensino leigo, não poderia promover. Baseando-se nesse pressuposto, a Igreja Católica começou a desenvolver seu processo de recristianização, através da fundação de vários Colégios católicos, que, futuramente, se eximiriam da responsabilidade de uma educação pública do Estado, pois as classes dominantes desejavam para seus filhos e filhas uma educação tradicional, ofertada por esses Colégios. A citação de Saint Martin (2002) mostra esse cenário, pois

Trata-se de uma educação que procura desenvolver certos atributos que conferem aos jovens alunos das famílias católicas o sentimento de pertencer a um grupo que os posicionaria à parte dos demais alunos, devido à sua crença em suas qualidades religiosas. Esse sentimento ainda seria reforçado pelo próprio colégio que, centenário e com uma história a contar, legaria ao seu público e às famílias prestígio e distinção, ou seja, capital simbólico. Garantiriam reputação social, honra e senso de família, predicados essenciais para as famílias católicas pertencentes a uma sociedade que, na década de 1950, se encontrava em franca modernização. Por meio dessa ação pedagógica, as famílias Católicas conservariam sua posição, assim como manteriam a coesão, e a Igreja alcançaria seu intento: formar jovens católicos que se encontrariam nos postos-chave da sociedade, podendo-se concluir que as intermediações de Igreja, ação pedagógica e seus estabelecimentos de ensino e novas elites católicas – ex-alunos dos tradicionais colégios religiosos – têm pertinência. A seleção dos alunos, bem como a dos professores, também contribui para a realização dessa estratégia educacional. Permite, sem grandes percalços, que esses colégios deem continuidade à educação familiar que, desse modo, tem garantido uma escolarização marcada pela confiança e pelo conhecimento recíprocos entre pessoas do “mesmo meio”. A atitude pressupõe a existência de um só sistema de valores que, ao embasar as relações sociais no interior da escola, abonaria um tipo de educação escolar marcado pela homogeneidade social, aspecto basilar para a reprodução social das elites. E a maior prova de que o aluno estaria “no seu lugar” seria o fato de ser irmão, filho ou, ainda, neto de algum ex- -aluno. (SAINT MARTIN, 2002, p. 134 *apud* CHAVES, 2012, p.522)

Por mais que a República propagasse a separação do Estado com a Igreja Católica, era muito forte ainda a influência de uma moral religiosa na sociedade brasileira. Isso desencadeou um processo, levando o regime republicano a reconhecer a consolidação da Igreja nos serviços educacionais, prestados à população, para o progresso da sociedade. Assim sendo, Kulesza (2006, p. 88) afirma que:

é justamente a partir da proclamação da República que a Igreja no Brasil consolida sua hegemonia como agência formadora das elites dirigentes através da criação de inúmeros colégios católicos. [...] foi por meio do saber letrado que a Igreja católica no Brasil redefiniu seu papel na sociedade republicana, recuperando e ampliando o poder que detinha desde os tempos coloniais.

Tendo como principal objetivo a garantia e o fortalecimento da Igreja no Estado Republicano, a romanização fez uso de algumas estratégias, que foram desde a formação de um perfil de professor nos colégios confessionais, definido pelo Clero, até a circulação de conteúdos divulgados pela imprensa, que orientavam uma conduta moral e o perfil dos jovens. Assim, as escolas católicas disseminaram nacionalismo encetado pelo estado, na medida em que este reconhecia e admitia, oficialmente, as escolas católicas. Com a instituição escolar, o Estado Republicano encontrou um dos mecanismos para a construção de uma identidade nacional.

Quando a Igreja foi separada do Estado na Proclamação da República, e esta separação foi ratificada na constituição de 1891, não cessou, porém, a religiosidade imanente do povo. Logo, chegaram da Europa diversas congregações religiosas ao Brasil, com o intuito de, através de uma educação católica, corrigirem os “erros” de uma política liberal, propagados por uma educação leiga.

Dessa forma, inúmeros apelos foram feitos pelo então frei Antônio de Lellis, para a vinda de frades europeus, com o intuito de restaurar as províncias franciscanas daqui. Vindos principalmente da Alemanha, desde o ano de 1892, começaram a chegar os primeiros frades à Bahia, tendo como principal objetivo o desenvolvimento de uma educação católica, pois esta seria a atividade mais importante, pois era ela que formaria o conceito da integralidade do homem, ensinando-lhe a verdade revelada por Deus.

Com a separação, a Igreja ainda não tinha clareza sobre a situação e o momento que iria passar. Foram muitas as mudanças imediatas na realidade eclesiástica, oriundas da constituição de 1890, a saber: a igreja passou a adquirir e administrar, juridicamente, bens; foi estabelecida a liberdade de culto e a não intervenção do Estado em matérias religiosas. Assim, toda a liberdade que fosse conseguida, viria a contribuir com o revigoramento do catolicismo.

Dessa forma, várias expedições chegaram ao Brasil e, pouco tempo depois, os conventos, antes abandonados, estavam cheios de frades novos e velhos, vindos do continente europeu. Com a restauração dos conventos franciscanos, em 1901 foram surgindo novos conventos no Brasil, tendo como principal objetivo a promoção das vocações nacionais, já que grande parte dos frades, em solo brasileiro, era de origem alemã.

Com o surgimento de novos conventos no Brasil e com as dificuldades que o mundo passava durante a Primeira Guerra Mundial, o frei Baltazar Fark, que estava passando suas férias na Alemanha e que acabara de ficar retido neste país em razão desse acontecimento, começou a trabalhar, pensando na criação de condições psicológicas favoráveis para a criação de um colégio Franciscano na cidade de Bardel. Mostrando compreensão pelo empenho do frei

Baltazar, o frei Lucas Koch era o responsável pela Saxônia, exercendo a função de vigário provincial, e, no ano de 1921, em atas do Definitório⁸, que ocorreu em dezembro do mesmo ano, conseguiu uma permissão da província da Saxônia para a compra de um terreno em Bardel, para iniciar a construção de um Colégio Seráfico nesta província. De acordo com Moraes e Albuquerque (2009, p. 20-21),

Na primavera de 1922 foi construída pequena casa para a residência provisória dos religiosos. Na festa de São José foi celebrada nessa casa a primeira Santa Missa, pedindo-se a benção de Deus para a obra a se realizar. Em abril do mesmo ano, foram iniciadas as obras de construção do Colégio e do Convento. Apesar das sensíveis dificuldades surgidas no princípio, com máxima energia e com grandes esforços e sacrifícios feitos pela Província, as obras de construção continuaram até fins de 1929. Em seguida, pararam as obras, mas já estava executada a maior parte da construção do Colégio e do Convento, inclusive a Igreja, faltando, no entanto, partes importantes tanto do Colégio como do Convento. Por muitos anos permaneceu o Colégio de Bardel, sendo um edifício truncado e inacabado. Em 6 de agosto de 1923, inaugurou-se, com bênção litúrgica, a 1ª parte do Colégio, ainda sem o necessário acabamento interno e externo; e, no dia seguinte, começaram as aulas, com 15 alunos na Sexta e Quinta, 4 na Tertia e 2 na Secunda, número que até o Natal subiu pra 27.

Mesmo com o funcionamento do Colégio de Bardel na Alemanha, continuava a chegar mais frades ao Brasil, para darem continuidade ao seu noviciado. No ano de 1924, chegaram a Olinda-PE seis novos Noviços, juntando-se aos freis Manfredo Pantenburg e Hildebrando Krutkaup. Ao todo, foram 35 clérigos que embarcaram para o Brasil no referido ano. Moraes e Albuquerque (2009, p. 25) mencionam que:

Os atos do congresso Definitorial de 1º de maio de 1928 rezam: “tornando-se sempre mais urgente a necessidade de se fomentar as vocações entre os brasileiros, os PP. Definidores externaram sua vontade que em vários Conventos fossem escolhidos jovens idôneos para, por algum tempo, serem instruídos e sondados quanto à sua índole e ao talento; e quando julgados idôneos fossem enviados a uma Escola Seráfica a ser fundada mais tarde. Na reunião definitorial havida no Convento do recife, em 23 de novembro do mesmo ano, os PP. Definidores resolveram instalar na Residência Paraibana de São Pedro Gonçalves um Colégio Seráfico cuja função seria a de preparar os alunos para cursarem as classes superiores do nosso Colégio em Bardel. Frei Florentino Gerbig foi nomeado primeiro reitor desse Colégio Seráfico. Em 2 de fevereiro de 1929, o P. provincial frei Cornélio Neises inaugurou esse novo Colégio Seráfico de Santo Antônio que começou a funcionar com 12 alunos. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p. 25)

⁸ Entende-se por Definitório a direção da Província.

No ano de 1938, com a situação política e religiosa na Alemanha não muito favorável, foram suspensas as atividades do Colégio de Bardel, através de um decreto. No momento em que o Nazismo conseguiu fechar o Colégio Franciscano de Bardel, muitos frades alemães foram enviados para o Brasil, fugindo das ameaças de Hitler. Desta forma, com o Definitório de 1939, foi deliberada a construção de um novo Colégio Seráfico, em lugar a ser definido, para que, desta forma, o ensino confessional continuasse em vigor.

Como uma das finalidades do Colégio de Bardel era o envio de missionários para o Brasil, principalmente nas décadas de 20 e 30, com o seu fechamento, começou a se perguntar o que seria dos demais colégios que dependiam do envio desses frades. Preocupação esta que já se falava desde o ano de 1936, num artigo da revista de Santo Antônio, intitulado “O que será de nosso Colégio Seráfico em João Pessoa?”, provocando nos confrades a necessidade de se incentivar as vocações nessa província. Assim, viu-se a necessidade da criação de uma base sólida para a formação de franciscanos brasileiros. Desta forma, começavam a se delinear os preparativos para a construção de um grande Colégio, que pudesse oferecer melhores condições do que o Colégio Seráfico em João Pessoa.

Assim, passou-se a buscar um lugar apropriado, que pudesse atender certas demandas que seriam necessárias para o funcionamento de um Colégio: teria que ser localizado próximo a uma cidade de maior porte, para que viabilizasse o acesso dos alunos ao Colégio, e com condições climáticas que se aproximassem do clima alemão, tendo em vista a adaptação dos frades que viriam de lá. Deveria ser um local onde a população tivesse bons costumes, ou seja, fosse uma população de cunho cristão católico e famílias bem constituídas, seguindo um padrão cristão (pai, mãe e filhos). Assim, buscava-se um local que atendesse esses pré-requisitos.

Com esses objetivos, em busca desse lugar, formou-se uma comissão com os freis Noberto Holl, Matias Teves e Humberto, os quais visitaram alguns locais em Pernambuco e não encontraram os pré-requisitos necessários, para a construção de um Colégio Seráfico. Então, resolveram visitar outros locais, desta vez, na Paraíba. Nesse estado, o padre Mariano, vigário de Campina Grande, levou os frades a conhecer novos terrenos.

O frei Romualdo Kruempelmann escreveu uma carta ao R. P. Definidor, frei Matias Teves, comunicando que conseguiriam um bom terreno, próximo à cidade de Campina Grande-PB, por um ótimo preço, nove contos de réis, metade do que valeria, para a construção do Colégio Seráfico. Com esta notícia, o padre def. frei Matias veio a Campina Grande, para conhecer o terreno em Lagoa Seca, aprovando a adesão de tal terreno. Em Definitório de 1939, foi escolhido o sítio de Lagoa Seca. Conforme afirma Pereira (1999, p.79), “Grande foi a

surpresa – diz frei Pedro – de encontrarem um local ótimo, com todas as condições desejadas, no lugarejo de Lagoa Seca, à época também chamado de Ipuarana”. Surgia, assim, o CSSA.

A chegada de tal projeto mobilizou a população local, que foi receptiva e acolhedora. No dia 28 de Novembro de 1939, os freis Lamberto Hoetting e Pedro Westermann foram os primeiros a chegarem em Lagoa Seca para ajudarem na construção do Colégio. No ano seguinte, o frei Manfredo Patenburg chega a Lagoa Seca. Em 28 de janeiro de 1940, o Arcebispo da Paraíba, Dom Moisés Coelho, cercado por uma multidão e por personalidades da época, como o prefeito de Campina Grande, Bento de Figueiredo, dava a bênção da Primeira Pedra e dos alicerces do Colégio.

Dessa forma, com a construção desse Colégio, resolver-se-ia o problema vocacional na província de Santo Antônio. O frei Lamberto Hoetting, que era irmão leigo, tinha o conhecimento técnico e acompanhava a construção, e, juntamente com o frei Pedro Westermann, grande incentivador das vocações, ficou conhecido como o guia e dirigiu os trabalhos de construção do seminário, elaborando, juntamente com o frei Lamberto Hoetting, um anteprojeto, que veio a ser desenvolvido por Heitor Maria Filho, arquiteto de Recife. Posteriormente, juntou-se a eles o frei Manfredo Panterburg, que ficou conhecido como o apóstolo; estava formada a primeira comunidade franciscana do Colégio.

Arruda e Lustosa (2015, p.6) relatam, num artigo publicado no II Congresso Nacional de Educação em, que o “frei Manfredo Patenburg em 1930 chegou ao Brasil, mas só veio para Lagoa Seca apenas em 1940, vale ressaltar que ele foi um dos pioneiros do Colégio Seráfico. Durante vinte e cinco anos foi vigário de Lagoa Seca”.

A província dos franciscanos, aqui no Brasil, hoje, encontra-se em 8 estados, a saber: **Alagoas** (Convento Nossa Senhora dos Anjos, Penedo - AL); **Bahia** (Convento de São Francisco, Salvador - BA; Convento Santo Antônio, São Francisco do Conde - BA; Convento Santo Antônio, Cairu – BA; Convento Santo Antônio, Campo Formoso - BA); **Ceará** (Convento Nossa Senhora das Dores, Fortaleza - CE; Convento Santo Antônio, Canindé - CE); **Pará** (Residência dos Franciscanos, Belém - PA; Missão Tiriyó, Missão Tiriyó - PA); **Paraíba** (Convento Nossa Senhora do Rosário, João Pessoa - PB; Convento de São Francisco, Campina Grande - PB; Convento Ipuarana, Lagoa Seca - PB); **Pernambuco** (Convento Santo Antônio, Recife - PE; Convento dos Franciscanos, Olinda - PE; Convento Santo Antônio, Ipojuca - PE; Convento dos Franciscanos, Pesqueira - PE; Convento de São Boaventura, Triunfo - PE); **Rio Grande do Norte** (Convento dos Franciscanos, Mossoró - RN); **Sergipe** (Convento Santo Antônio, Aracaju - SE).

Em outras palavras, é preciso ressaltar a importância da obra dos Franciscanos no Brasil, pois eles foram os responsáveis pela formação dos primeiros letrados brasileiros: os bacharéis, juízes, desembargadores e padres. Zotti (2004, p.81) mostra que “o ensino era proposto nos rudimentos da fé, no estudo dos elementos e no escrever, havendo preocupação com um material pedagógico que atendesse às expectativas do ensino religioso”.

Paiva (1982, p.22) enfoca que “a fé era a verdade, a adesão à verdade: importava, pois trazer todos a ela. Ela era a ordem instituída por Deus, fora dela tudo o mais era aberração, anomia, injúria”. Kulesza (2010, p.127) indica que “o temor a Deus, disseminado há muito tempo entre as massas camponesas europeias, precisava ser inculcado entre as populações indígenas daqui para que elas reconhecessem a autoridade portuguesa, legítima representante do céu na terra”. Assim, observa-se que desde a vinda dos portugueses para o Brasil, em 1500, a obra franciscana contribuiu para a instrução do povo brasileiro. A seguir, trataremos da fundação e ampliação do Colégio Seráfico de Santo Antônio.

2.3 Fundação e ampliação do Colégio Seráfico de Santo Antônio

No interior dessa discussão, que permeia a ideia da fundação e ampliação dessa instituição de ensino confessional, sobressai o pressuposto de um ensino integral na formação de novos sacerdotes.

Nas primeiras décadas do século passado, após a província de Santo Antônio ter sido restaurada, começou um movimento com o objetivo de se conseguir novas vocações nacionais, e uma das medidas adotadas foi a construção de novos centros que promovessem as vocações, desse modo, com esse movimento, cria-se força com a construção de Colégios Seráficos.

Conforme visto anteriormente, o propósito da criação do Colégio Seráfico em Lagoa Seca se deu em meio à efervescência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com isso, o Arcebispo Metropolitano, Dom Moisés Coelho, conduziu a bênção solene de tal instituição, como menciona Albuquerque (2000):

Conta-se que estiveram presentes ao ato o prefeito de Campina Grande, representado pelo interventor da Paraíba, Dr. Argemiro de Figueiredo, além do juiz de direito de Campina Grande e parte do Clero daquela cidade. Também estiveram presentes o padre Definidor, o frei Matias Teves, e representando o padre Provincial, na época, o frei Humberto Triffterer, bem como os frades frei Paulo, frei Romualdo, frei Marcelo, frei Libório e, da primeira comunidade franciscana de Ipuarana, assistiram a solenidade frei

Lamberto Hoetting, frei Manfredo Panterburg e frei Pedro Westermann.
(ALBUQUERQUE, 2000, p.12)

Nesse sentido, observa-se que era motivo de festa a chegada de missionários numa comunidade, sendo recebidos por autoridades eclesiásticas e civis, com a presença da população. Regni (1991, p.252) menciona que “[...] o missionário fazia o ‘sermão forte’ [...]”.

Depois de inaugurada a primeira parte do Colégio, começou a construção de outras partes, como refeitório e salas de aula, pois, devido ao fechamento do Colégio de Bardel, essa obra tinha que ser realizada o mais breve possível, para a formação de novos frades. Em ritmo acelerado, a obra já contava com algumas áreas prontas, eis que, em meados de 1941, surge o CSSA, já abrigando os primeiros alunos, não os do curso Clássico, a que era destinado, mas, sim, de duas classes preparatórias, num total de 19 meninos/rapazes. Ao final deste mesmo ano, 11 alunos foram promovidos ao curso Clássico. Assim,

Em abril de 1941, nos dois pavilhões levantados, começava a funcionar, em caráter provisório, o curso pré-ginasial, sob a direção de frei Gervásio Michels e frei Artur Reckers. As obras do Colégio Continuavam em ritmo acelerado com a construção da enfermaria, diversos quartos, novas salas de aula e um grande dormitório central, medindo 34m por 12m, flanqueado em cada lado por escadas que iam dar no piso inferior onde ficavam chuveiros e lavatórios e local destinado a guarda de malas dos alunos, tendo na área superior, ladeando cada escada, quartos destinados aos padres prefeitos. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p.38)

A população de Lagoa Seca percebeu a importância de tal obra na localidade, uma vez que os seus moradores se mobilizaram para a construção do Colégio, percebendo neste a oportunidade de ter, nesta localidade, vários clérigos, e, desta forma, intensificar as práticas religiosas na localidade.

À medida que o Colégio crescia, o distrito de Lagoa Seca também crescia. Assim, percebe-se que essa construção empregou muitas pessoas, principalmente do próprio distrito de Lagoa Seca. Toda a construção foi custeada pelas arrecadações feitas nas missões pelos franciscanos no Nordeste brasileiro. Houve também verba dos Estados Unidos, através do frei Sebastião Evers, que lá residia. Ainda hoje é comum encontrar na fala de alguns moradores desta cidade, que a construção do Colégio Seráfico teria sido financiada com dinheiro alemão, mas, como se sabe, nesta época a Alemanha não poderia contribuir, financeiramente, em virtude da Guerra.

Contudo, nesse momento, a guerra influenciou na rotina do Colégio, tendo em vista que, após a inauguração, o colégio passou a ser alvo da hostilidade de alguns moradores, que

enxergavam na presença de alguns frades alemães uma ameaça, visto que o Brasil e a Alemanha lutavam em lados opostos na Guerra.

Lustosa (2014, p.40) menciona que “na cidade de Campina Grande, ocorreram depredações a propriedades pertencentes a pessoas de nacionalidade alemã, e também alguns se puseram em marcha para o distrito de Lagoa Seca a fim de atacar o convento fundado pelos franciscanos alemães”. Mas, não lograram êxito, pois a população local interveio para proteger o Colégio. Alguns moradores acreditavam que a construção de tal empreendimento, naquela localidade, serviria mais para esconder os frades alemães do que para a formação de novos frades. Nessa época, muitos frades alemães viviam se escondendo do exército brasileiro, com medo de serem confundidos com nazistas disfarçados.

Nessa perspectiva, com uma educação estritamente de cunho religioso, o CSSA passou a funcionar, por completo, no ano de 1942, oferecendo ensino, além da exigência a momentos de orações. No colégio, havia a prática de esportes, além de passeios, leituras, aulas de teatro e música. Esse novo modelo de educação estava voltado para a formação integral de homens éticos, bons cristãos, tendo como uma de suas principais finalidades, a formação de sacerdotes para a Ordem Franciscana do Brasil.

Para Moraes e Albuquerque (2009, p.41), “o Colégio Seráfico teve grande contribuição na formação moral e educacional a centenas de crianças e jovens, geralmente escolhidas nas paróquias das regiões do Norte e Nordeste do Brasil”. Entretanto, havia todo um processo para que os alunos fossem aceitos, a começar pelo ingresso no Seminário, como é mencionado por pesquisadores da instituição:

Para o ingresso dos alunos no referido Seminário, havia toda uma organização. Era preciso a recomendação de um padre ou alguém ligado à Ordem que o indicasse, conhecesse a família e a procedência do candidato a seminarista. (ARRUDA e LUSTOSA, 2015, p.7)

O currículo proposto no Colégio Seráfico de Santo Antônio compreendia as disciplinas de Alemão, Grego, Religião, Latim, Francês, Português, Matemática, Moral e Cívica, História, Geografia, Ciências, Química, Biologia, Física, Organização Social e Política do Brasil, Liturgia, Desenho, Caligrafia, Ginástica, Música e Canto.

Estudar no CSSA exigia muita dedicação, pois lá existia um currículo diversificado, dedicado à formação de clérigos. Pereira (1972, p.16) relata que “o Colégio formou 184 alunos, onde: 39 são sacerdotes, 4 licenciados, 5 que se ordenaram como padres, 11 que se laicizaram

e 2 que faleceram. Há ainda 2 clérigos estudantes e os 6 que estão concluindo o secundário. Um faleceu ainda clérigo. Os 114, restantes saíram antes da ordenação”.

Era comum o distanciamento do Colégio com o distrito de Lagoa Seca, por se tratar de uma instituição confessional, cujo objetivo era a formação de novos clérigos, o isolamento das tentações mundanas era mais que necessário. E isso fica claro pelo fato que o Colégio se auto sustentava havendo dentro das dependências do Colégio, oficinas de mecânica, marcenaria e/ou carpintaria, alfaiataria, sapataria, além de ter sua própria padaria, e tudo isso a serviço do Colégio. Havia um sítio no terreno do Colégio que os alimentos ali plantados supriam a alimentação dos alunos, além da criação de animais como galinhas, vacas e porcos.

Os poucos contatos estabelecidos entre a comunidade franciscana e a população de Lagoa Seca, ocorria através do frei Manfredo Panterburg, por meio da catequese que ele ministrava. O frei organizou centros de catecismo e alguns retiros populares, tendo o objetivo de atender, principalmente, as crianças do sexo masculino, no intuito de conquistar novos alunos para o Colégio, e, dessa forma, possíveis sacerdotes.

Com o Concílio Vaticano II⁹, os alunos que eram seminaristas no Colégio passaram a sair do Colégio e auxiliar os clérigos na catequização das crianças pela região, antes esse trabalho só poderia ser feito pelos próprios clérigos.

Com o decorrer do tempo, o Colégio passou por algumas transformações, que desencadearam no seu fechamento. Mas, quais seriam os fatores que contribuíram para o fechamento de um Colégio, que, durante trinta anos, contribui para um ensino de qualidade? Os dois principais fatores foram: o primeiro, nos anos de 1960, quando começou a se desencadear uma revolução ideológica, cultural e tecnológica, com investimentos em pesquisas e conquistas espaciais, como mencionado anteriormente. Com isso, não apenas o Brasil, mas o mundo se adaptava ao surgimento de movimentos civis em favor dos negros e homossexuais; a difusão mundial da televisão em cores; a disputa tecnológica entre Estados Unidos e União da República Socialista Soviética, além da desaceleração da economia mundial.

Por esses motivos, a Igreja católica realizou o Concílio Vaticano II, sob o comando do papa João XXIII. Foi ele o agente de uma nova visão da conjuntura daquela época, sendo inspirado a efetuar urgentes mudanças para a renovação da Igreja, de modo a poder acompanhar os emergentes acontecimentos mundiais. João XXIII fez grandes inovações litúrgicas. Escreveu

⁹ Foi uma série de conferências realizadas entre os anos 1962 e 1965, consideradas como o grande evento da Igreja Católica no século XX, tendo como objetivo a modernização da Igreja e a busca dos cristãos que estavam afastados da religião. O papa João XXIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano.

encíclicas voltadas para um compromisso social, nas circunstâncias em que se vivia, ao longo do seu papado. Aliado a isso, foram as saídas para o episcopado do frei Adriano no ano de 1960 e do frei Silvério, ano de 1963.

O segundo motivo foi à vinda de professores leigos para o colégio em questão. Com o aumento da demanda por vagas, o CSSA passou a contratar professores sem vínculo com a Ordem Franciscana, pois boa parte dos frades desenvolviam trabalhos espirituais junto à população de Lagoa Seca-PB. Aliando-se a esse fator, o próprio objetivo do Colégio, formando apenas 39 clérigos, não cumprindo a contento, e a própria crise que se instalou entre os alunos e os prefeitos, os alunos pequenos passaram a se desentender com os alunos maiores, assim como houve o desentendimento entre os freis Albano, Renato e Luciano. Desse modo, os alunos estavam tomando um novo rumo, ou seja, a massificação de leigos nas pastorais, o ambiente mundano, a falta de idealismo, indisciplina. Essas mudanças foram intensivamente sentidas no Colégio:

A falta de professores franciscanos obrigou a contratação em Campina Grande de professores leigos nos últimos anos de funcionamento, no caso, na maioria mulheres, o que certamente contrastava com a disciplina dos anos iniciais, quando em fila dupla, braços cruzados ao peito e cabeça baixa adentrávamos a igreja, proibidos de olhar para os bancos traseiros onde ficavam as mulheres. (MORAES e ALBUQUERQUE, 2009, p.42)

Diante desses acontecimentos e com o fechamento de outras Escolas nessa época, o CSSA Antônio não obtinha mais um sistema de recrutamento eficaz, recebendo candidatos sem a mínima vocação. Os frades mais novos já não se identificavam mais com a vocação de frade, pois, uma das únicas carreiras que se tinha a seguir era a de ser padre, e, com a urbanização, surgiram novas possibilidades de trabalho, não permanecendo mais a desculpa de não se ter o que fazer ou a falta de vocação. Assim, novos caminhos foram trilhados por esses jovens em diversas áreas.

As práticas escolares, ocorridas no CSSA, estavam pautadas na formação de um modelo de homem voltado para servir a ordem religiosa. Nesse sentido, Oliveira (2008, p.9) faz uma reflexão sobre o rigor no cotidiano do colégio em questão: “Em Ipuarana aprendi a ter horário, a ter disciplina, a estudar, a praticar esportes [...] Uma carga horária intensa”. Como se pode observar nessa citação, havia uma formação que contemplava não apenas o lado religioso, mas também o físico no Colégio Seráfico, como afirma Pereira (1993):

Tantos maiores foram as oportunidades para uma sólida formação moral e intelectual. Era o estudo que nos plenificava a vida. Um estudo, no conjunto,

orientado para o humanístico e o clássico, com grande ênfase sobre as línguas antigas (Latim e Grego) e modernas (no caso, Francês e Alemão), mas onde também havia lugar para as ciências exatas. Pessoalmente, além de dar conta com certa folga das tarefas no campo humanístico, manifestei no Seminário Menor, uma inclinação especial para o terreno das Ciências Exatas: a Matemática, a Física, a Química, e particularmente, como um hobby que me empolgava e plenificava os anseios de um retraído e aplicado adolescente, a Astronomia. (PEREIRA, 1993, p.147)

Dos objetivos propostos pelo CSSA, um dos principais não estava mais sendo alcançando, isto é, a formação para a Ordem, tendo em vista que durante seus 30 anos de funcionamento o Colégio recebeu 1.486 alunos, destes apenas 184 se formaram, onde 39 permaneceram na Ordem. Diante desse acontecimento, os educadores passaram a discutir a situação da instituição juntamente com a direção provincial, fornecendo-lhes, por escrito, o parecer da situação. Alegaram que os alunos estavam sendo prejudicados, ao invés de favorecidos pelo ambiente escolar.

Dessa forma, naquele momento não havia mais condições para o funcionamento da instituição, pois esta fora criada para a formação de um modelo de homem voltado para servir a ordem religiosa, de modo que não estava mais conseguindo cumprir este papel, acarretando, assim, no seu fechamento. Todavia, não se deixa de mencionar as contribuições da instituição para a comunidade, uma vez que:

Nem seus ex-padres deixam de contar pontos para Ipuarana, seja pelo tempo em que trabalharam como sacerdotes e religiosos (não raro eles foram bons sacerdotes e religiosos – e o bem que foi realizado ninguém pode apagar), seja como os demais ex-alunos, quando por sua vida profissional e familiar dão em seu ambiente um testemunho de fé cristã e franciscanismo. (REGO, 2000, p. 192)

Em dezembro de 1971, saiu o Definitório, resolvendo fechar o Colégio. Desse modo, os alunos tiveram que voltar para suas cidades. Alguns alunos, que não demonstraram vocação religiosa, foram morar e estudar em Campina Grande-PB. A direção do Colégio, preocupada com o espaço físico do prédio, transformou-o num Convento.

Hoje, percebe-se que o CSSA proporcionou para aquela província vários pontos positivos, sendo importante para a obra de restauração franciscana, e, até hoje, mesmo sem funcionar mais como Colégio Seráfico, o Convento Ipuarana ainda é berço de reencontros dos seus ex-alunos, bem como uma referência para católicos de todo o estado e, até mesmo, do país, funcionando, atualmente, como um centro de encontros e convenções.

3 CULTURA E PRÁTICAS ESCOLARES: O COTIDIANO DO CSSA COMO OBJETO DE PESQUISA

Este capítulo discute acerca da cultura escolar brasileira, com particular interesse pelas práticas escolares do CSSA. A seguir, destacam-se as problemáticas teórico-metodológicas, tentando associá-las a um estudo que se debruce sobre as práticas escolares. Em última instância, há uma reflexão sobre alguns elementos do CSSA, tomando como objeto de investigação os métodos de ensino daquela instituição.

3.1 A cultura escolar como suporte teórico para o entendimento das práticas escolares do CSSA

Particularmente, este subitem trata a respeito do funcionamento interno dessa instituição escolar, em busca de compreender como os professores, irmãos leigos e alunos construíram os seus fazeres e elaboraram as vivências escolares. O arcabouço documental, que estrutura essa discussão, é formado pelas entrevistas¹⁰ com três sujeitos que vivenciaram o cotidiano da instituição, por três ângulos diferentes, a saber: um ex-aluno, um ex-aluno e a *posteriori* ex-professor, e um irmão leigo. Dessa forma, pretende-se, através do levantamento de outras fontes, como fotografias e o Regimento Interno da instituição, dar subsídios na elucidação dessas práticas escolares, contribuindo para a escrita da História da Educação na Paraíba, a partir do recorte temporal proposto.

Aqui, entende-se por cultura escolar um conjunto de normas e práticas coordenadas, que podem variar, de acordo com as finalidades, sejam elas religiosas, sociopolíticas ou de socialização. Assim, dependendo dos interesses de determinado segmento da instituição escolar, haverá concepções de hierarquia, autoridade e participação, criando culturas diferenciadas em cada instituição de ensino, no que se refere a sua organização.

Contribuindo com essa reflexão, Viñao Frago (2000a) sintetiza outros estudos existentes sobre cultura escolar, lembrando que esta cultura tem sido entendida como uma das “caixas-pretas” da historiografia educacional, quando

¹⁰ As entrevistas realizadas com os entrevistados ocorreram em seus respectivos domicílios, a saber: Cícero, em sua residência, no bairro de Bodocongó; frei Petrônio, no Convento de São Francisco, em Campina Grande, e frei Anésio, no Convento de Ipuarana, em Lagoa Seca, e, depois de apreciadas, foram aprovadas pelos sujeitos para publicação.

os modos de pensar e atuar que proporcionam a seus componentes estratégias e pautas para desenvolver-se tanto nas aulas como fora delas – no resto do recinto escolar e no mundo acadêmico – e integrar-se na vida cotidiana das mesmas (VIÑAO FRAGO, 2000a, p. 100).

Dessa forma, compreende-se a cultura escolar do CSSA como suporte teórico para o entendimento das práticas escolares, ocorridas naquela instituição de ensino. A autora Ester Buffa (2007) comenta que pesquisas sobre a instituição escolar devem priorizar fontes, como: documentos oficiais da implantação da escola; quadro de professores; trajetória de ex-alunos; entrevistas com sujeitos envolvidos no processo de criação da instituição; legislação da época; currículo; cadernos dos alunos; jornais da época; práticas disciplinares, fotografias, entre outros.

O autor Daniel Roche (1998) menciona que “a cultura é uma produção que se consome ao produzir-se”, e, de fato, ao ser “criada” pela vida material e ao se estruturar em classes, a cultura escolar foi sendo impulsionada pelo seu reconhecimento. Dessa forma, a cultura escolar gera a determinada parcela da população, ainda que inconscientemente, uma forma de resistência. Assim,

A preocupação com a ação dos sujeitos sociais, sua experiência ou prática, atingiu de forma contundente as investigações no campo educacional. Não apenas colocou professores e alunos no âmago das análises sobre a escola e a escolarização, ampliando o leque das abordagens pela consideração às escolhas nem sempre conscientes que realizaram. Mas, principalmente, propiciou rever o binômio escola - cultura sob outro prisma que o da transmissão cultural, acompanhando as mudanças epistemológicas abertas com os estudos culturais. Sob esta nova perspectiva analítica, a escola precisou ser invadida, perscrutada na internalidade dos processos que construía, interrogada nos modos como traduzia as demandas sociais em ações escolares e nas formas como organizava, classificava, contabilizava e administrava seu cotidiano. (VIDAL, 2006, p.157)

Desse modo, a cultura escolar deixa de ser externa à instituição, passando a ser também interna, permitindo, assim, a compreensão da escolarização, além de permitir a possível negociação entre diferentes interesses dos grupos sociais, juntamente com o funcionamento da instituição. Nessa perspectiva, a escola deixa de ser apenas a receptora de normas, e passa, também, a exercer a função constante de negociação entre o posto e o realizado.

Posto isso, compreende-se que as práticas escolares se constituem como práticas culturais, apresentando novas compreensões do realizado e estabelecendo novos sentidos. Tais práticas não são individuais, exercitando culturas específicas, a partir das situações em que

foram produzidas. Faz-se necessário considerar a principal característica das práticas, a que ela deve ser praticada, executada como uma ação que se produz nas relações estabelecidas pelos sujeitos com o mundo, através de sua materialidade.

Analisar essas práticas estimula a atenção para com o outro, reconhecendo em um passado único, a aproximação e a diferença do presente. Nesse caso, as práticas escolares motivam perguntas acerca das especificidades históricas das regras de utilização dos materiais escolares, implicando no estudo de algumas características formais.

É importante ter o cuidado de não se deduzir essas práticas passadas em práticas atuais, esse é um dos riscos que se corre, ao fazer com que o pesquisador não se indague sobre suas singularidades e acredite estar falando sobre o passado, quando apenas este se remete ao presente, ou seja, ao se investigar essas práticas escolares, deve-se levar em consideração o ambiente escolar e a experiência de vida dos sujeitos, sendo também objeto de reflexão, traduzindo-se em modelos de ensino e práticas educativas. A fonte fotográfica é um recurso que também permite a análise de como os sujeitos enfrentaram as imposições e construíram sua trajetória individual e coletiva no interior da instituição.

O importante é destacar aqui a problemática das fontes para a compreensão das práticas escolares. Vale ressaltar que a conservação de cadernos, diários de classe, livros didáticos, entre outros, contribuem para as práticas escolares. São significativos indícios das práticas escolares, por exemplo, a utilização de objetos de escrita, como: lápis, canetas e cadernos, que indicam a relação com o universo da escrita. Esta ocupa um lugar significativo das práticas escolares, os seus vestígios estão em todas as partes: nos próprios cadernos escolares, nos diários, históricos, boletins e, assim, adquire um detalhe maior do seu uso, e, conseqüentemente, como estes materiais foram distribuídos ou impostos a esses sujeitos.

Esses objetos e tantos outros, sejam de uso individual ou coletivo, são necessários ao funcionamento da aula, e trazem as marcas do desenvolvimento das práticas escolares, quando observados, de acordo com sua conformidade. O uso de outras fontes, como por exemplo, as fotografias, a própria história oral pode, ainda, aumentar a compreensão das práticas escolares, como do cotidiano e da própria constituição do sujeito no ambiente escolar.

Ainda é um desafio a história das práticas escolares; aceitá-la pode permitir o entendimento de várias maneiras do fazer escolar. E isso remete a considerar a escola no âmbito das tensões da cultura, com o intuito de transformar ideias em ações e, assim, seguir a normalidade da instituição.

Para a compreensão das práticas escolares, realizadas no CSSA, é importante compreender como se deu o funcionamento interno dessa instituição e sua relação com a sociedade. É o que este estudo pretende revelar, através de suas práticas escolares.

Figura 10 – Aula de Matemática



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Observa-se nessa imagem uma aula de matemática, ministrada por frei Antônio Dantas; não se tem precisão sobre o ano exato dessa imagem, mas o período é entre 1953 a 1970, anos em que esse frei lecionou na instituição. A nota mínima para a admissão nas matérias ministradas no Colégio era 7,0 pontos em cada matéria.

Nos anos de 1910 e 1920, o canto orfeônico teve suas primeiras manifestações em São Paulo; em 1932, tornou-se ensino obrigatório no Rio de Janeiro. Em 1942, o canto orfeônico expandiu-se pelo ensino de todo o território nacional, sendo matéria obrigatória no ensino secundário. Esse curso secundário no CSSA era o equivalente ao Colegial Clássico. Tal obrigatoriedade seria parte importante para a realização do civismo e da disciplina. Durante os 16 anos, que permaneceu na instituição, frei Adriano Hipólito foi um dos responsáveis pelo coral; na sua ausência, assumia João Pinto (frei Honorato).

Frei Adriano Hipólito, sergipano de São Cristóvão, nascido em 18 de janeiro de 1918, iniciou suas atividades no CSSA em 1942, permanecendo até o final de 1960, quando foi transferido para Salvador. Entre os anos de 1948 a 1951, período em que esteve em Portugal,

com o objetivo de se aperfeiçoar em Literatura Portuguesa e em Pedagogia, bem como no estudo da história dos franciscanos no Brasil, destacou-se como professor, prefeito, diretor de estudos, regente e compositor. Em 1954, publicou o “Cancioneiro de Ipuarana”¹¹, coleção de cantos de sua autoria, que marcaram profundamente os ex-alunos e professores do Colégio.

Esse autor extraiu essas letras do fascículo que acompanha o disco “Canções para coro”, de Dom Adriano Hipólito, lançado pelo Coral dos Canarinhos de Petrópolis, produzido por SONOPRESS-RIMO, da Amazônia Indústria e Comércio Fonográfica Ltda. A seguir, destaca-se a letra de alguns cânticos, extraídas do livro *Minhas Memórias de Ipuarana*, de autoria de João Batista de Albuquerque, do ano 2000.

Quando o sino da capela

Quando o sino da capela
Principia a replicar
Toda gente se atropela
Sai de casa sem tardar
Quando o sino da roça
Já começa a badalar

Mimoso Jardimzinho

Mimoso jardimzinho
Plantado a beira mar!
Ostentas mil primores
E galas mil sem par.

Ref.: Sergipe, meu Sergipe
És forja fé ideais!
Oh, terra do meu berço
E berço de meus pais!

Da foz do São Francisco
A barra do real,
Sorrindo, as ondas beijam
O meu torrão Natal.

Romero, Jackson, Fausto.
Tobias, João Ribeiro
São filhos teus e glória

¹¹ “Cancioneiro de Ipuarana” trata-se de uma coletânea de músicas deixadas pelo frei Adriano Hipólito. Algumas composições próprias e outros clássicos da música brasileira, que eram, costumeiramente, cantadas pelos alunos nas horas de recreio a ainda hoje cantadas nos encontros dos ex-alunos.

Do povo brasileiro.

Madre Língua Portuguesa

Madre língua portuguesa
Sombra dos coros divinos
Milagre da natureza:
De rouca e surda rudeza
Erguida em sons cristalinos.
Madre língua portuguesa

Ref.: Madre língua portuguesa
Flor do Lácio inculta e bela.
Doce arrôlo de saudade
Rude ruivo da procela!
Madre língua portuguesa
Flor do Lácio inculta e bela.

Ouvi! A língua é bandeira
Da Pátria que reza e canta:
Bendito quem, entre tanta
De altiva cor estrangeira,
A luz do sol alevanta.

Figura 11 – Ensaio do Coral do Colégio Seráfico de Santo Antônio



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB.

Nota-se, na imagem a cima, o ensaio do coral, sob a ordem do frei Adriano Hipólito. Assim, percebe-se, ainda, a fisionomia de alegria dos alunos, o aspecto recreativo que a música lhes proporcionava. Nesse caso, a música desempenha tanto o papel disciplinador como lúdico. Com isso, ao ser entrevistado, frei Petrônio se recorda do frei Adriano Hipólito:

Professor de Português, eu tive português com ele. Era primeiro, o único braço direito inicialmente, depois, veio o frei SILVÉRIO também, e, mais tarde, também, passaram diáconos novos. Eu passei aqui somente cinco anos no Colégio, e, justamente, para esse curso particular que lhe falei antes que criaram um 7º ano e não ficarem um ano sem noviços. (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

Recordando-se das aulas do professor de português, como também fazendo referência aos anos em que o frei Adriano Hipólito foi segundo prefeito em 1944, terceiro prefeito entre os anos de 1945 a 1947, e primeiro prefeito nos anos de 1955 a 1957. Durante esse período, ele conciliou o trabalho como diretor de estudos do Colégio Seráfico nos anos de 1952 até 1960. O primeiro prefeito era o principal responsável pelos alunos, equivalendo, frequentemente, a um diretor de fato. Aos prefeitos, competia a orientação direta dos alunos e a disciplina. Quase sempre exerciam, também, a função de diretores espirituais.

Durante o ano de funcionamento do Colégio, muito se discutia sobre o cargo do diretor de estudos, sobre as vantagens e desvantagens de unir ou separar os cargos. Ao diretor de estudos, competia as questões referentes a programas, aulas, estudos, rendimento de alunos, entre outros. Cabe aqui mencionar, também, que além do diretor de estudos, havia os cargos de Reitor, os de Prefeitos (a partir de agosto de 1942, sempre houve dois ou três prefeitos) e os próprios professores.

Ao ser questionado sobre o frei Adriano Hipólito, o frei Anésio Gomes tem a seguinte lembrança:

Quando eu cheguei aqui, ele não estava. Ele estava fazendo um curso, estava na Alemanha, mas, logo depois, em 1951, voltou para cá, um ano e pouco depois, ele já chegou. Ainda convivi aqui pelo menos oito anos com ele. Ah! ah, foi maravilhoso, frei ADRIANO, com aqueles corais, era tudo com ele. Naquele tempo, ele trabalhou muito no Colégio, deixou muita lembrança aqui nessa casa. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Figura 12 – Apresentação do Coral do Colégio Seráfico de Santo Antônio



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB.

A imagem registra um dos momentos do Coral. Por inúmeras vezes, o coral do CSSA fez apresentações em Recife, sob a ordem do frei Adriano Hipólito, cantando algumas das músicas do Cancioneiro de Ipuarana, entre as quais se destacam: *Camarada, toca avante* (O Tropeiro); *Quem és tu, pobre vivente* (O vagalume); *O Picolé*; *Mimoso jardinzinho*; *Meu relógio, por que bates*; *Eu vou para João Pessoa* e tantas outras que estão na memória e no coração dos ex-alunos, funcionários e irmãos leigos. A letra da música *Eu vou para João Pessoa* foi extraída do livro *Minhas Memórias de Ipuarana*, de João Batista de Albuquerque, no ano de 2000, a qual está em destaque a seguir:

Eu vou para João Pessoa

Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vou para João Pessoa (4 vezes)

Tem a praia do Poço e tem Tambaú,
Tema praia do Bessa e tem Pitimbu.
Tem o parque e a Lagoa, tem lindezas mil,
Tem o Cabo Branco, Porta do Brasil.

Eu vou, eu vou, eu vou, eu vou
Eu vou para João Pessoa (4 vezes)

Do Ponto do Cem Réis vou a Miramar
 Quem está lá de cima espiando o mar.
 Tudo em João Pessoa convida a ficar
 E, por isso mesmo, vou pra não voltar.

O cotidiano escolar do Colégio era o mesmo para todos os alunos, sendo composto de três elementos: o estudo, a oração e o trabalho, e, em alguns momentos, o lazer. A divisão das alas era feita em dois claustros diferentes, sendo que no primeiro claustro ficavam os alunos do 1º ao 4º ano do curso ginásial, e, no segundo claustro, os alunos do 5º ao 7º ano do ensino Colegial Clássico. O rigor do dia a dia no Colégio Seráfico pode evidenciado em alguns depoimentos dos seus ex-alunos

Em Ipuarana, aprendi a ter horário, a ter disciplina, a estudar, a praticar esportes. Além disso, meus conhecimentos musicais aumentaram consideravelmente ao longo dos sete anos que passei por lá. Enfrentávamos uma carga horária intensa e muito voltada para as ciências humanas. No primeiro ano do ginásio, além das disciplinas normais (Português, Matemática, História, Religião, Civilidade etc), iniciei o estudo do Latim que se prolongou por sete anos, com até três aulas por semana. No segundo ano, comecei a estudar também Francês. Nos anos subsequentes, estudei Inglês, Alemão e Grego Bíblico. Eram cinco aulas por dia, com duas sessões de estudos à tarde (de 45 minutos cada). A prática de esportes (futebol, voleibol, basquete, ginástica olímpica etc) era obrigatória. O estudo de Música era opcional. (CARVALHO, MARTINS & OLIVEIRA, 2015, p. 88-89)

Observa-se, assim, que os alunos tinham currículo bastante diversificado, com estudos em dois turnos, além da prática de atividades esportivas. Sobre as atividades esportivas, destacam-se, aqui, as atividades de ginástica olímpica e futebol.

Figura 13 – Exibição de uma aula de ginástica com os alunos do Colégio Seráfico de Santo Antônio



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

As aulas de Ginástica Olímpica eram uma atração à parte no CSSA. Os frades alemães trouxeram essa atividade esportiva para o Colégio, mais precisamente o frei Vital, logo no início do funcionamento da instituição. Os alunos se preparavam durante o ano inteiro para fazer as demonstrações em festas solenes e, em especial, no único feriado não religioso, comemorado na instituição, o 7 de Setembro.

As apresentações eram esperadas com muita ansiedade, tanto pelos atletas, como pelos alunos e a própria população de Lagoa Seca. O ex-aluno, José Marconi Maciel Seixas, que estudou no Colégio Seráfico nos anos de 1964 a 1966, participou da equipe de Ginástica Olímpica e menciona que:

Quando me lembro de que fazíamos exercícios muito arriscados, quase sem proteção, ainda hoje me dá um frio na espinha. Por exemplo, aquelas pirâmides humanas. Que maluquice! E eu, sendo o menor, era o último. Ficava a uma altura de uns dez a doze metros. Todavia, ninguém jamais se machucou de forma preocupante (CARVALHO, MARTINS & OLIVEIRA, 2015, p. 166).

Outro esporte que merece destaque no CSSA é o futebol. A preferência por esse esporte se demonstrava pela quantidade de alunos que invadia o campo de terra. Com outras opções de

atividades, como o voleibol, ou aprender música, o futebol se destacava. Vale dizer que alguns alunos, quando deixaram a instituição, seguiram nessa prática profissionalmente.

Figura 14 – Um dos times de futebol da década de 1950.



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Tendo sido o maior incentivador dos jogos de futebol, realizados pelos alunos, o frei Albano observava, a certa distância, a organização e a montagem dos times que, muitas vezes, acontecia com naturalidade entre os alunos, paraibanos *versus* sergipanos, ou determinado Estado *versus* Resto (mais de um estado), também chamado de Mistura. Organizados internamente em times, os alunos jogavam partidas disputadas e, vez ou outra, chegavam times de outras localidades para disputar com os alunos do Colégio, como equipes de Campina Grande, com alguns jogadores do Treze, e de outros times da localidade. Nos anos de 1948 a 1952, o time de futebol do CSSA permaneceu invicto, sem perder uma única partida, ganhando, inclusive, do melhor time Campinense na época, o Humaitá. Após o Concílio do Vaticano II, alguns alunos do CSSA passaram a jogar basquete no Colégio Pio XI, em Campina Grande.

A formação moral e intelectual dos alunos se complementava com essas atividades físicas. A prática dessas atividades era tão importante, que era critério para a admissão dos alunos na instituição, pois eles deveriam estar em bom estado físico e mental. Durante os anos em que funcionou, o CSSA recebeu uma grande quantidade de alunos, mas, poucos chegaram a concluir os seus estudos. Nas palavras do frei Juvenal Vieira Bomfim, “Todos sabíamos que

apenas 5% dos alunos alcançavam o sacerdócio, contudo todos recebiam o mesmo tratamento educacional e religioso. Quem revelasse outra opção que não a de ser frade teria que deixar o Seminário, mesmo no meio do curso escolar” (CARVALHO, MARTINS & OLIVEIRA, 2015, p.171).

Figura 15 – Sala de aula do Colégio Seráfico de Santo Antônio



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Nota-se, na imagem acima, a sala de aula do CSSA, disposta em 5 fileiras com uma média de 8 carteiras por fila, com exceção da primeira fila da esquerda para a direita, onde encontram-se dispostas 5 carteiras, devido ao armário de livros no final da sala, numa turma composta por mais de 30 alunos. Vale salientar que todas as carteiras e cadeiras, assim como os armários foram construídos pelos próprios irmãos leigos do Colégio. Ao final da sala, percebem-se imagens religiosas, expostas em quadros nas paredes. Os alunos estão sentados, todos comportados e concentrados, durante a realização das atividades; não se percebe a imagem do professor em sala de aula. Sobre a sala de aula, merece destaque o depoimento do frei Petrônio, ex-aluno da instituição nos anos de 1942 a 1947:

A sala de aula era bem divididinha, o professor lá na frente e a gente sentado nessa banca, cada um tinha sua carteirinha com o local de colocar suas coisas

dentro. O estudo era melhor, era uma diferença enorme de estudo público, várias disciplinas (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

Na citação acima, feita pelo frei Petrônio, ele recorda como era o cotidiano na sala de aula. Além disso, rememora um fato que o marcou na época de aluno, mostrando como era a rigidez na sala de aula, quando diz que:

Eu me lembro uma vez que recebi um cartão na aula e, assim, fiquei acabado, um gaiato do meu lado disse uma coisa qualquer e eu me lembro que o professor frei PAULO me deu um “cartãozinho”, porque eu estava brigando com ele, me desentendendo, foi a conta, foi a única vez que eu levei um cartão assim aberto (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

O frei Paulo, que é mencionado na citação, é o frei Paulo Kleinken, professor do CSSA nos anos de 1942 a 1962. Ele era conhecido pela rigidez em suas aulas. Antes do início das aulas, havia o momento de oração, como menciona o frei Anésio, ao ser entrevistado para esta pesquisa, em 02 de março de 2013: *“Rezavam no começo e no fim. Geralmente, era uma Ave Maria no começo, uma prece ao Espírito Santo; geralmente, as orações eram estas”*.

O Regulamento Interno do CSSA versava desde o comportamento dos alunos em sala de aula até como eles deveriam se sentar:

Capítulo terceiro, inciso 4: Os alunos devem assistir ao ensino com toda atenção e considerar como causa indigna de um aluno bem educado brincar ou fazer coisas semelhantes na aula. Todos tenham uma posição decente, conservando-se quietos, sem se voltar para cá ou para lá, o corpo sempre ereto e as mãos sempre acima da carteira. Não apoiem com os cotovelos e evitem cruzar as pernas ou esticá-las demais. [...] **Capítulo quarto, inciso 8:** Quanto a posição todos atendam às regras de higiene e da boa educação. Sentem-se, pois, direito, não encostem o peito a banca, e não se debrucem sobre os livros (Regras para os alunos do Collegio Seraphico de Sant’Antônio em Parahyba Apud LUSTOSA, 2014, p.73)

A citação acima é confirmada pela entrevista do frei Anésio, em 03 de março de 2017, quando o irmão leigo menciona que *“a formação eu sei que era rígida viu, a formação era rígida, quem entrava aqui aprendia mesmo viu, se destacava no meio dos outros pelo comportamento”*.

O ex-aluno Edson Barbary apresenta no livro *Ipuarana 70 anos* como era a rotina no CSSA, durante as décadas de 1950 e 1960, discriminando o horário para cada atividade. Essa era a rotina da segunda-feira até o sábado, com exceção dos feriados ou período de férias:

04:55 – acordar e higiene matinal
 05:15 – oração da manhã e meditação no salão
 05:30 – missa (capela)
 06:10 – 1º estudo (sala de aula)
 06:50 – café
 07:20/08:05 – 1º aula
 08:10/08:55 – 2º aula
 09:00/09:45 – 3º aula
 09:50/10:15 – merenda e preparação das mesas para o almoço
 10:15/11:00 – 4º aula
 11:05-11:50 – 5º aula
 12:00 – hora do angelus (capela)
 12:10 – almoço, seguido de leitura de um livro comum
 12:40/13:15 – recreio e serviços de limpeza
 13:15 – reza do terço (3 mistérios) na capela
 13:30/14:40 – esporte de campo/ ginástica
 15:00/15:20 – banho
 15:30 – merenda (e curativos para os acidentados)
 15:45/16:45 – estudo obrigatório
 16:45/17:00 – intervalo e preparação das mesas para o jantar
 17:00/17:50 – estudo obrigatório
 18:00 – angelus e às seg. e quintas – leitura espiritual em sala; às terças-
 responso de Sant’Antônio; às sextas – via-sacra; às quartas- “semana-em-
 revista”
 18:15 ou 18:30 – jantar, seguido da continuação da leitura
 18:50-19:45 – recreio/música/Repórter Esso/ reza do terço (2 mistérios
 restantes) e a oração da noite
 20:00 – higiene noturna, dormir (para alguns médios, e para os grandes, estudo
 livre)
 21:00 – dormir
 No sábado, a parte da tarde era meio diferente: Em vez de jogos, busca de
 roupa limpa e trabalhos variados e pessoais. Os estudos continuavam, mas às
 vezes, um era livre para se ler romances ou, quando a vez era da turma,
 escrever cartas. Às seis da tarde, leitura espiritual. Às vezes, às 20:00 – reunião
 do Apostolado da Ordem Terceira.
 No domingo tudo era diferente. Quer saber?
 05:30 – acordar
 05:45 – oração da manhã e meditação
 06:00 – missa dominical
 06:30 – café
 06:50/07:30- tempo livre
 07:30/09:00 – missa solene com canto gregoriano (às vezes com coral,
 orquestra)
 09:30/10:30 – estudo obrigatório ou jogo importante
 10:30/11:15 – tempo livre
 12:00 – Angelus seguido do almoço
 12:40/13:15 – recreio
 13:15 – reza dos 3 mistérios do terço
 13:30/14:30 estudo livre
 14:30/17:50 – tempo livre, jogos diversos, recebimento de visitas, com direito
 a merenda às 15:30
 18:00 – bênção solene do Santíssimo, seguindo o jantar e o resto igual aos dias
 da semana.” (MORAES & ALBUQUERQUE, 2009, p. 225-228)

Como pode ser observado na citação, os alunos tinham suas atividades pré-determinadas durante a semana. Vê-se, também, que os próprios alunos eram encarregados dos serviços do Colégio, que variavam desde a limpeza dos dormitórios até a lavagem dos claustros, sempre mantendo a ordem e a obediência às regras de funcionamento da instituição.

Faz-se necessário mencionar a Porciúncula, construída a aproximadamente 150 metros da entrada do CSSA, e habitada por algumas madres alemãs franciscanas, oriundas de Dillingen, que eram procedentes do Ginásio de Santa Rita, na cidade de Areia- PB.

Com o distanciamento do seu país de origem, por questões políticas e religiosas, as franciscanas de Dillingen se comprometeram com a missão. Durante esse período, as irmãs franciscanas passaram a ter uma nova rotina e novos hábitos. A vida religiosa era uma boa oportunidade para traçar um destino diferente do que era proposto nessa época, ser mãe e dona de casa.

Com a oportunidade de terem uma educação diferenciada em conventos, com boa instrução na leitura, escrita, trabalhos manuais e em ações sociais, as mulheres começaram a perceber que a vida em um convento, além de oferecer a religiosidade, também oferecia oportunidades. A contribuição das madres para Colégio é rememorada na fala do frei Petrônio, quando menciona que elas:

eram as cozinheiras do Seminário, aquele Conventinho foi feito pra elas desde o início. Elas vieram de Dilligen, foi de lá que elas vieram, mais quase todas alemãs também, lá também tinha muita alemã. Elas eram cozinheiras e tomavam conta da lavagem de roupas, com as máquinas grandes da Alemanha, o Colégio já funcionava com essa facilidade, cozinha e lavanderia, era tudo especialista. (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

O próprio frei Anésio corrobora a importância que as irmãs da Porciúncula tiveram para o bom funcionamento do Colégio e rememora a importância delas com um olhar de irmão leigo, relatando que, naquela época, não era permitido o acesso das irmãs, tanto ao Colégio quanto ao Convento, a não ser em momentos específicos:

Não tinha mulher aqui dentro não, tinha não, naquele tempo não, e nem empregada aqui, tudo era os irmãos que faziam e no Colégio também, não tinha empregada não, a limpeza e essas coisas era tudo a turma do Colégio mesmo. Na Porciúncula, tinham as irmãs, geralmente umas 4 ou 5 tomavam conta da lavanderia, lavagem de roupa, porque era 300 pessoas aqui, era muita roupa pra lavar e a cozinha. E elas só preparavam a comida, então na hora do almoço ou da janta, colocava lá de um lado a do Colégio e de outro lado a do Convento, colocava um tabuleiro, aí a gente distribuía nas mesas.

E os alunos não tinham contato com elas, não, só por uma janelinha, uma janela pequena que só cabia o tabuleiro mesmo de comida, tanto na parte do Colégio, como na parte do Convento. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Percebe-se, no depoimento do frei Anésio, a falta de contato das irmãs da Porciúncula com os alunos do Colégio e que foi reforçado na entrevista do frei Petrônio, que menciona o contato que determinado professor tinha com as irmãs, que era

Raríssimo, eu penso, contato assim, o frei ALBANO é que se encarregava dos passeios iria um animal, um Jumento levando toda a carga e comida, leva se puder e der e frei ALBANO sempre, sempre entrava nessa equipe e existia um maior contato, fora disso, eu não sabia nem o nome das freiras. E quem servia a comida no refeitório não eram elas, elas faziam e não ficavam na cozinha, entre a cozinha e o convento havia separação muito mais rígida, não era? Eu cheguei a conhecer a cozinha depois de sair frade já; é são coisinhas que deixaram marcas. (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

As Irmãs Franciscanas, além de desenvolverem um ótimo trabalho a nível educacional no Ginásio de Santa Rita, na cidade de Areia-PB e, posteriormente, na Porciúncula, em Lagoa Seca-PB, contribuíram para o bom funcionamento do Colégio, com as funções que lhes eram determinadas, dedicaram-se a trabalhos sociais e de evangelização. Tanto é que, até hoje, elas são reconhecidas pelo trabalho realizado no setor educacional. As Irmãs Franciscanas eram carinhosamente chamadas pelos alunos do CSSA de “patinhas”.

O colégio prezava pelas boas normas e pelo bom comportamento dos seus alunos, pois caso algum aluno não atendesse as normas do Regulamento Interno, poderia ser expulso a qualquer momento. O chamado “Bilhete Azul” era entregue aos alunos pelo vigário da paróquia, e alguns recebiam o “Bilhete azul” durante as férias, esse nome foi dado, pois, nessa época, era a cor do ônibus que passava, fazendo a ligação de Lagoa Seca-PB com as regiões vizinhas. Os motivos da expulsão poderiam ir desde a insuficiência intelectual nos conteúdos ministrados até o desvio de comportamento, como, por exemplo, as “Amizades Particulares” (homossexualidade). De acordo com o Registro Escolar da instituição, nos anos de 1952 a 1963, no primeiro semestre de 1955, saíram 33 alunos, sendo dois por motivos de saúde, podendo voltar assim que se recuperassem, os outros:

foram demitidos de uma só vez, um por incapacidade intelectual, outros por serem de temperamento associal ou psicastênicos ou psicopatas, e alguns por

moleza ou esfriamento irremediável na vocação. (Registro Escolar do Seminário de IPUARANA 1952- 1963. p.37, *apud*, LUSTOSA, 2014, p.73)

Havia também casos de alunos que, durante o período de férias, não voltavam mais para o Colégio, pois, como a instituição vivia em regime de internato, era uma das poucas oportunidades que esses alunos tinham durante o ano para desistirem da carreira vocacional. Não eram todos os alunos que voltavam para casa durante o período de férias, alguns permaneciam no Colégio, pois não tinham condições financeiras de custear as despesas da viagem para casa. Os alunos que permaneciam na instituição, lembra o frei Anésio

Bom, para nós nunca faltou trabalho. Agora, os alunos eles faziam passeios, não é? Eles passeavam uma semana na praia e fazia passeio pelas fazendas, o mês num instante se passava, agora, no fim do ano era com os familiares (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Quando permaneciam na instituição, os alunos faziam outras atividades recreativas, como apresentações teatrais para a população de Lagoa Seca-PB e cobravam uma quantia simbólica para poderem custear passeios pela região, a fim de se divertirem.

Figura 16 – Passeio à praia dos alunos do Colégio Seráfico de Santo Antônio



Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Observa-se na imagem, um dos passeios feitos pelos alunos, permitindo o contato com outras pessoas fora do ambiente escolar, como, por exemplo, um morador da localidade. Momentos como esses, possibilitavam aos alunos descontração, longe da rotina vivida durante o período de aulas. Não é à toa que os alunos do CSSA se identificavam com a prática de atividades esportivas, que funcionava como uma válvula de escape para a rotina tão intensa. Apesar da obrigatoriedade, as práticas esportivas eram um dos momentos de maior lazer para os alunos daquela instituição.

O término do ano letivo no CSSA era esperado por todos que faziam parte da instituição, fossem professores ou alunos. Havia uma solenidade para a entrega dos boletins, com as notas dos alunos, sendo lidos em público, fazendo-se elogios aos que mais se destacavam, tanto nos conteúdos como no comportamento, bem como mencionando os que não obtiveram tanto êxito nesses pontos. Fato rememorado pelo ex-aluno, frei Petrônio:

No fim do ano, tinha, como chamava aquele documento? Boletim, pois o boletim, foi pelo boletim, pelas notas dadas que a gente recebia, tinha, primeiro, segundo e terceiro lugar, e, assim por diante. Os outros de terceiro pra diante não era muito importante, a gente fazia um trabalho com um gosto medonho e, provavelmente, no 2º ano, meu esgotamento nervoso era por isso (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

Através de um trecho da entrevista do frei Petrônio, foi possível saber como se dava, no final do ano, a entrega dos boletins escolares no Colégio. Com o decorrer dos anos, o CSSA permitiu a professores não ordenados, ou seja, leigos, a darem aulas, inclusive professoras, como foi o caso de Lenilda Nascimento Melo, Josele Velen e Iêda Lima. Além disso, os ex-alunos da instituição, que abandonaram a vocação missionária, para constituir família, voltaram àquela instituição como professores, como foi o caso de Cícero Agostinho Vieira (Frei Olegário).

3.2 Memórias: breves considerações sobre o cotidiano escolar

A relação entre história e memória tem sido de grande importância para o campo da História da Educação, pois, ultimamente, os estudos que vêm sendo realizados sobre memórias têm encontrado fundamento no discurso de vários autores, que encontram nos silêncios, nas lembranças e nos esquecimentos dos sujeitos participantes, vestígios para a reconstrução do momento vivenciado por eles. Como se sabe, a memória é uma questão intelectual e psíquica,

que pode gerar uma representação seletiva do passado. Foi através dessa abordagem, que se pôde compreender e conhecer as memórias sobre as práticas escolares do CSSA.

O retraimento, esquecimento e a própria amnésia caracterizam o ato de lembrar nos sujeitos e nas sociedades. Michael Pollak, em seu estudo sobre *Memória, esquecimento, silêncio*, de 1989, discute sobre a função do não dito, mencionando que:

Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (POLLAK, 1989, p.6)

Através das memórias, dos silêncios, do confessável e do inconfessável de Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário), José Cardoso (frei Petrônio Cardoso) e Rafael Gomes da Silva (frei Anésio Gomes), é que se pode compreender um pouco como se deu o cotidiano escolar no CSSA, nos respectivos períodos em que cada um deles lá atuou, seja como aluno, professor ou irmão leigo. Por isso, é oportuno conhecer um pouco do cotidiano escolar do CSSA, nos anos de 1941 a 1971. Este estudo se refere, inicialmente, ao ano de 1941, pois foi o primeiro ano de funcionamento da instituição.

Como dito anteriormente, durante os 30 anos de funcionamento dessa instituição de ensino, ela recebeu um total de 1.476 alunos. Desse modo, faz-se necessário tentar compreender e conhecer um pouco do cotidiano, não apenas vivido pelos alunos, mas também do projeto educacional proposto por essa instituição. Por isso, esta pesquisa lança mão de revistas de circulação interna da Província de Santo Antônio do Brasil, para tentar adentrar no cotidiano da época. Vale lembrar que são raros os materiais ainda existentes no Convento da época em que a instituição funcionava.

Com o fechamento da instituição, alguns dos alunos arquivaram, em acervos particulares, os documentos que marcaram sua trajetória, outros se perderam no tempo e poucos se encontram na sede da província em Pernambuco. A partir dos materiais a que esta pesquisa

pôde ter acesso, buscou-se analisar essas regras internas, encontrando, assim, subsídios que revelem aspectos do cotidiano dessa instituição de ensino nos anos pesquisados.

Os relatos fornecidos, através das entrevistas com os três sujeitos pesquisados, juntamente com os materiais encontrados nas revistas de circulação interna, como também através de livros que tratem da história dessa instituição, ajudam a compreender os reflexos deixados pela presença dessa instituição na cidade de Lagoa Seca-PB, cidade de apenas 53 anos de emancipação política.

Quando os primeiros 19 alunos começaram a chegar ao CSSA, em agosto de 1941, o Colégio já estava, em parte, concluído. Inicialmente, esses alunos ficaram sob os cuidados dos freis Arthur Recckers e Gervásio Michels. Nesse ano, a parte que funcionava o Convento contava com oito frades, a saber: frei Angelino Shaffeld, frei Arthur, frei Aulomino, frei Gervásio Michels, frei Jordão, frei Noberto Holl, frei Ulrico Moos e frei Manfredo Pantenburg, este último era também responsável, inicialmente, pelo Colégio.

No ano seguinte, chegaram mais padres para lecionar na instituição, assim como novos alunos para estudar no curso secundário. Os alunos que chegavam para estudar no CSSA vinham de escolas apostólicas de João Pessoa – PB, Triunfo - PE, Canindé - CE e Tianguá – CE e de regiões circunvizinhas a Campina Grande. Nessas regiões, apenas funcionava o curso primário, com exceção da escola de Canindé, onde funcionava, também, o Ginásio.

O CSSA era um estabelecimento particular, tendo seus estudos reconhecidos e oficializados pelo Governo Federal, conforme a lei nº. 1821 de 12 de março de 1953, que dispôs o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio, para efeito de matrícula, no ciclo que compreendia o colegial e os cursos superiores, através do Decreto 34.330 de 21 de outubro de 1953. Foi nesse mesmo ano que o curso secundário passou a ser reconhecido pelo Ministério da Educação.

Essa instituição de ensino foi, para muitos alunos, a única oportunidade de ter acesso a uma educação formal, pois não havia muita opção de escolas, principalmente nas pequenas cidades do interior do nordeste ou povoados circunvizinhos a Campina Grande, de onde vinha grande parte dos alunos. Em entrevista, frei Anésio relatou a importância dessa instituição para os alunos, pois

os pais colocavam os filhos nas escolas primárias, dizendo: olhe, diga para o frade que você quer ser frade, mas era justamente os estudos naquele tempo, porque naquele tempo não tinha ginásio. Colégio, nessas cidades do interior, era muito difícil, e nós tínhamos 4 escolas primárias, uma em Canindé, também, e todas essas 4 escolas, eles faziam o primário, dois ou três anos no primário, depois do primário é que vinham para cá (IPUARANA) e que faziam

a admissão e o ginásio, que era quatro anos e o científico três, aqui passavam 7 anos. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Não bastavam apenas as recomendações feitas pelos pais aos filhos para o ingresso no CSSA. As normas para o ingresso eram bem criteriosas, pois o aluno, além de ser aprovado no exame de admissão para o ginásio, seus pais deveriam ter uma vida baseada nos princípios cristãos. Além disso, o aluno seria impedido de estudar no Colégio, caso apresentasse defeitos físicos, doenças hereditárias ou contagiosas, ou qualquer tipo de “anormalidade”, como disfunções neuróticas, ou fosse afeminado, tendo que apresentar um atestado médico, reconhecido em cartório, que atestasse gozar de boa saúde física e mental. Ao ingressar no Colégio, o aluno precisava montar um enxoval, conforme afirma Lustosa (2014, p.60)

Com itens de uso pessoal, roupa de cama com destaque para a exigência de “1 roupa boa para domingos e festas”, e calçados variados: “sapatos; alpercatas para o diário; 1 par de chinelos havaianas e 1 par de chuteiras para futebol” e também “camisa para frio (importante por causa do clima)”. Grande parte das vezes o enxoval era doado pelos benfeitores.

O CSSA tinha como modalidades de ensino o Curso Ginásial e o Curso Clássico. Então, somente eram admitidos os alunos que já possuíssem o primário e fossem aprovados no exame de admissão. Sobre o exame de admissão, frei Anésio comenta que os alunos:

Eles faziam aqui, se não passasse no primário, que era a base para o ginásio. Era uma prova escrita, com assuntos variados, tendo este exame como finalidade o conhecimento para o ginásio, se ele passasse, era encaminhado, se não passasse, voltava e ia terminar o primário no Colégio onde estudava, não era? Porque tinha uns que vinham de fora, também sem passar pelas casas de primário, pelos Colégios que tinha o primário, porque aqui era só o ginásio e o científico. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Além da aprovação no exame de admissão, o aluno deveria apresentar uma carta de recomendação de alguém ligado à Ordem ou por um padre. Na matrícula, os alunos deveriam apresentar a carta de recomendação, além da transferência escolar e do registro civil. O frei Petrônio, ex-aluno dessa instituição, mencionou, em entrevista, como se deu sua preparação para a realização do exame de admissão no Colégio:

Eu estava com 15 ou 16 anos e fui estudar em Propriá – SE. Fiz o 1º ano do Ginásio com um professor conhecido lá, cheguei aqui com certa facilidade, relativa, tirei em primeiro lugar, segundo lugar provavelmente por conta daquela formação dada (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

O ensino ofertado no Colégio era pago, pois era o custeio desses estudos que ajudava a manter as despesas dessa instituição, mas, boa parte desses alunos, que ali estudavam, não tinham condições de pagar pelos estudos. Nesse caso, “entrava em cena” o papel dos benfeitores. Eram pessoas públicas, que apadrinhavam um aluno e, muitas vezes, de forma anônima, custeavam a parte financeira do seu estudo. Como se pode ver no depoimento do frei Anésio acerca das mensalidades do Colégio:

Eles (os alunos) davam uma ajudazinha, mas, naquela época, aquela ajuda era pouca. 50 cruzeiros, naquela época, era cruzeiros, 50 cruzeiros por mês, dava, assim, para a despesa de mais ou menos 15 dias, o resto, a província entrava. E, muitos, muitos alunos estudavam aqui com a ajuda de benfeitores e tinham alguns que não pagavam, eram conhecidos das paróquias, onde os frades trabalhavam, eles davam uma ajuda e, também, na época da colheita, os frades é que davam a assistência nessas capelas. Na época da colheita, colhia muita coisa, feijão, milho, jerimum, batatinha, dava para uns três a quatro meses, já dava uma ajuda grande, não era? Tudo produzido nessa região: Puxinanã, Montadas, Campinote, a gente colhia às vezes duas carradas de material, dava pra três a quatro meses. E sobre os benfeitores, alguns vinham aqui e se apresentavam aos alunos. Esses benfeitores eram médicos de Campina Grande, aqui esse negócio de cirurgia não se pagava, consultas. Esses médicos eram os benfeitores daqui, doutor AROLDO, doutor BEZERRA, WANDERLEI, tinha pelo menos uns quatro ou cinco médicos, tudo de Campina Grande, acho que esses médico já se foram todos, não existem mais. ULISSES PINTO, acho que já faleceu. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Sobre os estudos no CSSA, o frei Petrônio, ex-aluno da instituição, comenta que foi a atuação de um benfeitor que possibilitou seu ingresso e o custeio dos seus estudos naquela instituição:

Através de um outro jovem, chamado JOTA, que era da minha idade, mais ou menos, e ele veio em 1941, ele foi quem veio em primeiro lugar, veio até parece que antes, porque dois anos antes fez um primário em João Pessoa, João Pessoa já existia o Colégio São Pedro e, esse estudante seminarista, a gente nem sabia o que era seminarista, foi quem influenciou um pouco na minha vocação lá. A gente já se conhecia muito, porque frequentava a Igreja, e logo despertou em mim esse desejo, também, mas, cadê dinheiro? Ele tinha dinheiro, o pai era comerciante e eu aperreado assim, sem querer falar com meus pais. Quando falei papai disse: como é possível, eu vou pagar, o quê? Esse aluno foi em 1941, JOTA falou com os padres, aí os padres, os superiores, que eu não sei quem eram naquele tempo, disseram: não é por dinheiro que ele vai deixar de ser frade, não. Sabe quanto paguei? Acertei pra pagar quatro moedas, em vez de vinte que era, baixaram pra quatro, simbolicamente, pagando, acontece que nesse 2º ano, eu fiz, normalmente, e adoeci nervoso, assim um esgotamento, fui para João Pessoa, lá cai nas mãos

de um médico, que todo dia estava no Convento, assistindo missa, morando bem de frente a Igreja, sergipano da minha terra, tomamos um conhecimento tal, que ele disse eu vou assumir sua responsabilidade financeira. (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

E frei Petrônio se refere ao seu benfeitor com uma gratidão pelo fato dele ter lhe dado o devido suporte para continuar seus estudos. O frei o visitou na cidade de João Pessoa, pouco tempo após ter concluído seus estudos e de ter se tornado sacerdote. Na escrita de um pequeno livro sobre sua história de vida eclesiástica, faz menção ao benfeitor, quando que:

ANTÔNIO DIAS, doutor ANTÔNIO DIAS, médico, eu faço menção também dele nesse livrinho que estou escrevendo. Portanto, lá naquele período por dois anos, o 2º ano eu tive dois ou três meses em João Pessoa, não sei exatamente, e um aperreio medonho, porque eu só pensava: se eu tiver que sair dali, por causa desse cansaço, apesar de haver sempre uma dor, um problema mesmo pra mim e agravar minha saúde? Mas, graças a Deus, cai nas mãos de um médico formidável, que mexeu, mudou um pouco minha cabeça e eu fiquei mais satisfeito e depois voltei para o Seminário e continuei os estudos. (PETRÔNIO CARDOSO, 02/03/2017)

Outro depoimento que deve ser destacado nesta pesquisa é o de Cícero Agostinho Vieira sobre a sua benfeitora, quando menciona que

Mesmo sendo valores bem módicos, mesmo assim não se tinha condições de pagar o Colégio. Os frades arranjaram uma benfeitora, Dona Emília, que a cheguei a visitá-la quando já franciscano, estudante de Filosofia no Convento São Francisco em Olinda-PE, para manifestar-lhe minha gratidão pela generosidade dela. (CÍCERO AGOSTINHO Vieira, 07/07/2017)

Encontra-se, no acervo da biblioteca do Convento Ipuarana, um livro-caixa da época do CSSA, datado do ano de 1961, com a movimentação financeira de um determinado aluno daquela instituição, conforme a imagem a seguir:

Figura 17 – Livro de caixa

1	-	1.483,00	3.880,00	
2	-	-	-	
3	300,00	400,00	400,00	
4	20,00	120,00	70,00	
5	-	1.480,00	-	
6	-	-	100,00	
7	35,00	10,00	65,00	
8	256,00	161,00	151,00	
9	322,00	276,00	1.355,00	
10	1.050,00	-	1.445,00	
11	1.983,00	3.880,00	7.466,00	
12	1.483,00	3.880,00	966,00	Bolsa São Francisco Canindé - Ce
13	-	-	-	
14	200/61 500,00	-	309/61 1.450,00	
15	-	-	212/61 2.000,-	
16	-	-	-	
17	-	-	-	
18	500,00	-	6.500,00	
19	-	-	-	

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Observa-se, na imagem acima, que o aluno veio estudar no CSSA, mediante uma bolsa de estudos, custeada pelo Colégio de São Francisco, em Canindé- CE. As entradas financeiras se davam da seguinte maneira: na primeira coluna, a numeração que varia de 1 a 19, subentende-se que essas seriam as entradas financeiras de cada mês, para a manutenção de determinado aluno, nesse caso, esperava-se a entrada financeira de 19 meses para esse aluno.

Já na segunda coluna, notam-se, determinados meses, certos valores que somariam as doações feitas à instituição para o determinado aluno. Com o somatório do 3º mês ao 10º mês, dando o valor total especificado no 11º mês. No 14º mês, ainda da segunda coluna, houve uma retirada do valor de 500 cruzeiros, em que, no total do 12º mês, esse aluno terminou o primeiro ano, com determinado valor total de um único doador especificado.

Na terceira coluna, logo, no 1º mês, tem-se o somatório do ano anterior especificado, acrescidos dos meses seguintes, especificados no 11º mês; não houve saída de capital desse doador.

Na quarta coluna, novamente, inicia-se o ano com o capital acumulado dos anos anteriores. Novamente, percebe-se o acumulado especificado no 11º mês. Ainda observa-se a saída de capital no 12º mês, bem como nos 14º e 15º meses. Subtende-se que nos dois primeiros meses do ano, não havia doações, pelo fato de serem períodos de férias.

Como mencionado antes, os alunos do Colégio, em sua grande maioria, vinham das escolas de João Pessoa, Triunfo, Tianguá, Canindé, como se pode observar na relação dos alunos matriculados na turma de 1964. Na turma do 1º ano A, composta por 28 alunos, 11 eram naturais da Paraíba, 5 de Pernambuco, 6 do Ceará, 4 da Bahia, 1 do Maranhão e 1 do Rio de Janeiro. Tal turma tinha jovens de idade que variava de 12 a 16 anos de idade. Já a turma do 1º ano B, no mesmo ano, tinha o total de 27 alunos, destes, 9 eram naturais da Paraíba, 3 de Pernambuco, 7 do Ceará, 5 da Bahia, 2 de Sergipe e 1 do Piauí, e essa turma tinha uma faixa etária que variava de 13 a 17 anos de idade. A turma do 2º ano A tinha o total de 27 alunos, com faixa etária de 13 a 17 anos de idade, e, desses alunos, 4 eram naturais da Paraíba, 4 de Pernambuco, 10 do Ceará, 1 da Bahia, 4 de Sergipe, 3 do Maranhão e 1 do Rio Grande do Norte. A turma do 2º ano B, com faixa etária de 14 a 21 anos, era composta por 27 alunos, destes, 8 eram naturais da Paraíba, 3 de Pernambuco, 5 do Ceará, 3 da Bahia, 6 de Sergipe e 2 de Alagoas.

Com o perfil das turmas traçado, o CSSA já trabalhava com um “Plano de Diretrizes e Bases” (assim chamado, talvez, em razão da aprovação da LDB, em dezembro de 1961), tendo como objetivo a ênfase num ensino de qualidade, com o intuito de dar uma boa formação para os seus alunos, como se observa na imagem a seguir:

Figura 18 – Disciplinas do CSSA no ano de 1962

Plano de Diretrizes e Bases - 1962								
	2º	3º	4º	5º	6º	Sub.		
IA	1	Estudo	Port. Oleg.	Lat. Sig.	Mat. Fel.	Port. Oleg.	Port. Oleg.	1
	2	Lat. Sig.	Mat. Fel.	Port. Oleg.	G. Ger. M.	Lat. Sig.	E. Br. Oleg.	2
	3	Rel. Ant.	Lat. Sig.	E. Br. Oleg.	Port. Oleg.	Mat. Fel.	Lat. Sig.	3
	4	G. Ger. M.	Rel. Ant.	Cl. de Fel.	Lat. Sig.	Rel. Ant.	Lat. Sig.	4
	5	Port. Oleg.	Canto	Ginástica	M. Juv.	Cl. de Fel.	Canto	5
IB	1	Estudo	Lat. Herm.	Port. Oleg.	Port. Oleg.	Lat. Herm.	Lat. Herm.	1
	2	Rel. Mat.	Port. Oleg.	Cl. de Fel.	Lat. Herm.	Port. Oleg.	Lat. Herm.	2
	3	Lat. Herm.	M. Juv.	Lat. Herm.	Mat. Sig.	Rel. Mat.	Port. Oleg.	3
	4	Port. Oleg.	Mat. Sig.	Rel. Mat.	G. Ger. M.	Mat. Sig.	H. Br. Oleg.	4
	5	G. Ger. M.	Canto	Ginástica	H. Br. Oleg.	Cl. de Fel.	Canto	5
II	1	Estudo	Mat. Ant.	Cl. de Fel.	Lat. M.	Lat. M.	Cl. de Fel.	1
	2	Lat. M.	Lat. M.	Port. Mat.	G. Ger. Sig.	Port. Mat.	Lat. M.	2
	3	Port. Mat.	Port. Mat.	Lat. M.	Rel. Ant.	Mat. Ant.	Port. Mat.	3
	4	Lat. Sig.	H. Ger. Oleg.	Mat. Ant.	H. Ger. Oleg.	M. Juv.	G. Ger. Sig.	4
	5	Rel. Ant.	Canto	Ginástica	Port. Mat.	Rel. Ant.	Canto	5
III	1	Estudo	Rel. Mat.	Port. Herm.	Port. Herm.	Lat. Ant.	Lat. Ant.	1
	2	Lat. Ant.	Ingl. Vit.	Lat. Ant.	Lat. Ant.	Mat. Fel.	Ingl. Vit.	2
	3	H. Ger. Sv.	Port. Herm.	Mat. Fel.	Rel. Mat.	Port. Herm.	Port. Herm.	3
	4	Ingl. Vit.	Mat. Fel.	G. Br. Sig.	H. Ger. Sv.	Rel. Mat.	M. Juv.	4
	5	Port. Herm.	Canto	Ginástica	Ingl. Vit.	G. Br. Sig.	Canto	5
OI	1	Estudo	Lat. M.	Port. Dr.	Rel. Mat.	Port. Dr.	Lat. M.	1
	2	Mat. Fel.	Port. Dr.	Lat. M.	Ingl. Vit.	Lat. M.	Port. Dr.	2
	3	Lat. M.	Ingl. Vit.	G. Br. Sig.	Mat. Fel.	Ingl. Vit.	Ingl. Vit.	3
	4	Port. Dr.	Rel. Mat.	H. Ger. Sv.	M. Juv.	H. Ger. Sv.	Mat. Fel.	4
	5	G. Br. Sig.	Canto	Ginástica	Port. Dr.	Rel. Mat.	Canto	5
IV	1	Estudo	Ingl. Vit.	Port. Mat.	Lat. M.	Port. Mat.	Port. Mat.	1
	2	Lat. M.	Port. Mat.	Lat. M.	Port. Mat.	Ingl. Vit.	H. Br. Sig.	2
	3	Cl. de Fel.	Rel. Oleg.	H. Br. Sv.	Ingl. Vit.	Rel. Oleg.	Mat. Fel.	3
	4	Mat. Fel.	Lat. M.	Rel. Oleg.	Cl. de Fel.	Lat. M.	Ingl. Vit.	4
	5	Port. Mat.	Canto	Mat. Fel.	Ginástica	M. Juv.	Canto	5
V	1	Estudo	H. Ger. Sv.	Lat. M.	H. Ger. Sv.	Rel. M.	Lat. M.	1
	2	Greg. Herm.	Lat. M.	Rel. M.	Port. Juv.	Lat. M.	Port. Juv.	2
	3	Lat. M.	Alam. M.	Port. Juv.	Alam. M.	Port. Juv.	M. Juv.	3
	4	Port. Juv.	Port. Juv.	Alam. M.	Greg. Herm.	Fis. Fel.	Greg. Herm.	4
	5	Fis. Fel.	Canto	Greg. Herm.	Ginástica	Alam. M.	Canto	5
VI	1	Estudo	Greg. M.	H. Ger. Sv.	Port. Dr.	Greg. M.	Lat. Herm.	1
	2	Port. Dr.	M. Juv.	Fis. Fel.	Alam. M.	H. Ger. Sv.	Fis. Fel.	2
	3	Alam. M.	Frans. Ov.	Port. Dr.	Frans. Ov.	Alam. M.	Port. Dr.	3
	4	Lat. Herm.	Rel. M.	Lat. Herm.	Rel. M.	Port. Dr.	Greg. Herm.	4
	5	Frans. Ov.	Canto	Greg. M.	Ginástica	Lat. Herm.	Canto	5
VII	1	Estudo	Port. Dr.	Frans. Ov.	Lat. Sig.	Frans. Ov.	M. Juv.	1
	2	H. Br. Sv.	Lat. Sig.	H. Ger. Sv.	Port. Dr.	Port. Dr.	Lat. Sig.	2
	3	Lat. Sig.	Alam. M.	Greg. M.	H. Br. Sv.	H. Ger. Sv.	Greg. M.	3
	4	Greg. M.	Frans. Ov.	Alam. M.	Greg. M.	Rel. Mat.	Port. Dr.	4
	5	Rel. M.	Canto	Port. Dr.	Ginástica	Alam. M.	Canto	5
Obs. (1)								
Ant.	= Frei Antônio	Mat.		= Frei Matias	(2)		1ª aula	7,20
Dr.	= Frei David	Oleg.		= Frei Olegário			2ª aula	8,25
Fel.	= Frei Felipe	Et.		= Pe. Reitor			3ª aula	9,40
Herm.	= Frei Hermínio	Sig.		= Frei Sagramundo			4ª aula	10,45
Juv.	= Frei Juvenal	Silv.		= Frei Silvério			5ª aula	16,50
Mf.	= Frei Manfred	Vit.		= Frei Vital				
Ms.	= Frei Manoel							

Iguarara, 4 de Maio Junho de 1962

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Iguarara, Lagoa Seca- PB

O Plano de Diretrizes e Bases do ano de 1962 demonstra como se dava a organização das aulas durante a semana; elas seriam da segunda-feira até o sábado, com 5 aulas por dia, com início às 7h20min e com término às 16h50min. As aulas tinham, em média, 1h05min, às 9h30min tinha um intervalo de 10 minutos para o lanche; após o término da 5ª aula, às 11h50min, os alunos tinham a hora do ângelus na capela e o intervalo do almoço, seguido de leitura de um livro comum e outras atividades, as quais incluíam o estudo obrigatório, cujo término se dava às 16h50min.

O corpo docente era composto por 13 professores, destes, 12 frades e 1 padre. Observa-se que esses professores eram polivalentes, lecionando mais de uma disciplina e variando, de acordo com o ano cursado pelos alunos. Determinadas disciplinas, apenas seriam cursadas por esses alunos, nos anos finais de estudo no Colégio Seráfico. No ano de 1962, no CSSA, nota-

se que o Plano de Diretrizes traz as seguintes disciplinas, lecionadas pelos seus respectivos professores: Religião (frei Antônio, frei Matias, frei Olegário e o padre Reitor), Português (frei Olegário, frei Matias, frei Hermínio, frei Davi e frei Juvenal), Literatura (frei Silvério), Matemática (frei Felipe, frei Sigismundo e frei Antônio), História Geral (frei Silvério e frei Olegário), História do Brasil (frei Silvério e frei Olegário), Geografia Geral (frei Mansueto e frei Sigismundo), Geografia do Brasil (frei Sigismundo), Ciências (frei Felipe), Física (frei Felipe), Latim (frei Antônio, frei Manfredo, frei Silvério, frei Sigismundo, frei Hermínio e frei Mansueto), Alemão (frei Mansueto e o padre Reitor), Grego (frei Manfredo e frei Hermínio), Francês (frei Davi), Inglês e Ginástica (frei Vital), Música - Canto (frei Juvenal e frei Davi), o Estudo era realizado individualmente por cada aluno. A imagem a seguir detalha a carga horária semanal de cada série cursada pelos alunos:

Figura 19 – Carga horária do CSSA no ano de 1962

I P U A R A N A								
Curso Ginásial e Colegial Clássicos								
Plano de Diretrizes e Bases - 1962								
		1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª
Conselho Federal	1 Português	6	6	6	6	6	5	5
	2 História	2	2	2	2	2	2	4
	3 Geografia	2	2	2	-	-	-	-
	4 Matemática	3	3	3	3	-	-	-
	5 Ciências fis. e Biol.	2	2	-	2	2	2	-
Complementares	Latim	6	6	5	5	5	4	4
	Inglês	-	-	4	4	-	-	-
	Alemão	-	-	-	-	4	3	3
	Francês	-	-	-	-	-	3	3
Optativas	Música (canto)	3	3	3	3	3	3	3
	Grego	-	-	-	-	4	4	4
Práticas educativas	Educação física	1	1	1	1	1	1	1
	Religião (liturg.)	4	4	3	3	2	2	2
Número de horas sem.		29	29	29	29	29	29	29

N. B. a) Nas 4 séries do ginásio haverá sempre 1 aula de Liturgia por semana.
b) A História do Brasil será dada nas 1ª e 4ª séries do ginásio e 3ª série do colégio.
c) O programa oficial nas diversas matérias servirá de base.
d) Nas 2ª feiras, a primeira aula será sempre estudo.

Ipuarana, 21 de março de 1962.

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Como se pode observar na figura acima, o currículo proposto era dividido em 4 grades curriculares, as quais se dividiam em matérias obrigatórias, complementares, optativas e de práticas educativas. O currículo proposto pelo CSSA se diferenciava dos demais currículos de outras instituições, pelo fato de oferecer disciplinas complementares, tais como: Latim, Inglês,

Alemão e o Francês, além do Canto e do Grego como disciplinas optativas. O Estudo individual era realizado sempre na primeira aula das segundas-feiras; as disciplinas de Português, História, Latim, Música (Canto), Educação Física (Ginástica) e Religião (Liturgia) eram ofertadas durante os 7 anos de estudos no Colégio Seráfico. A carga horária semanal era de 29 horas semanais para todas as turmas.

Outra diferença entre o CSSA e outras instituições é que os alunos assistiam aulas de segunda a sábado, mantendo a mesma rotina de estudos, com exceção dos dias feriados e no período das férias. Dessas 29 horas semanais, os alunos tinham suas atividades divididas em três períodos: manhã, tarde e noite. Pela manhã, assistiam em média 5 aulas. No período da tarde, as atividades eram distribuídas em atividades, como os estudos obrigatórios, atividades físicas, leitura de livros, orações e serviços de limpeza do prédio e higiene pessoal. No período da noite, após o jantar, alguns alunos davam continuidade às leituras, aos estudos livres; outros praticavam as aulas de música, seguida da higiene pessoal e recolhimento para o dormitório.

O CSSA preparava os alunos para o Exame de Madureza, que era o exame que aferia o conhecimento curricular dos alunos, para a entrega do diploma de conclusão. Tal exame era realizado tanto no Ginásio quanto no Colegial. Um dos pré-requisitos era ser maior de 16 anos, para os alunos que faziam o exame referente ao ginásio, e maior de 19 anos, para os que faziam o exame referente ao colegial. Outro pré-requisito era o aluno ter cumprido um período de 2 a 3 anos para a conclusão do curso, seguido da realização de provas. A exigência do Exame de Madureza desempenhou importante papel na vida escolar desses alunos. A denominação do nome “Madureza” se dá a uma referência à maturidade dos alunos. A imagem a seguir mostra o cronograma para a realização do exame de madureza em 1962.

Figura 20 – Exame de madureza

EXAME DE MADUREZA						
1. Determinações:						
a) Dia 26 de junho, às 16 hs., reunião dos professores do sétimo ano para apresentação e discussão da matéria destinada às provas escritas.						
b) Dia 26 de junho: último dia de aula.						
c) Dia 19 de julho: sessão solene, entrega dos boletins.						
2. Provas escritas: 5 - 11 de julho.						
3. Provas orais: 18 de julho.						
Exames escritos:						
	5	6	7	9	10	11
David	Português	-	-	-	-	-
Manfredo	-	-	Grego	-	-	-
Reitor	-	-	-	Religião	-	Alemão
Sigismundo	-	Latim	-	-	-	-
Silvério	-	-	-	-	H. Brasil	-
Exames orais:						
às	8 horas:	Religião	Examinadores:	Reitor	Mans.	Silv.
		Portug.	"	David	Juv.	Oleg.
		Grego	"	Manf.	Herm.	Matias
às	15 horas:	Latim	"	Manf.	Herm.	Antônio
		Alemão	"	Reit.	Mans.	Felipe

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana, Lagoa Seca- PB

Observa-se que há algumas determinações feitas aos professores para a realização do exame de madureza, além da divisão do exame em escrito e oral. Esse exame era oferecido aos alunos que tinham que mostrar, perante alguns professores, que haviam adquirido os domínios necessários para a aprovação da série. Era mediante a aprovação do Exame Madureza do Ginásio, que o aluno cursava o Colegial, e mediante aprovação do exame de Madureza do Colegial, que o aluno concluía seus estudos no CSSA.

Nota-se, na figura acima, que, com exceção do frei Sigismundo, todos os freis e o padre Reitor, que participaram dos exames escritos, estavam presentes nos exames orais. Outro fato interessante é que o conteúdo de História do Brasil, presente no exame escrito, não estava presente no exame Oral. Cícero Agostinho Vieira fala sobre seu exame de Madureza:

O exame de madureza era a monografia, era um rigor maior do mundo, lembro que quando fui fazer, o frei Manfredo, que é um ícone de Lagoa Seca, um homem que se dedicou à Catequese, e que foi meu professor durante o tempo que estudei em Ipuarana, disse: Cícero, vamos ver aqui a literatura de Cícero, aí examinou, examinou, e quando frei Aurélio ia perguntar algumas coisas, aí frei Manfredo disse: está ultrapassado o tempo, e o alemão é muito rigoroso, não é? Quando eu terminei, nem fui para as férias e no último ano, fui direto para o noviciado. (CÍCERO AGOSTINHO VIEIRA, 07/07/2017)

Durante os 30 anos de funcionamento, o CSSA teve, no seu corpo docente, um total de 49¹² professores, distribuídos entre freis, padres e professores leigos. A título de uma melhor compreensão, há, aqui, uma distribuição em três décadas: a primeira, de 1942 a 1950; a segunda, de 1951 a 1960 e a última, de 1961 a 1971.

Nos anos de 1942 até 1950, o Colégio contou com o corpo docente, formado por 18 professores, a saber: **Paulo Kleinken** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1962 (20 anos); **Marcelo Gercken** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1952 (10 anos); **Geraldo Post** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1949, retornou em 1952 e permaneceu até 1961 (16 anos); **Manfredo Panternburg** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1966 (24 anos); **Angelo Hunold** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1949 (07 anos); **Silvério Albuquerque** – entrou na instituição no ano de 1942 e permaneceu até o ano de 1964 (22 anos); **Armando Lindemann** – entrou na instituição no ano de 1943 e permaneceu até o ano de 1947 (04 anos); **Adriano Hipólito** – entrou na instituição no ano de 1943 e permaneceu até o ano de 1949, retornou em 1951 e permaneceu até 1961 (16 anos); **Vicente Senge** – entrou na instituição no ano de 1943 e permaneceu até o ano de 1947 (04 anos); **Tomás Kockmeyer** – entrou na instituição no ano de 1945 e permaneceu até o ano de 1948 (03 anos); **Ambrósio Kunstleben** – entrou na instituição no ano de 1945 e permaneceu até o ano de 1946 (01 ano); **Carlos Almeida** – entrou na instituição no ano de 1946 e permaneceu até o ano de 1958, retornou em 1960 e permaneceu até 1971 (23 anos); **Hermano Meier** – entrou na instituição no ano de 1948 e permaneceu até o ano de 1951 (03 anos); **Godofredo Raulf** – entrou na instituição no ano de 1948 e permaneceu até o ano de 1949 (01 ano); **Floriano Loewenau** – entrou na instituição no ano de 1948 e permaneceu até o ano de 1951 (03 anos); **Luciano M. Pinheiro** – entrou na instituição no ano de 1949 e permaneceu até o ano de 1951 (02 anos); **Renato Humkamo** – entrou na instituição no ano de 1949 e permaneceu até o ano de 1951 (02 anos); **Vital Boklage** – entrou na instituição no ano de 1949 e permaneceu até o ano de 1955 (06 anos).

Nos anos de 1951 a 1960, o Colégio contou com o corpo docente, formado por 18 professores, além de 3 que retornaram de anos anteriores, a saber: **Artur Reckers** – entrou na instituição no ano de 1951 e permaneceu até o ano de 1964, retornou em 1969 e permaneceu

¹² Neste estudo, há esse quantitativo, pelo fato de ser o que pôde ser encontrado em Revistas de circulação e livros, mas, em entrevista, o ex-aluno e ex-professor da instituição Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário) mencionou que o CSSA contou, também, com a presença de professoras, como foi o caso de Lenilda Nascimento Melo, Josele Velen e Iêda Lima.

até 1971 (15 anos); **Lúcio Reher** – entrou na instituição no ano de 1951 e permaneceu até o ano de 1955 (04 anos); **Gil Bonfim** – entrou na instituição no ano de 1951 e permaneceu até o ano de 1954 (03 anos); **Herculano Sousa** – entrou na instituição no ano de 1951 e permaneceu até o ano de 1953 (02 anos); **Generoso Knipfer** – entrou na instituição no ano de 1952 e permaneceu até o ano de 1953 (01 ano); **Antônio Dantas** – entrou na instituição no ano de 1953 e permaneceu até o ano de 1970 (07 anos); **Honório R. Brasil** – entrou na instituição no ano de 1953 e permaneceu até o ano de 1956 (03 anos); **Benvenuto Fust** – entrou na instituição no ano de 1954 e permaneceu até o ano de 1957 (03 anos); **Sigismundo Krulls** – entrou na instituição no ano de 1955 e permaneceu até o ano de 1966 (11 anos); **Aurélio S. Aquino** – entrou na instituição no ano de 1955 e permaneceu até o ano de 1958, retornou em 1963 e permaneceu até 1966 (06 anos); **Conrado C. Leão** – entrou na instituição no ano de 1956 e permaneceu até o ano de 1957 (1 ano); **Amando S.** – entrou na instituição no ano de 1957 e permaneceu até o ano de 1961 (04 anos); **João Pinto** – entrou na instituição no ano de 1957 e permaneceu até o ano de 1960, retornou em 1965 e permaneceu até 1971 (09 anos); **Epifânio Gress** – entrou na instituição no ano de 1958 e permaneceu até o ano de 1961 (03 anos); **Inácio Schweer** – entrou na instituição no ano de 1958 e permaneceu até o ano de 1960 (02 anos); **Demétrio Santos** – entrou na instituição no ano de 1958 e permaneceu até o ano de 1961, retornou em 1966 e permaneceu até 1971 (08 anos); **Angelino Feitosa** – entrou na instituição no ano de 1959 e permaneceu até o ano de 1962 (03 anos); **Basílio de Lima** – entrou na instituição no ano de 1960 e permaneceu até o ano de 1961 (1 ano).

Nesse sentido, faz-se necessário elencar os 13 professores que formaram o corpo docente, juntamente com outros quatro, que retornaram e ficaram do período de 1961 até o fechamento do Colégio, em 1971, a saber: **Valeriano Barreira** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1962 (1 ano); **Luís G. Thomaz** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1962 (1 ano); **Hermínio Teófilo** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1963 (2 anos); **Davi Gomes** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1966 (5 anos); **Mansueto Wollny** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1963 (2 anos); **Juvenal Bonfim** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1968 (7 anos); **Crisólogo Nimphius** – entrou na instituição no ano de 1961 e permaneceu até o ano de 1964 (3 anos); **Matias Figueiredo** – entrou na instituição no ano de 1962 e permaneceu até o ano de 1971 (9 anos); **Olegário Vieira** – entrou na instituição no ano de 1962 e permaneceu até o ano de 1970 (8 anos); **J. Milton Azevedo** – entrou na instituição no ano de 1962 e permaneceu até o ano de 1966, retornou em 1967 e permaneceu até 1971 (8 anos); **Antônio Carlos Cajueiro** – entrou

na instituição no ano de 1963 e permaneceu até o ano de 1967 (4 anos); **Benjamin Alc.** – entrou na instituição no ano de 1964 e permaneceu até o ano de 1966, retornou em 1968 e permaneceu até 1970 (4 anos); **Aloisio Fragoso** – entrou na instituição no ano de 1966 e permaneceu até o ano de 1967 (1 ano).

Vale notar que os anos de 1950, 1965, 1970 e 1971 não houve ingresso de novos professores. Como mencionado antes, dos 49 professores que passaram pelo CSSA durante o seu funcionamento, 9 destes tiveram mais de uma passagem pela instituição, a saber: Geraldo Post, Adriano Hipólito, Carlos Almeida (frei Felipe), Artur Reckers, Aurélio S. Aquino, João Pinto, Demétrio Santos, J. Milton Azevedo e Benjamin Alc.

Outro fato que merece atenção é que na primeira década de funcionamento do Colégio, os professores permaneceram por mais tempo na instituição, a saber: **Paulo Kleinken** (20 anos), **Silvério Albuquerque** (22 anos), **Carlos Almeida** (23 anos) e **Mafredo Panternburg** (24 anos). Na segunda década, destacam-se os professores: **Antônio Dantas** (07 anos), **Demétrio Santos** (08 anos), **João Pinto** (09 anos), **Sigismundo Krulls** (11 anos) e **Artur Reckers** (15 anos). E, na última década, destacam-se os professores: **Juvenal Bonfim** (7 anos), **Olegário Vieira** (8 anos), **J. Milton Azevedo** (8 anos) e **Matias Figueiredo** (9 anos).

Merece destaque Carlos Almeida Pereira (frei Felipe), que foi professor da instituição por duas vezes, retornando para a inauguração do primeiro laboratório de alto nível, numa escola secundária na região nordeste: a “Sala de Física”. Foi através dos esforços de Carlos Pereira que passaram a ser feitas, com mais frequência, atividades extracurriculares, como, por exemplo, as exposições de física. No ano de 1960 foi construído o laboratório de Física, fato que motivou o retorno do professor ao Colégio Seráfico. E a relevância de Carlos foi tanta para a instituição, que, depois de duas décadas do fechamento do Colégio, parte do laboratório de física foi doado ao Colégio Estadual Dr. Elpidio de Almeida (Estadual da Prata), outra parte do laboratório, que pertencia a instituição, como menciona o frei Anésio, foi doada a Carlos:

com o fechamento do Colégio, o laboratório ficou aí, alguns anos, mas depois, quando veio uma reforma, nos anos de 1990, passou uns 20 anos aí parado, aí depois de 20 anos, a gente doou, justamente a frei CARLOS, esse laboratório. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

É pertinente conhecer um pouco da história de Carlos Almeida Pereira (frei Felipe). Natural de Fortaleza - CE, desde cedo foi estudar em instituições religiosas, a *priori*, na Casa de São Francisco, em Canindé – CE. Em 1939, já era noviço, com apenas 16 anos de idade.

Como o próprio Carlos cita em uma palestra realizada no V Simpósio de Ensino de Física do Nordeste em Lagoa Seca-PB, no ano de 1993:

Pois, ao contrário da grande maioria dos senhores, minha formação ocorreu toda ela num contexto religioso. Retirado do ambiente familiar e internado num seminário menor, aos 10 anos de idade (Canindé-CE, 1933), envergando o burel de religioso franciscano antes dos 16, concluí os estudos teológicos e fui ordenado padre em novembro de 1945, antes, portanto, de haver completado 23 anos de idade. Uma vida, até aí, precocemente reclusa entre os muros de um convento, como o exigiam as normas do tempo no caminho por que enveredara, e durante a qual fora preservado a incerteza do amanhã, da preocupação pelo pão de cada dia, da competição por um emprego, mas também do enlevo que só acompanha a descoberta da emotividade e do amor. (PEREIRA, 1993, p.147)

Carlos viu um colega seu receber o título de Doutor em Teologia, tornando-se Arcebispo de São Paulo. Em 1945, frei Filipe recebeu a Ordenação Sacerdotal e no ano de 1946, tornou-se professor do CSSA, onde permaneceu por 23 anos como professor de Matemática, Ciências Físicas e Biológicas e Alemão:

Uma vez concluído o período de formação do padre, nada mais natural, dessa forma que ser enviado pelos meus superiores para o então fundado Seminário de Ipuarana (exatamente este local que ora nos abriga), encarregado de aí lecionar Matemática e Física. Face à urgência das tarefas e à escassez de pessoal, não pude sequer pensar em fazer estudos superiores. “Para aprender, basta ensinar!”, era uma norma utilitarista que vigorava neste contexto. (PEREIRA, 1993, p.147)

Após o Concílio Vaticano II (1961-1965), começou a se questionar as “Santas Missões” pelos próprios setores eclesiais, sendo tratadas como fanatismo religioso. Regni (1991, p.220) menciona que “o clima de desconfiança cresceu tanto ao ponto de impedir o célebre missionário do Nordeste, frei Damião, de continuar seu apostolado que vinha fazendo, havia tanto tempo, ao povo do sertão com suas pregações”. O próprio frei Felipe, em 1965, passou a se questionar sobre os votos feitos, no que dizia respeito à obediência, quando passou a ter aversão aos seus superiores, e, com relação ao voto de pobreza, quando se decepcionou com a falta de coerência entre o discurso e a prática. Usando sua túnica de casimira, frei Felipe sempre se lembrava do cordão com os três nós, que trazia a sua mente os votos feitos de pobreza, castidade e obediência, fazendo com que abrisse mão de bens materiais, da renúncia ao casamento e da liberdade, e esta só podia ser entregue a Deus.

Mas, com as novas regras do Vaticano, frei Felipe voltou a ser chamado de frei Carlos, como destaca o frei Anésio em entrevista:

é, naquele tempo, quando entrava na ordem mudava de nome, e quem escolhia os nomes era a direção da província, a gente recebia o hábito e não sabia nem que nome ia receber, era uma novidade pra nós, mas desde os anos de 1970 para cá, foi abolido e ficou com o nome civil. (ANÉSIO GOMES DA SILVA, 03/03/2017)

Em 1973, com o fechamento do CSSA, frei Carlos passou a lecionar em outra instituição; foi morar em Campina Grande no ano de 1974. Em 1976, dispensado do celibato pelo Papa Paulo VI, Carlos, com 53 anos, casou-se com Maria do Socorro Guedes de Araújo, de 29 anos, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de Campina Grande. Essa cerimônia religiosa foi celebrada pelo colega de Seminário, frei José Maria Limeira Alves e dois ex-alunos de Carlos, frei Moisés Rocha de Almeida e frei Arnaldo Motta e Sá. Carlos e Maria do Socorro tiveram dois filhos, Felipe e Isabel.

Carlos, após a morte de sua irmã, passou a sofrer alguns problemas de saúde, sendo internado por uma insuficiência cardíaca, vindo a falecer aos 85 anos de idade, no dia 09 de agosto de 2008, vítima de uma infecção generalizada.

Foi relatada, aqui, um pouco da história de frei Felipe, pois ele foi professor dessa instituição durante 23 anos e abandonou a vocação para se casar, pois a principal função do Colégio era a formação para a vida religiosa, e um professor tido como referência daquela instituição, não conseguiu cumprir com essa missão.

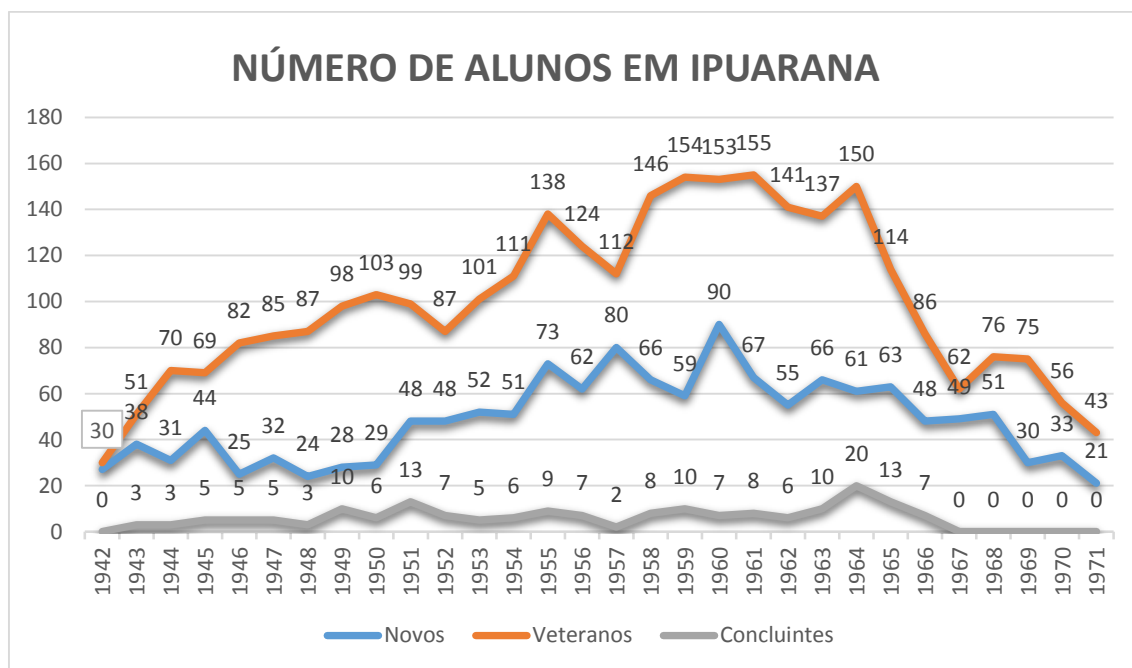
Nesse momento, faz-se necessário uma reflexão sobre a finalidade do CSSA, a preparação de futuros sacerdotes franciscanos e a “reopção” a essa vocação. O Colégio, durante seus 30 anos de funcionamento, recebeu o total de 1.476 alunos matriculados, 184 concluíram o currículo do Seminário, e eram grandes as expectativas para essa instituição de ensino, desde o lançamento da pedra fundamental, como mostra a citação a seguir:

No discurso que pronunciou no dia do lançamento da primeira pedra, 28 de janeiro de 1940, assim se expressava o Pe. Definidor frei Matias Teves: “Uma primavera de vida religiosa transforma de uns poucos anos para cá os campos do Brasil! ... A convicção católica se define, entra na vida pública, sacode os espíritos, o Brasil acordou grandioso para a vida religiosa e as vocações sacerdotais se multiplicaram... E eis a província franciscana em campo para preencher os claros das suas fileiras. O Colégio Seráfico que ora aqui se prepara deve ser a sementeira para os filhos do Seráfico Patriarca que, constituindo a fina flor da família cristã, irão fazer redundar os seus frutos férteis sobre os jardins florescentes da pátria... Constitui esse fato auspicioso um momento de máxima importância para o povo cristão e mesmo para as

futuras gerações. Deste sítio irão subir ao céu as preces dos religiosos e dos alunos... À sombra deste cruzeiro deve iniciar-se a intensificação da vida religiosa de toda esta região de Lagoa Seca e além”. (PEREIRA, 1972, p.5)

Os excelentes frutos dessa sementeira foram poucos. A sua grande maioria não chegou ao seu ponto de amadurecimento, “caindo” antes do processo de colheita. O gráfico a seguir exemplifica melhor essa discussão:

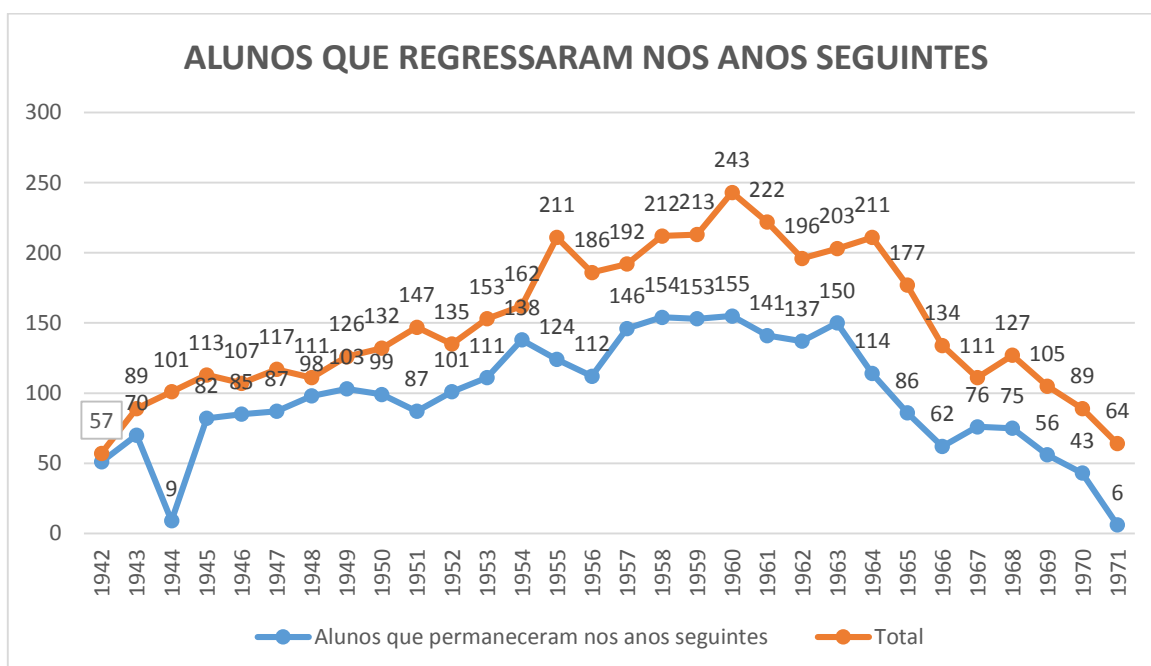
Gráfico 1 – Número de alunos que estudaram em Ipuarana



Fonte: Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil.

Nota-se, no gráfico acima, que o Colégio começou a funcionar em 1942, com 57 alunos, destes, 30 vieram do Colégio Seráfico de João Pessoa, e 27 eram “novos”. Ao todo, no correr dos 30 anos de funcionamento, foram matriculados 1.476 alunos. Analisando ainda esse gráfico, observa-se que o número de alunos, até o ano de 1958, manifesta-se numa clara tendência crescente; uma ou outra flutuação, não altera o caráter ascendente do gráfico. Nessa época, ou já antes, em 1955, parece ter chegado a capacidade máxima de alunos na instituição. O gráfico apenas flutua em torno de um valor médio de 200, mantendo, assim, até 1964. O máximo absoluto é atingido em 1960, com 243 alunos. A partir de 1964, o número de alunos decresce a cada ano, com apenas uma exceção, o ano de 1968, até atingir, no último ano de funcionamento, quase o mesmo nível do primeiro. O declínio leva 8 anos apenas, enquanto a “subida” levou o dobro desse tempo.

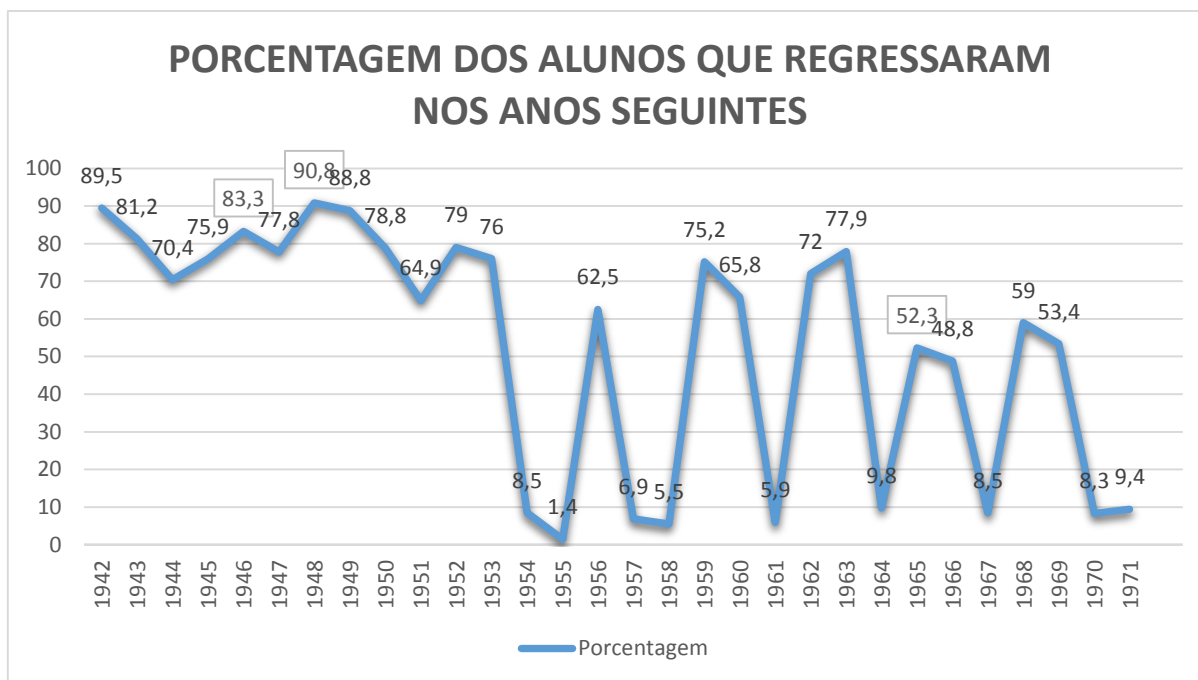
Gráfico 2 – Número de alunos que regressaram a Ipuarana



Fonte: Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

Para se chegar à quantidade de alunos que regressaram nos anos seguintes, é necessário subtrair, do total de alunos matriculados, o número de concluintes, os quais, evidentemente, não voltaram ao Colégio no ano seguinte. Um exemplo concreto está no ano de 1951, pois estavam matriculados no CSSA o total de 147 alunos, destes, 13 eram concluintes. Ao subtrair do total de 147, os 13 concluintes, pode chegar ao total de 134. Portanto, somente 134 podiam, em princípio, regressar no ano de 1952. De fato, voltaram apenas 87 alunos. Por que os outros 47 alunos não regressaram?

Gráfico 3 – Porcentagem de alunos que regressaram a Ipuarana nos anos seguintes



Fonte: Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

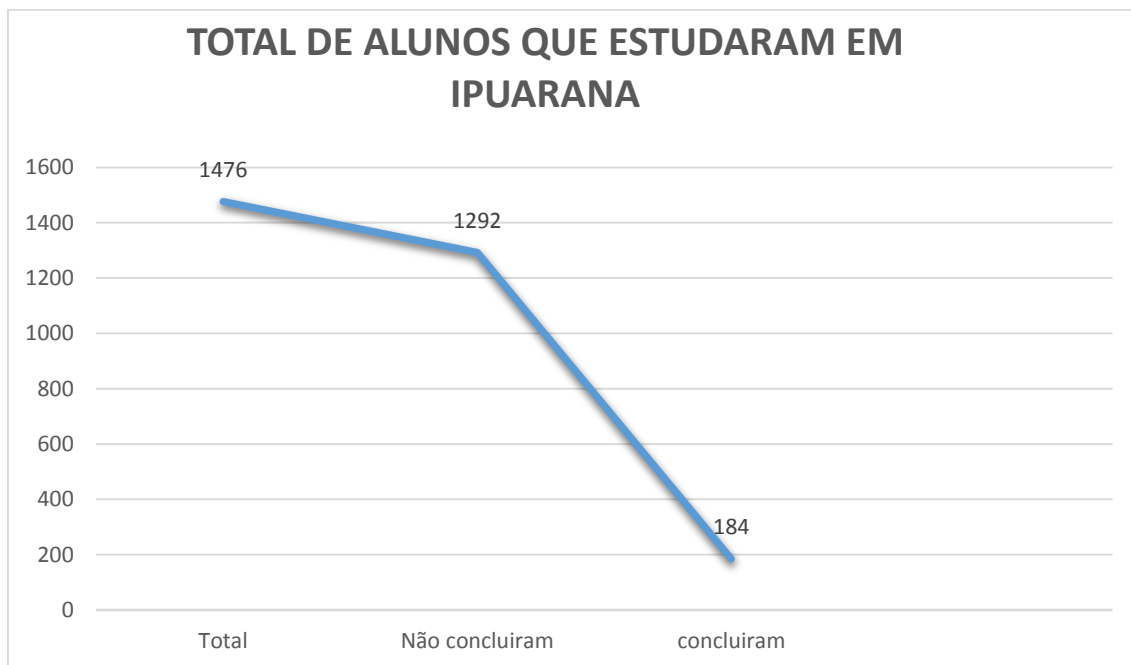
Nesse gráfico, apresenta-se a porcentagem dos alunos que regressaram nos anos seguintes. Observa-se que o gráfico manifesta uma tendência rápida, porém, clara, de declínio no decorrer dos anos. Além disso, apresenta, também, grandes flutuações, crescimento e declínio. Crescimento mais pronunciado nos anos de 1942, 1948, 1949, 1954, 1963 e 1967. Declínio nos anos de 1944, 1951, 1955, 1956, 1965, 1966 e, nos últimos anos, 1969 e 1970. O ano de 1971 não deveria, propriamente, figurar no gráfico, uma vez que, fechado o Colégio, não retornou nenhum aluno no ano seguinte. Porém, são levados em consideração os 6 alunos que continuam estudando nos conventos de São Pedro Gonçalves e Olinda. Haveria alguma explicação para essas observações? A citação a seguir, apresenta as seguintes hipóteses:

- 1- Porcentagem elevada em 1942; início do funcionamento do Colégio; boas perspectivas para o futuro;
- 2- Mínimo em 1944; frei Albino é afastado da prefeitura;
- 3- Máximo em 1948/49; o Colégio já se firmou; a situação é de estabilidade; o número de alunos é razoável: nem grande demais nem pequeno demais;
- 4- Mínimo em 1951; mudança total da diretoria em 1950;
- 5- Máximo em 1954; (estabilidade da diretoria?);
- 6- Mínimo em 1955/56: frei Adriano faz rigorosa seleção, visando devolver ao Colégio o seu caráter de seminário;
- 7- Mínimo (pouco pronunciado) em 1960/61; época da “massa”, do número excessivo de alunos;

- 8- Máximo em 1963: orientação mais aberta; predomínio de padres jovens no professorado, que assumem maior participação na formação; professorado mais homogêneo;
- 9- Mínimo em 1965/66: a crise pós-conciliar; (excesso de abertura?);
- 10- Máximo em 1967; nova diretoria; sintonia entre direção e alunos; tendência a transformar o seminário em colégio aberto;
- 11- Declínio em 1969/70: a tendência anterior não consegue afirmar-se, fechados as escolas apostólicas; poucas perspectivas para o seminário. (PEREIRA, 1972, p.10)

Observa-se, que, para Pereira (1972), haveria algo que pudesse demonstrar a “eficiência” ou “ineficiência” do CSSA. Fato é que, se o Colégio for “eficiente”, ou seja, funcionar bem, a contento dos alunos, então, nos anos seguintes, haverá um número maior de alunos que continuará no Colégio; se não agradar, o Colégio voltará a ter um número menor. Haverá, também, casos em que os alunos deixarão de voltar por motivos alheios a sua vontade, seja porque foram dispensados pela direção, por incapacidade nos estudos, ou, por dificuldades familiares. Mas, a “eficiência” do Colégio terá, provavelmente, grande influência no regresso desses alunos. Nesse momento, é oportuno observar o gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Total de alunos que estudaram em Ipuarana

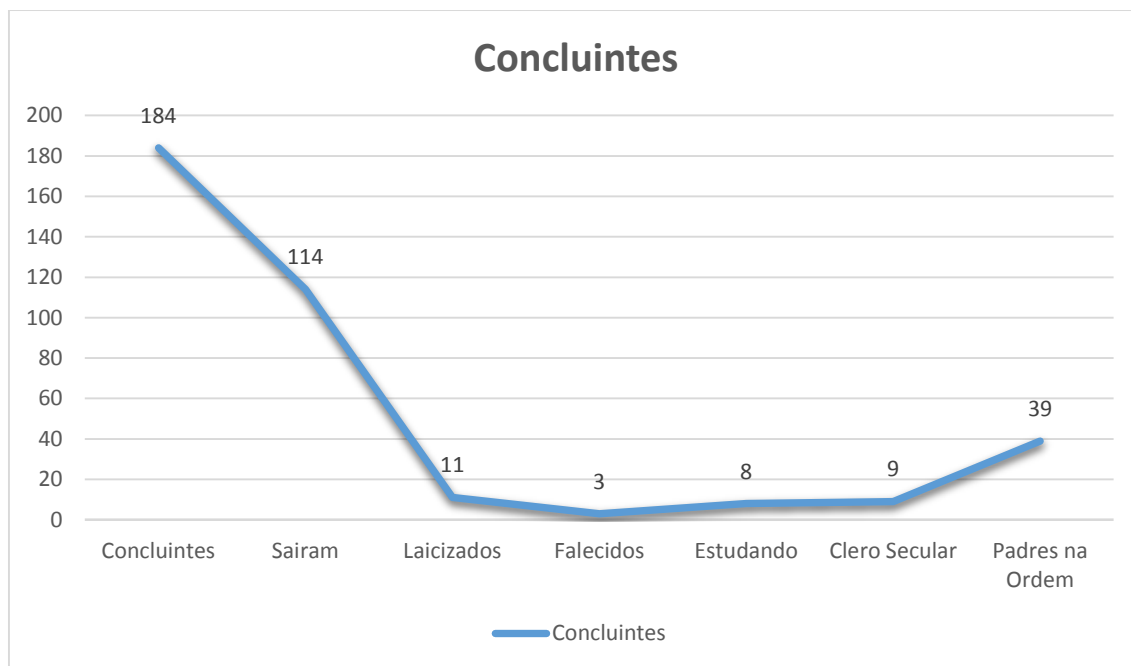


Fonte: Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

Qual conclusão que se pode tirar desse gráfico? Fica evidente que só em observar esse número global, não se pode estabelecer um critério que julgue a ineficiência ou eficiência do CSSA, pois, vale destacar a crise que surgiu nos seminários e nas Igrejas, a partir do Concílio

do Vaticano. Muitos seminários foram fechados no Nordeste e em todo Brasil. A seguir, há o gráfico que acerca dos concluintes de Ipuarana.

Gráfico 5 – Número de alunos que concluíram os estudos em Ipuarana



Fonte: Revista da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil.

O que aconteceu com esses concluintes, depois de deixarem o CSSA, não pertence, propriamente, a esta pesquisa. Mas, é válido tomar conhecimento das informações disponíveis, através da Separata da Revista Santo Antônio, que trata dos 30 anos de Colégio, como mostra a citação a seguir:

Dos 184 concluintes, 39 são sacerdotes em atividade na ordem franciscana. Mas há também 4 licenciados no clero secular, 5 que se ordenaram como padres seculares, 11 que se laicizaram depois da ordenação e 2 que faleceram. Somando tudo, o total dos que se ordenaram sacerdotes chega a 61. Há ainda 2 clérigos estudantes e os 6 que estão concluindo o secundário. Um faleceu ainda clérigo: frei Benício, 1958, os 114 restantes saíram antes da ordenação. Desperta atenção a pequena, quase diríamos insignificante parcela constituída pelos 39 padres que continuam na Ordem, - os únicos em que se pode considerar que os objetivos estritos do Colégio foram atingidos plenamente. (PEREIRA, 1972, p.16)

Do total de alunos matriculados no Colégio, apenas 2,65%, e 21,5%, apenas do total de concluintes, atingiram o objetivo central da instituição. Admitindo-se que os 8 estudantes ainda

viesses a concluir e a se ordenar, continuando na Ordem, o máximo que essa porcentagem poderia chegar era de 3,19% e 25,5%, respectivamente. Por falta de fontes, não se pôde constatar, até o momento, se esses 8 alunos conseguiram concluir e se ordenar. A julgar por esses números, não se pode, efetivamente, continuar a considerar o Colégio como “a solução para o problema das vocações”.

Seria, entretanto, demonstrar uma grande injustiça, se aqui fosse demonstrada a eficiência e o rendimento do Colégio apenas nos 39 clérigos que permaneceram ativos na Ordem. Todos os dados e informações obtidos, seja através de livros, revistas e, até mesmo, nas entrevistas de ex-alunos, funcionários e irmãos leigos, que fizeram parte da história do CSSA, indicam as contribuições que aquela instituição deixou em suas vidas. É frequente encontrar relatos em livros, ou, em conversas, declarações mais ou menos assim: “toda minha formação eu devo a Ipuarana”, ou “nunca posso esquecer o que Ipuarana fez por mim”.

Quando as escolas apostólicas começam a ser extintas, a partir de 1970, o Colégio resiste por um ano ainda, fechando suas portas em 1971. Como nunca possuiu um sistema próprio de recrutamento, como sempre dependeu das escolas apostólicas de Canindé, Tianguá, João Pessoa e Triunfo, de onde procediam a quase totalidade dos alunos novatos, tenta amenizar a situação, recebendo um número maior de “avulsos”, mas a seleção destes alunos não demonstrou um êxito expressivo. Além disso, eles ofereciam poucas perspectivas vocacionais, assim, o rendimento do Colégio tenderia sempre a cair.

Em comemoração aos 30 anos de funcionamento do CSSA, foi publicado, na Revista de Santo Antônio, no ano de 1972, o texto que, posteriormente, veio a ser analisado por frei Carlos Almeida, sobre quais os motivos que levaram ao fechamento do Colégio. Este frei apresenta, dentro das hipóteses para o fechamento do Colégio, a diminuição de alunos nos anos de 1956 a 1957, como também a participação de professores leigos no quadro de funcionários. No Registro Escolar do ano de 1957, dá-se conta de uma baixa de 42 alunos no Colégio, durante os dois semestres daquele ano. (Registro Escolar do Seminário de Ipuarana, 1952-1963, p.55 *apud* LUSTOSA, 2014, p.81).

Com o Concílio do Vaticano II, deixou de existir aquele rigor no Colégio, e isso modificou a rotina dos alunos, que antes viviam reclusos no CSSA, passando, agora, a auxiliar os padres nas atividades junto à população, em ambientes externos. Outro fator que pode ter contribuído para o fechamento do Colégio, foi o fato de todas as Escolas Apostólicas da Província já terem sido fechadas, pois já se podiam encontrar boas escolas na região. Com isso, discutiu-se o fechamento do Colégio, pois não estava conseguindo formar mais sacerdotes para

a ordem franciscana, esse era o principal objetivo, e essa decisão foi tomada em dezembro de 1971.

O próprio Carlos Pereira, ao falar sobre o fechamento do Colégio, menciona algumas questões que podem ter contribuído para tal acontecimento:

Não vou falar das causas de âmbito geral: a abertura da Igreja, a conscientização dos indivíduos, a revolução nas comunicações, a facilidade de estudar também no interior, a crise na imagem do padre, o maior papel dos leigos na Igreja (para que ainda ser padre?), a falta de fé no internato como sistema válido de educação, e tantas e tantas outras (PEREIRA, 1972, p.19).

Com o decorrer dos anos, percebe-se que o Colégio não estava contando com o mesmo empenho e apoio da Província, visto que esta não dispunha de clérigos suficientes para o envio ao CSSA. A isso, acrescenta-se, também, que o CSSA teve professores removidos para lecionar em Bardel; outros, para serem Clérigos ou coordenadores vocacionais. Demorou certo tempo até que novos padres fossem enviados para estudarem, e, conseqüentemente, preparando-se para a tarefa de professor no CSSA. Merece destaque que os que estudaram no CSSA, especializaram-se em Ciências Exatas (frei Filipe), Línguas Modernas (frei Olegário, que se destacou na parte de Português e Latim), outros em Letras Clássicas, Matemática. Mas não houve nenhum que se especializasse na Orientação Vocacional ou em Pedagogia, tendo a preparação necessária para dirigir o CSSA. Cícero Agostinho Vieira relata que:

Nenhum daqueles que estudaram e, posteriormente, lecionaram em Ipuarana, foi preparado, como hoje as faculdades e as licenciaturas estão fazendo, nenhum foi preparado para ser professor. No meu tempo, havia uma especialização em Teologia Pastoral, e, quando nós terminávamos, o Mestre nosso dizia para onde iríamos. Aí, comigo, ele disse: Olegário, você vai pra Ipuarana (CÍCERO AGOSTINHO VIEIRA, 16/06/2017)

Contribuindo com tais argumentos, Pereira (1972) ainda acrescenta que:

Nos últimos tempos houve sempre um estado de tensão entre vastos círculos da Província e a direção de Ipuarana. Havia boatos e críticas mas pouca informação, pouca comunicação. Os dirigentes de Ipuarana caíram num estado de isolamento em relação ao restante da Província. Relacionado com isto, faltou a cooperação efetiva das casas e paróquias (houve exceções!) para com Ipuarana apesar de propósitos e promessas em contrário, como os do encontro dos superiores em Salvador, há dois anos. Grande parte dos frades, principalmente os mais novos, não “tinham fé” em Ipuarana, nem em Internato nem em Seminário: quem estava disposto a ser professor em Ipuarana? (PEREIRA, 1972, p.19).

Aliando aos argumentos mencionados por Pereira (1972), somam-se o fato de o Colégio não ter um sistema próprio de recrutamento de alunos, dependendo quase que totalmente de outras escolas Apostólicas. E quando houve à procura por novos alunos, sem uma seleção ou recrutamento destes, não houve, propriamente, êxito, pois esses alunos não atendiam aos critérios vocacionais, válidos para aquela instituição.

Antes, à procura pelo Colégio era pelo fato de a instituição ter a fama de um estudo bom e barato. Dificilmente, já nos últimos anos, não haveria procura por essa instituição, para quem desejasse ingressar na vida religiosa, pois havia outras instituições que ofereciam outro tipo de formação. Mesmo assim, ainda foram aceitos alunos considerados “bons”, mesmo que estes ainda não desajassem seguir a vida eclesiástica. Pereira (1972) ainda menciona que

Outra falha importante foi a falta de entendimento mútuo, de espírito de equipe, entre os últimos responsáveis por Ipuarana; a incapacidade manifestada pela tripulação de lá – não é acusação, eu também estou incluído, – de trabalharem em conjunto, de se entenderem, de evitarem radicalização de opiniões e consequentemente de posições. (PEREIRA, 1972, p.20)

Como consequência de todos esses fatos, o ambiente escolar foi, aos poucos, se desgastando, devido a fatores como: indisciplina, falta de um ideal religioso, o próprio ambiente mundano. Fato é que os últimos professores chegaram à conclusão de que os alunos estavam sendo antes prejudicados na sua formação do que favorecidos pelo ambiente escolar.

Com o fechamento, o CSSA se transformou em Centro Vocacional, abrigando encontros religiosos daquela comunidade, tornando-se local comum de visitas para turistas e devotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi tarefa fácil analisar como se deram as práticas escolares, ocorridas no CSSA. Houve, na verdade, vários desafios para o desenvolvimento deste estudo, a saber: a dificuldade de encontrar fontes que possibilitassem a formulação de respostas aos questionamentos que surgiam na presente discussão, considerando que o Convento Ipuarana não guarda mais documentos da época do Colégio Seráfico, os poucos documentos que se encontram estão em péssimas condições de organização e conservação; os documentos de ex-alunos da instituição se encontram em arquivos particulares. A reflexão sobre o contexto da cidade de Lagoa Seca, desde o momento da fundação da instituição até o período de fechamento, também foi um desafio para esta pesquisa, visto que ainda há poucas literaturas que tratam da história desse município.

Tais desafios foram superados, em sua grande maioria, pela abordagem da Nova História Cultural, que permitiu, através dos poucos documentos escritos, registrar a história das práticas escolares, e a partir da memória de: Cícero Agostinho Vieira (frei Olegário), José Cardoso (frei Petrônio Cardoso) e Rafael Gomes da Silva (frei Anésio Gomes), que deram ênfase as práticas escolares do Colégio Seráfico de Santo Antônio, seja como ex-alunos, ex-professor ou irmão leigo.

Todavia, a cada “descoberta”, foi possível conhecer e ressignificar a história das práticas escolares do CSSA. A elucidação, a cada novo “achado”, foi algo instigante, desafiador e de relevância, a exemplo desses fatos: só estudavam alunos homens na instituição; nas primeiras duas décadas não se admitiam professores leigos no Colégio; com o Concílio do Vaticano II, houve a admissão de professoras leigas, para o ensino, como foi o caso das professoras Lenilda Nascimento Melo, Josele Velen e Iêda Lima.

A contribuição dos sujeitos, que fizeram parte do CSSA, através de suas memórias, foi imprescindível para a construção desta dissertação, tendo em vista que esses sujeitos não guardaram consigo cartas, diários, cadernos, entre outros. Assim, a partir dessas memórias, as práticas escolares do CSSA puderam ser rememoradas. Esses depoimentos mostraram um ensino rigoroso, com práticas de atividades esportivas, aula de canto e de outros idiomas.

Ao utilizar a história oral como um procedimento teórico-metodológico, esta pesquisa pôde “construir” a história das práticas escolares daquela instituição de ensino, e, desse modo, também, pôde compreender parte da história da cidade de Lagoa Seca, a qual é marcada por fortes traços religiosos.

O presente estudo defende que as práticas escolares, ocorridas no CSSA, estavam pautadas na formação de um modelo de ser humano seráfico, voltado para servir a ordem religiosa. Porém, nem todos os alunos se tornavam frades, quebrando, assim, os princípios norteadores daquela instituição.

Em outras palavras, a fundação do CSSA integrou um conjunto de necessidades para atender ao grupo franciscano face às transformações sociais em curso naquela época, a saber: a promoção da indústria de base, juntamente com a produção de bens de capital, a Igreja Católica passava por eventos significativos como o Concílio do Vaticano, além da Conferência do Episcopado Latino Americano.

Dessa forma, especificamente, a ordem religiosa dos franciscanos veio corroborar sua supremacia, preparando jovens para a vida religiosa, que assumiriam, posteriormente, maiores responsabilidades com a vida eclesiástica, não apenas naquela localidade, mas em todo o mundo.

Destarte, muitas pesquisas podem ser desenvolvidas acerca do CSSA. Por exemplo, como foi o ensino ofertado, nessa instituição, por mulheres, após o Concílio do Vaticano II? Qual a “utilização” dos documentos de ex-alunos em arquivos particulares? Como foi a rotina da Porciúncula, que dava suporte ao CCSA, com a preparação das refeições e da lavagem de roupas para os alunos? Quais carreiras profissionais seguiram alguns dos ex-alunos que não se tornaram frades? Portanto, esta dissertação é apenas uma diretriz.

Essas indagações foram surgindo ao final da pesquisa em questão, assim como novos “achados”, a exemplo de um livro-caixa, onde consta o nome de alguns ex-alunos da instituição e os valores pagos pelos seus benfeitores, para custeio de suas despesas na instituição.

Assim, essas inquietudes e outras que possam surgir, servem como futuras propostas de teses para estudo no campo da História da Educação, especificamente, de uma educação no estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, J. B. de. Minhas Memórias de Ipuarana. **Revista dos Franciscanos do Nordeste**. Garanhuns: Tyoflan, 2000.

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

ARRUDA, G. L. de; LUSTOSA, K. S. História da primeira instituição pública do município de Lagoa Seca-Paraíba. In: II Congresso Nacional de Educação - CONEDU, 2. 2015, Campina Grande, **Anais II Conedu**. Campina Grande: CONEDU, 2015. p. 01-12.

AZZI, R. Os Capuchinhos e o movimento brasileiro de reforma católica do século XIX. **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 35, fasc. 137, mar. 1975, p. 123-139.

BARROS, J. D. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista História em Reflexão**. Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez. 2010.

BLANCK MIGUEL, M. E. A legislação educacional: uma das fontes de estudo para a História da Educação Brasileira. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D; NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs.). **Navegando na História da Educação Brasileira**. CD-ROM. Campinas, SP: Graf. FE, HISTEDBR, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRASIL. Decreto-lei nº 1.821, de 12 de março de 1953. Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores. **Diário Oficial** [da União]. Rio de Janeiro, 12 março de 1953; 132º da Independência e 65º da República. Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 16.3.1953.

_____. Decreto-lei nº 34.330, de 21 de outubro de 1953. Dispõe sobre a matrícula de alunos na primeira série do curso clássico ou do científico, dos cursos técnicos comerciais, industriais e agrícolas, mediante conveniente adaptação, **Diário Oficial** [da União]. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1953, 132º da Independência e 65º da República. Página 18360. Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 29/10/1953.

BUFFA, E. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W.; LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Orgs.). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 151-164.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CARVALHO, F. de.; MARTINS, B. S.; OLIVEIRA, R. de. **Ipuarana**: 75 anos. João Pessoa: Ideia, 2015.

CARVALHO, M. M. C. de; NUNES, C. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, J. G. (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.

CASTANHA, A. P. O uso da legislação educacional como fonte: orientações a partir do marxismo. **Revista Histedbr on-line**. Campinas, n. especial, p. 309-331, abr., 2011.

CASTRO, E. **El vocabulário de Michel Foucault**. Um recorrido alfabético por sus temas, conceptos y autores. Bernal: universidad Nacional de Quilmes, 2004.

CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Revista estudos históricos**. Rio de Janeiro. v. 7, n. 13, p. 97-113. 1994.

_____. Por una Sociologia histórica das práticas culturais. In: **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1988, p.13-28.

CHATELLIER, L. **A religião dos pobres**: as missões rurais na França e a formação do catolicismo moderno, séc. XVI-XIX, Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

CHAVES, M. W. O papel da igreja na educação escolar masculina na década de 1950. **Cadernos de pesquisa**. v. 42, n.146 p.518-537 maio/ago. 2012.

CORTESÃO, J. **Introdução à História das Bandeiras**. Segundo Volume. Lisboa: Portugália, s/d.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993. V II.

FARIA FILHO, L. M. de. A legislação escolar como fonte para a história da educação: uma tentativa de interpretação. In:_____. (Org). **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89-125.

FEBVRE, L.; MARTIN, H. **O Aparecimento do Livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2000.

FREITAS, S. M. de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FREYRE, G. **A Propósito dos Frades**: Sugestões em Torno da Influência de Religiosos de São Francisco e de Outras Ordens Sobre o Desenvolvimento de Modernas Civilizações Cristãs, Especialmente das Hispânicas nos Trópicos. Salvador: Aguiar & Souza, 1959.

GALVÃO, A. M. O. História Oral e processos de participação nas culturas do escrito. In: PINHEIRO, A. C. F.; XAVIER, L.; TAMBARA, E.; (Orgs.). **História da Educação no Brasil**: matrizes interpretativas, abordagens predominantes na primeira década do século XXI. Vitória: EDUFES, 2011.

GOVERNO DA PARAÍBA. Decreto-lei Estadual nº 3.133, de 04 de janeiro de 1964. Dispõe sobre a emancipação política da cidade de Lagoa Seca, Paraíba.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1968.

HOORNAERT, E. *et al.* **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo, primeira época. Petrópolis, vozes, 1977.

HUNT, L. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KULESZA, W. A. **A Escola e a Igreja nas Ruas da Cidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

_____. Igreja e educação na Primeira República. In: MACHADO, C. J. S. & SCOCUGLIA, A. C. (Orgs.). **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernado Beltrão [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

_____. **São Luiz**: biografia. São Paulo: Editora Record, 1999.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In: J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. **Fonte, História e historiografia da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2004, p.141-160.

LUSTOSA, K. S. **O convento e a cidade**: a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana) na cidade de Lagoa Seca-PB (1942-1972). 2014. 90f. Trabalho de Graduação (Graduação em História). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, 2014.

LYRA, S. A. **São Francisco de Assis e o Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. Editora Loyola: São Paulo, 2005.

_____. (Re) introduzindo a história oral no Brasil. 1º encontro regional de história oral. **Revista de História**. São Paulo: FFLCH/Xamã, n. 2, p. 191-203, 1996.

MORAES, J. C. D. de; ALBUQUERQUE, J. B. de. **Ipuarana 70 anos**. Recife: Editora Nossa Livraria, 2009.

NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, dez. 1993.

NUNES, C. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 131-145.

_____. CARVALHO, M. M. C. **Historiografia da educação e fontes**. 15. ed. ANPED: Caxambu, 1992.

NUNES, Z. C. R. A cultura jurídico-política e a educação brasileira: um campo de estudos em aberto. **Revista de educação**. Belo Horizonte, p. 6-14, dez./jun. 1994.

OLIVEIRA, A. de Almeida. **O Ensino público**. São Luís: [s.n], 1874.

OLIVEIRA, J. Z. de. **Memorial de atividades artísticas, didáticas, culturais, acadêmicas e profissionais**. São Paulo, 2008.

PAIVA, J. M. de. **Colonização e catequese, 1549-1600**. São Paulo: Autores Associados, 1982.

PEREIRA, C. A. **Ipuarana 2000: Refazendo uma Caminhada**. Belém: [s.n.], 1999.

_____. Minha passagem pela Física. **Revista Temas em Educação**. Centro de Educação (Mestrado em Educação). João pessoa, n. 3, p. 147-151, 1993.

_____. Os 30 anos de Colégio Seráfico em Ipuarana. In: **Revista Santo Antônio**. Recife, n. 2, p. 16-18, julho de 1972.

PINHEIRO, A. C. F. As novas abordagens no campo da história da Educação Brasileira. In: _____.; XAVIER, L.; TAMBARA, E. (Orgs.). História da Educação no Brasil: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de História da Educação**, v.11, n.3(27), p. 153-182, set./ dez. 2011.

PINSKY, C. B. Apresentação. In: PINHEIRO, A. C. F. (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.07-08.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POMBO, R. **História do Brasil**, 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

PORTELLI, A. História oral como gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 22, p. 9-36, jan./jun. 2001.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?. In: **Educar em revista**, n. 18. p. 13-28. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

REGNI, P. V. **Os capuchinhos na Bahia: os das marcas e a fundação da Província de N. S. da Piedade (1892-1983)**. [S.I.]: [S.I.], vol. 3, 1991.

REGO, J. L. do. **Meus Verdes Anos**. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

REIS, J. C. **Escola dos Annales**: a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 16. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, E. A captura de Novos Sentidos na história – gênero e etnia. **Diálogos**, DHI/UEM, v. 4, n. 4, 145-160, 2000.

ROCHE, D. «Uma declinação das luzes». In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François: **Para uma história cultural**, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 25-50.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Editora Nova Aguilar, 1994.

RÖWER, B. **A Ordem Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1947.

_____. **Os Franciscanos no Sul do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1944.

SALES, C. R. V.; AGUIAR, V. B. S.; MEDEIROS, M. A. de. URBANIZAÇÃO E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA: Uma reflexão sobre tais processos em Lagoa Seca-PB. **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia. São Luís - MA. 24 a 30 de junho de 2016.

SANGENIS, L. F. **Gênese do Pensamento Único em Educação**: Franciscanismo e Jesuitismo na História da educação brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. Franciscanos na educação brasileira. In: STEPHANOU, M. & BASTOS, M. H. C. **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol 1. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, E. J. dos. **TARIMBA**: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929- 1969). Bauru, SP: Canal6, 2007.

SANTOS, M. C. A trajetória dos franciscanos em Alagoas e suas ações no âmbito educacional (séculos XVIII – XIX). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. ed., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História** – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

_____. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (Orgs). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 65-120.

SILVA, K. V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, V. M. O ensino secundário brasileiro, um olhar à Campina Grande-PB na primeira metade do séc. XX. In: **XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste**. UFPE. 10 a 13 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.epenn2013.com.br/EPENN_DISCO/Comunicacoes/GT02-Hist%C3%B3ria-da-Educa%C3%A7%C3%A3o/GT02_O_ENSINO_SECUNDARIO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SILVEIRA, R. M. G. A 3ª GERAÇÃO DOS ANNALES: Cultura Histórica e Memória. In: CURY, C. E.; FLORES, E. C.; CORDEIRO JUNIOR, R. B. (Orgs.). **Cultura Histórica e Historiografia: legados e contribuições do século XX**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). **História e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, Vol. III, 2005.

TETTEROO, S. **A Ordem dos Frades Menores no Brasil: Resumo Histórico Cronológico 1500-1924**. São João Del Rei: Tipografia Ação Social, 1924.

THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores: a origem da lei negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VEIGA, C. G. Pensando com Elias as relações entre sociologia e história da educação. In: FARIA FILHO, L. M. **Pensadores sociais e história da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIDAL, D. G. **Cultura e práticas escolares: A escola pública brasileira como objeto de pesquisa**. Universidade de São Paulo, EDICIONES UNIVERSIDAD DE SALAMANCA Hist. educ., 25, 2006, pp. 153-171

VIERA, M. P. A. (et al). **A pesquisa em história**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

VIÑAO FRAGO, A. El espacio y el tiempo escolares como objecto histórico. **Contemporaneidade e Educação** (Temas de História da Educação), Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Cultura Escolar, ano 5, n. 7, 2000.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.247-265.

WEIDUSCHADT, P.; FISCHER, B. T. D. História oral & memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M. O. V.; FISCHER, B. T. D.; (et. al) (Orgs.). **Memórias Docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiência de Investigação**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2009. p. 66-82.

ZOTTI, S. A. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FONTES ORAIS

Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida a José Roberto Moraes dos Santos. Campina Grande-PB, 10 de março de 2017.

_____. Entrevista concedida a José Roberto Moraes dos Santos. Campina Grande-PB, 16 de junho de 2017.

_____. Entrevista concedida a José Roberto Moraes dos Santos. Campina Grande-PB, 07 de julho de 2017.

Frei Anésio Gomes da Silva. Entrevista concedida a José Roberto Moraes dos Santos. Lagoa Seca-PB, 03 de março de 2017.

Frei Petrônio Cardoso. Entrevista concedida a José Roberto Moraes dos Santos. Campina Grande-PB, 02 de março de 2017.

ANEXOS

Anexo A: Decreto 34.330- de 21 de outubro de 1953

DECRETO N.º 34.330 — DE 21 DE OUTUBRO DE 1953

Regulamenta a Lei n.º 1.821, de 12 de março de 1953

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, inciso I da Constituição Federal, decreta:

Art. 1.º. É permitida a matrícula na primeira série do curso clássico ou do científico, dos cursos técnicos comerciais, industriais e agrícolas, mediante conveniente adaptação, aos estudantes que tenham concluído um dos seguintes cursos:

- a) ginásial;
- b) comercial básico;
- c) industrial básico;
- d) de mestria agrícola;
- e) normal regional, ou de nível correspondente;
- f) de formação de oficiais pelas polícias militares das unidades federadas;
- g) de seminários.

§ 1.º. Devem ser oficiais ou reconhecidos pelo Governo Federal os cursos referidos nas alíneas a, b, c, e d, e mantidos ou reconhecidos por governo estadual o de que trata a alínea e.

§ 2.º. A prova de conclusão dos cursos comercial básico, industrial básico, agrícola, normal regional e de formação de oficiais das polícias militares deverá ser feita mediante:

- a) diploma, certificado ou certidão de conclusão de curso;
- b) documento que comprove a duração do curso por um período mínimo de quatro anos, ou de cinco anos, nos casos de cursos de formação de oficiais de polícia militar;
- c) currículo de nível médio, de que constem, pelo menos seis disciplinas do curso ginásial.

§ 3.º. Em todos os casos previstos neste artigo, o diploma, certificado ou certidão deverá estar acompanhado de histórico escolar, devidamente autenticado.

Art. 2.º. Será exigida dos candidatos à matrícula:

a) no curso colegial, a prestação de exames de português, francês, ou inglês, e matemática, quando essas disciplinas não tiverem sido estudadas ou o tiverem sido por tempo inferior ao previsto na Lei Orgânica do Ensino Secundário;

b) nos cursos técnicos de ensino comercial, a prestação de exames de português, francês ou inglês, e matemática, quando essas disciplinas não tiverem sido estudadas, ou o tiverem sido por tempo inferior ao previsto na legislação do Ensino Comercial, além das provas que se fizerem necessárias por força do disposto no artigo 21, parágrafo único, da Lei citada;

c) nos cursos técnicos de ensino industrial ou agrícola, a prestação de exames vestibulares de português, matemática, ciências físicas e naturais e desenho.

Parágrafo único. Os candidatos à matrícula na primeira série do curso clássico estarão sujeitos, ainda, a exames de latim, caso não tenham estudado essa disciplina no curso de que procedam.

Art. 3.º. Será permitida a transferência de um para outro dos seguintes cursos — ginásial, comercial básico, industrial básico, de iniciação agrícola e de seminário ao aluno que houver terminado a primeira ou a segunda série de qualquer deles.

§ 1.º. A transferência somente se efetivará mediante exames de adaptação nas disciplinas que não figurem no curso de origem.

§ 2.º. Não serão exigidos exames de adaptação de trabalhos manuais, economia doméstica e canto orfeônico.

§ 3.º. A transferência para os cursos industriais dependerá do aprovei-

Anexo B: Decreto 34.330 de 21 de outubro de 1953

— 2 —

tamento revelado pelo candidato no estágio de adaptação nas disciplinas de cultura técnica.

Art. 4.º. Os exames de adaptação referidos nos artigos anteriores serão realizados, no decorrer do primeiro período letivo, perante o estabelecimento em que o candidato pretender ingresso, permitida a matrícula condicional até a realização dos exames.

§ 1.º. Em caso de reprovação, será noventa dias depois permitida a prestação de novos exames.

§ 2.º. Os exames de estágio de adaptação a que se refere o § 3.º do artigo anterior poderão efetuar-se no decorrer do ano letivo, até à realização dos exames finais.

Art. 5.º. Além dos habilitados em curso colegial poderão inscrever-se em exames vestibulares ou concurso de habilitação:

a) aos cursos de Faculdade de Ciências Econômicas, aos de Faculdade de Direito, aos de Geografia e História, e Ciências Sociais de Faculdade de Filosofia, e de Jornalismo, os candidatos que houverem concluído os cursos técnicos de ensino comercial, com duração mínima de três anos;

b) às Escolas de Engenharia, de Química Industrial e de Arquitetura e aos cursos de Matemática, Física, Química e Desenho de Faculdade de Filosofia, os candidatos que houverem concluído os cursos técnicos de ensino industrial;

c) às Escolas de Engenharia, de Agronomia e Veterinária e aos cursos de Física, Química, História Natural e Ciências Naturais de Faculdade de Filosofia, os candidatos que houverem concluído os cursos técnicos de ensino agrícola;

d) aos cursos de Pedagogia, Letras Néo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia de Faculdade de Filosofia, os candidatos que houverem concluído o segundo ciclo do curso normal, nos termos da Lei número 1.759, de 12 de dezembro de 1952;

e) aos cursos de Faculdade de Direito e aos de Filosofia, Letras Clássicas, Letras Néo-Latinas, Letras Anglo-Germânicas e Pedagogia de Fa-

culdade de Filosofia, os candidatos que houverem concluído curso de Seminário com a duração mínima de sete anos;

f) à seção de Pedagogia de Faculdade de Filosofia, os candidatos que houverem concluído o curso pedagógico, além do curso técnico, ambos de ensino industrial;

Art. 6.º. Os estudantes a que se refere o artigo anterior poderão candidatar-se a concurso de habilitação ou exame vestibular a qualquer curso superior desde que satisfaçam uma das seguintes exigências:

a) tenham estudado, em nível de segundo ciclo, durante dois anos no mínimo, português, uma língua viva estrangeira e ainda três das seguintes disciplinas: latim, grego, francês, inglês, história geral e do Brasil, geografia geral e do Brasil, matemática, física, química, história natural, desenho e filosofia;

b) apresentem certificado de aprovação em exames realizados em estabelecimentos de ensino secundário federal, ou equiparado, de tantas disciplinas referidas na alínea anterior, quantas bastem para completar cinco, incluídas obrigatoriamente entre elas português e francês ou inglês.

Parágrafo único. O certificado de aprovação em exames complementares de cinco disciplinas será sempre exigido dos candidatos procedentes do curso normal com duração inferior a sete anos.

Art. 7.º. Os estudantes que tenham concluído curso médio reconhecido, ou curso de seminário, com duração inferior a sete anos, poderão, feita a devida adaptação, completar esse período em curso clássico ou científico.

Art. 8.º. O Ministério da Educação e Cultura expedirá as instruções complementares, necessárias à execução do presente decreto.

Art. 9.º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1953, 132.º da Independência e 65.º da República.

GETULIO VARGAS

Antônio Balbino.

Anexo C: Relação dos alunos do 1º ano "A" de 1964

PRIMEIRO ANO A DE 1964					
1.	Artão Lino dos Santos Filho	JP	02-03-50	Monteiro,	Paraíba
2.	Antonio de Almeida Braga	TR	26-07-50	Antenor Navarro,	Paraíba
3.	Antonio Carlos Fernandes Lima	TR	04-11-49	Flôres,	Pernambuco
4.	Carlos Augusto de Sousa	TI	29-07-50	Cratois,	Ceará
5.	Célio de Oliveira Carvalho	TR	27-02-50	Recife,	Pernambuco
6.	Domingos Chaves Pinto	CA	02-01-50	Traíra,	Ceará
7.	Francisco Antonio de Alcantara				
	Mocêdo	TI	08-03-50	São Benedito,	Ceará
8.	Francisco de Assis Fernandes				
	Coatano	TR	31-01-52	Pombal,	Paraíba
9.	Francisco Eufraásio Fernandes	TR	01-06-49	Antenor Navarro,	Paraíba
10.	Francivaldo Almeida Pereira	TR	04-04-50	Pombal,	Paraíba
11.	Geney Rafael Lóla	TR	11-06-50	Poção,	Pernambuco
12.	Germano Gladstone de Oliveira	TR	13-02-49	Recife,	Pernambuco
X	Givaldo Freire de Sant'Anna	TR	01-08-50	Rio de Janeiro,	Guanabara
X	João Evangelista Jacinto	AV	07-09-48	Campina Grande,	Paraíba
15.	João Faustino da Nobrega	TR	13-01-51	Cajazeiras,	Paraíba
16.	João Marques de Melo	JP	01-04-50	Pilar,	Paraíba
17.	José Ambrósio Guimarães	CA	07-12-48	Pentecoste,	Ceará
18.	José Augusto Sena Moreira	JP	26-11-49	Salvador,	Bahia
19.	José Celestino Chaves Martinez	JP	26-09-50	Salvador,	Bahia
20.	José Julio Martins Torres	TI	21-07-50	Ipu,	Ceará
21.	José Marconi Maciel Seixas	TR	22-04-51	Cajazeiras,	Paraíba
22.	Magno José de Sá Araujo	TR	07-08-52	Ouricuri,	Pernambuco
- X	Manoel Tadeu Ribeiro Fátima	AV	22-03-52	Campina Grande,	Paraíba
24.	Onesindo Pacheco Filho	TI	22-05-50	Vitosa do Ceará,	Ceará
25.	Paulo Antônio Ribeiro de Andrade	JP	14-08-49	Itajuipo,	Bahia
26.	Raimundo Souza Rosa	TI	01-06-49	Bacabal,	Maranhão
27.	Rogério Gutenberg de Oliveira				
	Régis	TR	09-12-50	Suná,	Paraíba
X	Salomão Expedito de Oliveira	JP	04-02-48	Candeias,	Bahia

Lagoa Seca, 3 de março de 1964.

Anexo D: Relação dos alunos do 1º ano "B" de 1964

PRIMEIRO ANO B DE 1964				
1. Abel Gonçalves de Souza Neto	AV	09-04-50	Pedro Segundo,	Piauí
~~X~~ Aluizio Soares da Silva	TR	02-02-47	Belo Jardim,	Pernambuco
3. Anastacio Aguiar Pontes	TI	07-08-49	Frecheirinha,	Ceará
4. Antônio Alves Filho	AV	01-02-49	Itajuípe,	Bahia
5. Antonio Oliveira Sá	TI	02-04-48	Tianguá,	Ceará
6. Benonias Rodrigues Torres	TI	26-04-49	Ipu,	Ceará
7. Carlos Araújo Aragão	JP	13-06-48	Arecaú,	Sergipe
~~X~~ Cicero Valmir Lima	TI	20-06-48	Tianguá,	Ceará
9. Edmundo Pereira Carreiro	TR	14-11-48	Pombal,	Paraíba
10. Elias Alves Neto	TR	20-07-50	Poção,	Pernambuco
11. Francisco Oliveira Pereira	TR	18-01-48	Pombal,	Paraíba
12. Francisco Ubiraja Valente Reis	JP	02-11-47	Salvador,	Bahia
13. Geraldo Cavalcante Gues	TR	30-11-47	Patos,	Paraíba
~~X~~ Hamilton Lima Soares	AV	08-02-48	Ipu,	Ceará
~~X~~ Hernando Severino de Araújo	AV	13-10-48	Alagoa Grande,	Paraíba
~~X~~ Isidoro Costa Macêdo	JP	15-05-48	Cachoeira,	Bahia
17. Jefferson Fernandes Filho	TR	19-10-49	Pombal,	Paraíba
18. João Vianey Araújo Gerra	JP	29-12-47	Pilar,	Paraíba
~~X~~ José Feitosa Filho	CA	29-01-48	Canindé,	Ceará
20. Lourival Francisco de Almeida	TR	02-12-47	Souza,	Paraíba
21. Manoel Alves de Souza	JP	08-06-47	Pôrto da Folha,	Sergipe
~~X~~ Marcos Aurélio Casarotti	JP	11-05-49	Recife,	Pernambuco
23. Odonel Alves de Souza Filho	JP	16-04-51	Salvador,	Bahia
~~X~~ Osvaldo Florenço da Costa	TI	12-01-49	Viçosa do Ceará,	Ceará
25. Paulo Roberto Farias Paiva	JP	13-11-50	João Pessoa,	Paraíba
~~X~~ Pedro Rimard de Vasconcelos Barreto	AV	18-04-49	Pedra Lavrada,	Paraíba
~~X~~ Raimundo Deiró da Silva Filho	JP	16-04-48	Salvador,	Bahia

Lagoa Seca, 3 de março de 1964.

Anexo E: Relação dos alunos do 2º ano "A" de 1964

SEGUNDO ANO A DE 1964						
~~X~~	Alberto Machado Gouveia Lima	AV	17-07-51	Recife,	Pernambuco	
- ~~X~~	Anderson Luiz Freitas da Rocha	JP	25-07-48	Salvador,	Bahia	
~~X~~	Antonio Carlos Martins	TI	07-09-49	Ipa,	Ceará	
4.	Arlindo Soares da Silva	TR	16-03-48	Belo Jardim,	Pernambuco	
- ~~X~~	Carlito Oliveira Cunha	AV	06-02-49	Itabaina,	Sergipe	
6.	Dilson Cruz Meneses	AV	01-10-47	Capela,	Sergipe	
7.	Edmar Araujo Lima	TI	20-12-48	Mucambo,	Ceará	
8.	Edson Lima Filho	TI	10-02-49	Fortaleza,	Ceará	
9.	Evaldo Moreira Mapurunga	TI	19-04-49	General Tibúrcio,	Ceará	
10.	Evilásio Correia Ventura	TR	11-12-47	Poção,	Pernambuco	
~~X~~	Fernando Antônio Gomes de Melo	JP	04-03-49	Camarásal,	Paraíba	
~~X~~	Fernando Antonio de Vasconcelos	AV	22-08-50	Picuí,	Paraíba	
13.	João Bosco Pires Ferreira	CA	02-08-49	Canindé,	Ceará	
14.	José Batista de Sousa	TI	22-10-49	Campo Sales,	Ceará	
- ~~X~~	José Elisomar de Menezes Braga	TR	28-04-50	Cajazeiras,	Paraíba	
16.	José Maria Fontenale Miranda	TI	15-01-50	Viçosa do Ceará,	Ceará	
17.	José Tarcísio Aragão	TI	08-08-49	Ibiapina,	Ceará	
- ~~X~~	Luciano dos Santos	AV	30-04-49	São Cristóvão,	Sergipe	
19.	Luís Carlos dos Santos	AV	16-12-51	Aracaju,	Sergipe	
20.	Miguel Araújo Melo	TI	04-09-50	Mucambo,	Ceará	
~~X~~	Paulo Humberto Fernandes	TR	26-02-51	Triunfo,	Pernambuco	
~~X~~	Raimundo Wescyr de Aragão Andrade	AV	19-08-49	São Luís,	Varelhão	
- ~~X~~	Raimundo Renato Fernandes	TR	24-11-49	Luís Gomes,	Rio/Grande do N.	
24.	Raimundo Sousa Dutra	TI	10-12-49	Bacabal,	Maranhão	
25.	Romão Souza Rosa	TI	28-02-47	Bacabal,	Maranhão	
26.	Vicente Miranda	TI	29-05-49	Viçosa do Ceará,	Ceará	
27.	Williamton Ferreira Gentil	TR	20-08-50	Sousa,	Paraíba	

Lagoa Seca, 1º de março de 1964.

Anexo F: Relação dos alunos do 2º ano "B" de 1964

SEGUNDO ANO B DE 1964						
1.	~~X~~ Afonso José de Oliveira	TR	15-05-47	Barro,	Ceará	
2.	Antonio Alves de Almeida	TR	27-01-47	Posbal,	Paraíba	
3.	~~X~~ Antônio Luis Santos Figueredo	JP	03-12-45	Jaguasquara,	Bahia	
4.	~~X~~ Antonio Marcelo Cordeiro de Carvalho	TR	21-11-49	Olinda,	Pernambuco	
5.	Antonio Roberto Sousa Melo	JP	19-09-48	Penedo,	Alagoas	
6.	Denis Cruz Meneses	AV	22-10-48	Capela,	Sergipe	
7.	Edilton Regis Sousa	AV	27-10-48	Aracaju,	Sergipe	
8.	Felix de Carvalho	JP	29-05-46	Japoatã,	Sergipe	
9.	~~X~~ Fernando Avelino Alves	AV	01-02-48	Campina Grande,	Paraíba	
10.	Fernando Figueiredo Barbosa	JP	14-06-46	Aracaju,	Sergipe	
11.	~~X~~ Francisco de Assis Crisostomo da Silva	JP	21-10-47	Olinda,	Pernambuco	
12.	Francisco Audisio Sá da Rocha	TI	18-02-47	Tiangui,	Ceará	
13.	~~X~~ João Stenio de Vasconcelos	TI	25-09-48	Tiangui,	Ceará	
14.	~~X~~ Joaquim Claudino Sobrinho	TR	14-06-47	Antenor Navarro,	Paraíba	
15.	~~X~~ José Alberto de Andrade	JP	06-02-48	Itabuna,	Bahia	
16.	José Claudio Noronha	CA	11-05-46	Parambu,	Ceará	
17.	~~X~~ José Wilson de Oliveira	TR	10-09-46	Posbal,	Paraíba	
18.	José de Sant'Ana	JP	30-04-48	Jaboatão,	Pernambuco	
19.	José Silvano Sobrinho	AV	07-05-48	Gurinhém,	Paraíba	
20.	Manoel Severino Gonzaga Marreiro	CA	10-11-48	Canindé,	Ceará	
21.	Manoel Silva Araujo	JP	06-11-46	Piaçessussu,	Alagoas	
22.	~~X~~ Miguel Barreto Dantas	JP	03-07-47	Itajuípe,	Bahia	
23.	Paulo Poderoso Dantas	JP	17-01-45	Frei Paulo,	Sergipe	
24.	~~X~~ Pedro Benício Dantas	TR	16-05-48	Antenor Navarro,	Paraíba	
25.	Raimundo Renato Pinto	TR	27-04-47	Uiraúna,	Paraíba	
26.	~~X~~ Sandoval Prado Cavalcanti	AV	16-08-50	Aracaju,	Sergipe	
27.	~~X~~ Washington Barbosa Leitão	AV	17-05-49	Campina Grande,	Paraíba	

Lagoa Seca, 1º de março de 1964.

Anexo G: Modelo do Histórico Escolar do Colégio Seráfico de Santo Antonio

Colégio Seráfico de Sto. Antonio
IPURANA (LAGOA SECA) - PARAIBA

Para efeito da Lei Federal nº. 1821, de 12 de março de 1953, e do Decreto nº. 34330, de 21 de outubro de 1953, do Ministério da Educação e Cultura, que dispõem sobre o regime de equivalência entre os diversos cursos de grau médio, declaramos que _____, filho de _____ e de _____, nascido a _____ de _____ de _____, em _____ Estado de _____, fôz neste Seminário o curso secundário do _____ ano (_____) até o _____ ano (_____), como consta do seguinte quadro:

	I ()	II ()	III ()	IV ()	V ()	VI ()	VII ()
História							
Português							
Latim							
Grego							
Algebra							
Geometria							
Matemática							
Hist. do Brasil							
Hist. Geral							
Moral e Cívica							
Org. Mus. e Pol. Brasil							
Geogr. do Brasil							
Geogr. Geral							
Ciências							
Física							
Química							
Biologia							
Botânica							
Zoologia							
Desenho							
Educação Física							

Além do aproveitamento regular nos estudos, declaramos que foi _____ o comportamento do aluno.

Observações: _____

Ipurana (Lagoa Seca) - PB _____ de _____ de _____

REITOR

DIRETOR DE ESTUDOS

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a):

Esta pesquisa é sobre as Práticas Escolares no Seminário Seráfico de Santo Antônio - Convento Ipuarana, em Lagoa Seca/PB (1941-1970), e está sendo desenvolvida pelo pesquisador, José Roberto Moraes dos Santos, aluno do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr. Wojciech Andrzej Kulesza.

Os objetivos do estudo são:

- Apresentar a história do Seminário Seráfico de Santo Antônio em Lagoa Seca – PB;
- Conhecer a proposta educacional do Seminário Seráfico de Santo Antônio;
- Identificar os traços da cultura escolar existentes no Seminário Seráfico Santo Antônio, através das memórias de ex-alunos, mestre, fontes imagéticas e escritas.

A finalidade deste trabalho é contribuir para abordagem das práticas escolares ocorridas no Seminário Seráfico Santo Antônio, tendo em vista que os trabalhos encontrados até então, fazem referências à instituição de forma breve, mas não aprofundada, o que demonstra a necessidade de pesquisar a trajetória dessa instituição, dando ênfase às práticas escolares, no período proposto aqui, e assim, desvelar os traços da cultura escolar presentes nas continuidades e descontinuidades da instituição, colaborando com os estudos que vêm sendo desenvolvidos no âmbito nacional e local e para a continuidade da historiografia da educação brasileira e paraibana.

O principal benefício é reconstruir, através das memórias de ex-alunos e Religiosos, juntamente com documentos escritos e imagéticos, a exemplo de fotografias e outros documentos existentes, as práticas escolares vivenciadas e praticadas por eles.

Solicitamos a sua colaboração para realizarmos como procedimento de coleta de dados a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir

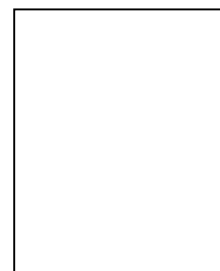
do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (*se for o caso*).

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia deste documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa ou
Representante Legal

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar)



Espaço para impressão
dactiloscópica

Atenciosamente,

Assinatura do pesquisador Responsável



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



DISCENTE:
JOSÉ ROBERTO MORAIS DOS SANTOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: ____/____/____

Nome completo: _____

Nome na Ordem: _____

Data de nascimento: ____/____/____

Profissão: _____

Natural de: _____

- 1- Quais os motivos/ fatores que o levaram a estudar no Colégio Seráfico de Santo Antônio?
- 2- Como se deu a sua admissão no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 3- Em que ano você chegou ao Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 4- Em que ano você deixou o Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 5- Por quais motivos?
- 6- Qual (ais) séries fez por lá?
- 7- Como foi sua infância (adolescência) no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 8- Como era a sua rotina no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 9- Como era seu relacionamento com os professores e funcionários?
- 10- Como era a rotina do Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 11- Durante as férias anuais você saía do internato para visitar seus familiares? Como era esse retorno?
- 12- Os alunos que não tinham como visitar seus familiares o que faziam no Colégio durante as férias?
- 13- Como era a visita dos familiares ao Colégio? Ocorriam com que frequência?
- 14- Como era a rotina na sala de aula?
- 15- A sala de aula tinha em média quantos alunos?
- 16- Como eram feitas as avaliações na sala de aula?
- 17- Você guarda algum material didático da época de aluno? Qual (ais)
- 18- Eram utilizados livros didáticos? Qual (ais)?
- 19- Eram utilizados dicionários nas aulas?
- 20- Na hora da aula havia algum horário específico para orações?
- 21- Como era a biblioteca do Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 22- Havia laboratório no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 23- Como eram as atividades físicas no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 24- Você praticava alguma dessas atividades? Qual (ais)?
- 25- Como eram as aulas de Latim e Alemão no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 26- Você conheceu o frei Filipe? Como ele era como aluno? E como professor?

- 27- Você conheceu algum aluno que recebeu o “bilhete azul” por não cumprir as regras no Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 28- Com o Concílio do Vaticano o que mudou na rotina do Colégio Seráfico de Santo Antonio?
- 29- Qual era o valor das mensalidades do Colégio? Seus familiares tinham como pagar?
- 30- Você conheceu o seu benfeitor, ou algum benfeitor do Colégio? Qual era sua profissão?
- 31- O Colégio Seráfico de Santo Antonio tinha alguma ligação com outros Colégios, a exemplo do Colégio Santo Antônio no Rio de Janeiro? se sim, qual era essa ligação?
- 32- Você conheceu o frei Adriano Hypólito? Como ele era como administrador do Colégio?
- 33- Quem você destacaria como pessoas que tiveram papéis importantes no desenvolvimento do Colégio? Por que?
- 34- Como se atribuía os nomes aos freis? Por exemplo o senhor José Cardoso era o frei Petrônio, o senhor Cícero Agostinho era o frei Olegário.
- 35- Em que o Colégio Seráfico de Santo Antonio contribuiu na sua formação social?
- 36- O que o Colégio Seráfico tinha que os demais Colégios atualmente não tem?
- 37- A que você atribui o fechamento do Colégio, visto que ele era uma referência em ensino.
- 38- Como era a maneira de estudar no Colégio Seráfico, era individual, em grupos?
- 39- Quais as orientações nos estudos fora da sala de aula?

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas Escolares no Seminário Seráfico de Santo Antonio - Convento Ipuarana, em Lagoa Seca-PB (1941-1970)

Pesquisador: José Roberto Moraes dos Santos

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 65653616.5.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.091.732

Apresentação do Projeto:

Projeto de Mestrado do próprio (Programa de Pós -graduação em Educação, que se inicia dizendo " Ao estudarmos a História da Educação no Brasil, observamos que por muito tempo a educação esteve fortemente atrelada à religião." Os sujeitos da pesquisa são quatro ex-alunos seminaristas, os quais faziam parte do Seminário Seráfico Santo Antônio.

Objetivo da Pesquisa:

O presente projeto objetiva analisar as práticas escolares ocorridas no Seminário Seráfico de Santo Antônio - Convento Ipuarana, em Lagoa Seca/PB (1941-1970), através das memórias de ex-alunos e documentos escritos disponíveis no acervo da Instituição. Entrevistas com ex-alunos (pessoas pesquisadas que varia de 80 a 95 anos de idade).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avaliados no projeto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

projeto viável baseado em aplicação de entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados nesta versão. Possui certidão da pós graduação aprovada 21/09/2016.

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 2.091.732

Recomendações:

Retirar o item do TCLE: OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto - acrescentar). E aumentar o espaço (área da figura geométrica) dactiloscópico.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado com recomendações no TCLE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_797644.pdf	08/05/2017 09:09:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.doc	08/05/2017 09:08:32	José Roberto Moraes dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/05/2017 09:07:53	José Roberto Moraes dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	colegiado.pdf	21/09/2016 12:53:29	José Roberto Moraes dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	Folha.pdf	21/09/2016 12:52:52	José Roberto Moraes dos Santos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com